

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários

Karine Grazielle Dias

O *CODEX CALIXTINUS*: milagres e maravilhas no século XII

Belo Horizonte
2017

Karine Grazielle Dias

O *CODEX CALIXTINUS*: milagres e maravilhas no século XII

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Literaturas Clássicas e Medievais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, com vista à Obtenção do título de Mestre em Letras - Literatura, História e Memória Cultural.

Prof.^a. Orientadora: Dra. Viviane Cunha

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural (LHMC).

Nível: Mestrado

Belo Horizonte
2017

Dedico este trabalho a minha mãe, Sandra Maria Basdon Dias (*in memoriam*), que se orgulhava de mim, pela minha existência e por sua presença que, mesmo sendo silenciosa, era repleta de amor, de carinho, de paciência e proteção. A quem esteve presente fisicamente no início e permanece agora em espírito.

AGRADECIMENTOS

À professora Viviane Cunha, orientadora no curso de Mestrado, pelo carinho, paciência, dedicação, conselhos e apoio. Sua presença, desde a graduação, sempre foi a força necessária para a realização desta dissertação.

À minha amada mãe, Sandra Maria Basdon Dias (*in memoriam*), que esteve presente em todos os momentos. A ela eu dedico esta dissertação.

A todas as minhas irmãs, em especial a Eliane Carla Dias, que sempre me apoiaram e me escutaram sobre os meus sonhos e anseios.

Aos meus amigos espirituais, TR, DN, MP, TC, MM, SC e EC, que sempre me inspiraram sabedoria e paciência.

À minha amiga Augusta que conheci num momento tão propício.

A Deus, à Virgem Maria, a São Tiago.

Dum sumus in corpore, peregrinamur a Domino

Por conseguinte, estamos confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão, estamos ausentes do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão...

(2 Coríntios 5, 6-8)

RESUMO

O objeto central de estudo desta dissertação é a figura do peregrino nos 22 relatos de milagres do *Livro II* do *Codex Calixtinus*, ou *Liber Sancti Jacobi*. Os milagres narrados neste códice inserem os peregrinos num universo fantástico e maravilhoso do Ocidente Medieval, do século XII, em que São Tiago, Apóstolo de Cristo, será o grande intercessor junto a Deus, para a proteção e auxílio de todo aquele que decide empreender a peregrinação até seu sepulcro sagrado em Santiago de Compostela, na Espanha. Para maior compreensão desses milagres e do culto a São Tiago no Ocidente, serão analisados também os Livros III e IV do *Codex Calixtinus*, uma vez que justificam e promovem a Basílica Compostelana, narrando as lendas medievais ligadas ao culto jacobeo.

Palavras-chave: Peregrino, milagres, *Codex Calixtinus*, peregrinação, São Tiago.

RÉSUMÉ

L'objet d'étude de cette dissertation c'est la figure du pèlerin, personnage des 22 récits de miracles du *Livre II*, du *Codex Calixtinus*, ou *Liber Sancti Jacobi*. Les miracles présentés dans ce *Codex*, insèrent les pèlerins dans l'univers fantastique et merveilleux de l'Occident Médiéval, au XIIème siècle. Saint-Jacques, Apôtre du Christ, en sera le grand intercesseur auprès de Dieu, pour évoquer la protection et l'aide pour ceux qui décident de faire le pèlerinage jusqu'à son sépulcre à Saint-Jacques-de-Compostelle, en Espagne. Pour mieux comprendre ces miracles et le culte de Saint-Jacques à l'Occident, seront analysés aussi les *Livres III* et *IV* du *Codex Calixtinus*, puisqu'ils justifient et propagent la cathédrale de Compostelle, en racontant les légendes médiévales qui y sont attachées.

Mots-clés : Pèlerin, miracles, *Codex Calixtinus*, pèlerinage, Saint-Jacques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Ida do corpo de Santiago para o palácio de Lupa.	21
Figura 02	Batalha entre Rolando e Ferragut	36
Figura 03	Carlos Magno lamenta ao encontrar o corpo de Rolando	40
Figura 04	Santiago Peregrino	56
Figura 05	Cantiga 26, de Afonso X	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
As peregrinações no contexto histórico da Antiguidade Tardia e do Século XII	10
1.1 O surgimento da fé cristã e as peregrinações na Antiguidade Tardia	12
1.2 Peregrinações no âmbito cristão	14
1.3 Os três maiores centros de peregrinação para o Ocidente na Idade Média: Jerusalém, Roma e Santiago	15
1.4 Mudança na concepção da palavra “peregrino”	16
1.5 O culto a São Tiago Maior e a descoberta de seu túmulo	17
CAPÍTULO 2	19
Livro III do <i>Codex Calixtinus</i>: traslado do corpo do apóstolo Tiago e o surgimento do culto jacobeo	19
2.1 O capítulo I: Da grande transladação de São Tiago, depois da Paixão de Nosso Senhor	20
2.2 Capítulo II: A carta do Papa Leão	22
“Começa a carta do Papa Leão acerca da transladação de São Tiago Apóstolo, que se celebra no dia 30 de dezembro”	22
2.3 Capítulo III: Papa Calixto acerca das três solenidades de São Tiago	23
2.4 Capítulo IV: Acerca das conchas de São Tiago	24
2.5 O factual nas narrativas do Livro III	25
CAPÍTULO 3	27
O livro IV do <i>Codex Calixtinus</i>: o pseudo Turpin	27
3.1 Contexto histórico: o período Carolíngio	28
3.2 A canção de Rolando	28
3.3 O livro IV do <i>Codex Calixtinus</i>	29
3.3.1 <i>O Livro IV: Prólogo da História Turpini</i>	30
3.3.2 <i>O Livro IV: Carlos Magno liberta do poder dos sarracenos as terras espanhola e galega</i>	30
3.3.3 O exemplo da esmola	32
3.3.4 A luta contra Aigolando	33
3.3.5 O gigante Ferragut	35
3.3.6 Das três sedes apostólicas	37
3.3.7 Da pessoa e da fortaleza de Carlos Magno	37
3.3.8 Da batalha de Roncesvales e da morte de Rolando e dos demais guerreiros	38
3.3.9 A morte de Carlos Magno	40
3.3.10 Milagre mediado por Rolando sobre a cidade de Grenoble	41
3.3.11 Da morte de Turpin e da descoberta de seu corpo	42
3.3.12 Apêndices do Papa Calixto	42
3.3.13 Começa a epístola do Papa Calixto	43
CAPÍTULO 4	44
Livro II – O Livro dos Milagres	44
4.1 Introdução do Livro dos Milagres, escrita pelo Papa Calixto	45
4.2 Livro II: acerca dos 22 milagres de São Tiago e uma possível categorização	47
4.2.1 Milagres de auxílio e perdão	48
4.2.2 Categoria dos Milagres de punição	73
CONCLUSÃO	79
BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	82
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	85

INTRODUÇÃO

O *Codex Calixtinus* ou *Liber Sancti Jacobi* é um importante instrumento de promoção do Apóstolo São Tiago e também da basílica de Santiago de Compostela. É um documento do século XII, escrito em latim, possivelmente entre os anos 1160 e 1170, constituído por vários autores e procedências. Todavia, a sua autoria principal foi atribuída ao Papa Calixto II, falecido em 1124, pelo fato de ter sido ele quem o mandou compor. O códice foi dedicado ao Arcebispo Diego Gelmírez, de Compostela, e ao patriarca Guilherme de Jerusalém.

A obra é uma compilação literária em honra ao apóstolo, composta por cinco livros e um apêndice, o qual esclarece e enaltece o culto a São Tiago.

O primeiro Livro compreende mais da metade da compilação e contém sermões para serem usados nas festas dedicadas a São Tiago Maior, além de ofícios litúrgicos para o seu culto.

O Livro II, possivelmente o mais antigo da compilação, é o Livro de Milagres, composto de 22 relatos referentes aos acontecimentos ocorridos nos caminhos que levam à Catedral de Santiago de Compostela. Este livro tem a finalidade de exaltar a devoção a São Tiago e de promover a confiança dos devotos ao empreenderem a peregrinação, solicitando o seu amparo.

O Livro III trata de textos referentes à trasladação do corpo de São Tiago desde Jerusalém até seu sepulcro na Galícia. É o livro mais breve do códice e de conteúdo muito significativo para promoção da Basílica Compostelana. Nele se explicam as raízes do descobrimento do sepulcro do santo e a presença do seu culto no Ocidente.

O Livro IV é uma crônica do arcebispo de Reims, Turpin, que narra a história da expedição de Carlos Magno à Hispânia, e também a morte de Rolando, entre outros feitos. Este livro apresenta as lendas carolíngias, várias tradições orais e textos escritos sobre os heróis da gesta que contribuíram para a divulgação dos caminhos franceses que levavam à basílica de São Tiago em Compostela.

O Livro V, mais conhecido como “*Livro do Peregrino*”, é um guia medieval da peregrinação. Ele descreve o caminho que vai desde a França, passando por vários lugares do Norte da Espanha, chegando à cidade de Santiago de Compostela, especificamente ao local em que se encontra a Catedral dedicada ao apóstolo São Tiago Maior.

Por toda a Europa há vários manuscritos dessa compilação, mas o mais antigo e valioso encontra-se num arquivo da Catedral de Santiago de Compostela, denominado *Liber*

Sancti Jacobi. Pode-se dizer que é uma peça única na literatura do século XII, não somente por sua concepção e realização, como também pela dimensão, pela diversidade e pelos vários autores e gêneros que nele estão presentes (DIAZ Y DIAZ, 1993).

Serão analisados neste trabalho os livros II, III e IV do *Codex Calixtinus*. Todavia, para maior compreensão e análise da obra, será invertida a ordem dos livros. O estudo começará pelo livro III, “Trasladação do corpo do apóstolo”, logo depois será estudado o livro IV, “Crônica do arcebispo Turpin ou Pseudo-Turpin”, e finalmente será analisado o livro II, que narra os 22 milagres atribuídos a São Tiago. Essa inversão é necessária para maior compreensão do contexto em que se insere o culto ao grande patrono da Espanha, tendo em vista que os capítulos III e IV promoveram um riquíssimo imaginário ao redor das viagens de peregrinação à basílica de Santiago de Compostela. Pode-se dizer que os livros III e IV justificam o culto a São Tiago e ajudam na compreensão dos 22 milagres do Livro II.

Os 22 milagres do Livro II são os maiores exemplos de fé e devoção dos peregrinos que faziam a viagem até a Basílica de Santiago, inserindo perfeitamente a figura desse viajante tão específico no imaginário medieval, no que concernem aos feitos milagrosos de São Tiago, por meio de sua intercessão junto a Deus, em auxílio e proteção do peregrino jacobeo.

CAPÍTULO 1

As peregrinações no contexto histórico da Antiguidade Tardia e do Século XII

Os historiadores denominam Idade Média o período entre a queda do Império Romano do Ocidente (476 d. C.) e a conquista da cidade de Constantinopla pelos turcos e otomanos (1453 d. C.), ou seja, um espaço de quase mil anos. A ideia de idade média foi criada por volta do século XVI pelos renascentistas, para delimitar um período que ocorreu entre o fim da cultura da Antiguidade Clássica e o século em que ela teve continuidade (século XVI).

Segundo o historiador francês Jaques Le Goff (2012, p. 17) “os humanistas e os iluministas não compreendiam a beleza e a grandeza do medievo”. Para Le Goff a Idade Média é o período entre a Antiguidade e os Tempos Modernos, uma opinião diversa dos renascentistas, que defendiam um discurso de que o medievo representava “parênteses”, pois Renascimento sugere “renascer”.

A Idade Média não foi somente um período de obscurantismo e tristezas, pode-se dizer que, ao contrário, foi a Idade das luzes conforme considerações de Jacques Le Goff (2006), já que representou um momento em que as nações europeias começaram a se constituir.

Pode-se dizer que o medievo foi o período da mobilidade humana e nesse contexto os espaços foram pouco a pouco se consolidando politicamente e religiosamente, e o homem medieval se deslocou com maior intensidade.

Num artigo interessante sobre a peregrinação na Idade Média, Cortázar (2009) considera o homem medieval como um “*Homo Viator*”, a saber, um homem que se desloca como peregrino e como viajante. Na realidade, é “o caminho simbólico de quem faz de sua vida uma busca de perfeição, ou quando menos, de desapego ao mundo, concebido como simples trânsito, como mera via, para a morada definitiva no céu” (GARCIA de CORTAZAR, 2009, p. 1)¹. Ele acrescenta ainda que os peregrinos e mercadores viviam quase como nômades nessa época.

¹ Tradução da pesquisadora

É de se notar que a Idade Média não foi um período histórico estático, em que a sociedade vivia somente para cuidar da terra ou apenas em uma determinada região. Ao contrário, a sociedade medieval possuía a característica de estar em constante mudança, sempre em viagem. Foi um período de intenso deslocamento e de muitas viagens.

A Idade Média é marcada por constantes peregrinações, isto é, o homem medieval viajava por devoção, ou pelo simples prazer do deslocamento. Entre as personagens que peregrinavam encontram-se reis, nobres, clérigos, mercadores, guerreiros, artesãos, camponeses, trovadores, etc., que seguiam em peregrinação, por vários motivos, sejam políticos, econômicos ou devocionais. Esses eram os principais peregrinos, aqueles que buscavam a Deus em todos os sentidos, mesmo que fosse através da intercessão dos santos ou da própria Virgem Maria. O objetivo das viagens medievais, num sentido devocional, era a busca pela salvação da alma, através da fé.

A palavra *peregrinus* no latim clássico quer dizer ‘estrangeiro’, aquele que se encontra longe de seu país. Refere-se àquele que vive distante, como um exilado de sua própria terra, sempre em busca de sua verdadeira pátria (que na realidade não é outra senão o céu), movido, talvez, pelo exemplo daqueles que serviram a Cristo de maneira singular (DÍAZ Y DÍAZ, 1999).

A peregrinação, portanto, é um fenômeno antigo que faz parte de várias religiões, tanto no Ocidente quanto no Oriente, e atinge até mesmo as crenças pagãs. O peregrino era uma figura relevante na religiosidade da Idade Média, e as peregrinações representaram um dos atos mais marcantes desse período histórico.

No período medieval as peregrinações tornaram-se como que uma metáfora, relacionando a jornada humana, por um lado, à salvação e, por outro lado, à busca de Deus e da vida eterna. Assim, enquanto percorria caminhos inóspitos por esse mundo, a pessoa em peregrinação acreditava que também diminuía a distância que a separava de Deus. Para a cristandade medieval, as peregrinações eram peças importantes para a união social, pois, de tão frequentes, de forma análoga ao que acontecia com a liturgia, davam uma espécie de sentido de universalidade à sociedade religiosa da época (GARCIA de CORTAZAR, 2009).

Além da salvação, havia muitas outras razões para se seguir em peregrinação. Muitos realizavam a peregrinação para a cura de uma doença, a cura do espírito, ou para alcançar uma graça, sanar uma dívida, ou até mesmo em cumprimento de pena para um crime cometido. Os motivos eram inúmeros.

Para uma pessoa fazer a viagem era necessário, em primeiro lugar, ter a permissão do bispo ou da paróquia de sua cidade. Quando se tratava de uma pessoa casada, o cônjuge

também devia dar a sua autorização. Além disso, havia preceitos para seguir viagem, pois era necessário jejuar, confessar e até mesmo fazer abstinência sexual.

Alfonso X (1221-1284), em seu *Libro de Partidas*², distinguiu as três naturezas da peregrinação: a primeira seria por livre vontade, a segunda por voto ou promessa a Deus e a terceira para cumprir uma penitência (MELO NETO, 2010, p. 54). Pode-se se dizer que a peregrinação de natureza votiva e penitencial são as mais representativas da Idade Média.

As peregrinações relacionadas à fé cristã começaram com o advento do Cristianismo na Antiguidade Tardia. No entanto, segundo José Maria Anguita Jaén (2013, p. 154), mesmo estando as visitações aos lugares ligados à vida e morte de Jesus já documentadas desde o século II, a palavra *peregrinação*, nessa época, ainda não era sinônimo para esses feitos, ou seja, ainda não possuíam o significado de viagem devocional. Mesmo os relatos de viagem aos lugares ligados à vida de Cristo, como é o caso da monja Egéria³, não eram tratados como *Peregrinationes*, mas *Itineraria*.

1.1 O surgimento da fé cristã e as peregrinações na Antiguidade Tardia

A Antiguidade Tardia marca o início da fé cristã no Ocidente. O Deus dos cristãos se torna o Deus dos romanos, um Deus que é único, diferente do paganismo, que tinha a crença em vários deuses. Quando o cristianismo é reconhecido pelo povo, “Deus assume o ‘D’ maiúsculo, marcando a tomada de consciência das pessoas para o monoteísmo” (LE GOFF, 2010, p. 20).

A passagem para o monoteísmo levou muitos séculos e foi marcada pela crença nos santos do início da Idade Média, o que motivou a destruição dos templos pagãos e a construção das igrejas. A destruição dos templos e árvores sagradas era uma prática comum na época.

Conforme Le Goff (2010, p. 24),

O novo Deus se impõe, e a crença nele se difunde, através de uma rede de lugares de culto onde os servidores de Deus, os santos, sob a forma de relíquias, tomam posse de um local para render-lhe homenagem. Uma profunda reorganização do espaço se opera com o Deus da Idade Média. (...) organizaram-se redes, organizaram-se estradas. Redes das ordens religiosas, redes das peregrinações... (...).

² *Las siete partidas del rey Alfonso el sabio*, Madrid, Imprenta real, 1807, primera partida, títulos VIII a XXIV. (In MELO NETO, 2010, p. 54).

³ Será abordado sobre a peregrinação da monja Egéria no item 1.2.

Quando o imperador Constantino (288-337 d.C.) se converteu ao cristianismo, no século IV, deu início à obra de identificação e preservação dos lugares onde Jesus viveu. Assim, nasceram os primeiros centros de peregrinação cristã.

As peregrinações no âmbito cristão surgiram nos últimos séculos do Império Romano, e as viagens à procura dos lugares sagrados do cristianismo tiveram seus momentos gloriosos justamente na Idade Média, porém começara a declinar a partir do século XVI.

Os primeiros relatos de testemunho da peregrinação, nos séculos II e III, são o de Melito de Sardes, o Bispo da Ásia Menor (morto em 180 d.C) e o de Orígenes (185-254 d.C), catequizador de Alexandria, conforme nos informa a *História Eclesiástica*⁴ (1973, v. II).

Nos primeiros séculos do cristianismo (séc. I ao V), as peregrinações não eram tão importantes ainda. Após a morte do Cristo, os fiéis viveram esperando o retorno do profeta, e assim não se preocuparam em preservar a memória dos locais que foram marcados pelos martírios de Jesus. Os exércitos romanos destruíram a cidade de Jerusalém e seus Templos. Em 135, o imperador Adriano (76-138 d.C.) reconstruiu a cidade, e deu-lhe o nome de *Aelia Capitolina*, mas levantou, também, templos pagãos sobre as antigas construções. Nesse contexto, segundo cita Eusébio de Cesareia⁵ (263-339 d.C) em a *História Eclesiástica* (1973, v. II), foi que Melito de Sardes e Orígenes de Alexandria fizeram as primeiras viagens a Jerusalém, no intuito de investigar sobre a passagem da vida de Cristo no mundo. Essas viagens foram as primeiras com o objetivo de visitação ao túmulo sagrado de Cristo, e posteriormente surgiram outros sepulcros sagrados pelo cristianismo. Para os cristãos orar sobre o túmulo dos santos de sua fé representava aproximação, tornar-se participante dos méritos do santo de devoção. Tais locais eram abundantes de bênçãos para aqueles devotos.

Desde o início das perseguições cristãs, principalmente em Jerusalém, os fiéis tinham o hábito de guardar os despojos de seus irmãos em Cristo, para depois dar-lhes um sepulcro adequado. E assim acostumaram-se a orar nesses locais, pois os mártires em Cristo detinham meios para ajudar os que ainda estavam na Terra.

A perseguição aos cristãos só teve fim quando o imperador romano Constantino se converteu ao cristianismo, em 312 d. C. Assim, a crença em Jesus e em suas pregações se tornaram uma religião e isso ocorreu no reinado de Teodósio (379-395 d.C).

Constantino incentivou as escavações para encontrar o túmulo de Cristo em Jerusalém, cuja cidade é considerada o primeiro Lugar Santo. Como o achado teve grande repercussão, o

⁴ Eusébio, Bispo de Cesareia. *História Eclesiástica*. Biblioteca de Autores Cristianos de la Editorial Católica, S.A. Madrid. 1973. V.1 e v.2.

⁵ Eusébio de Cesareia foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos sobre a história do cristianismo primitivo (*História Eclesiástica*, 1973, V. I e II).

imperador mandou fazer ali grandiosas construções. Assim, Jerusalém tornou-se o primeiro centro de peregrinação cristã.

Eusébio de Cesareia escreveu um texto de grande importância que trata do nascimento das peregrinações e do surgimento dos santuários cristãos. Esse documento é o *Onomasticon*, o qual é uma compilação dos locais citados nas escrituras, dando-lhes certo prestígio para se tornarem centros de peregrinação.

Conforme relatos da monja Egéria⁶, a maior parte desses sítios encontra-se na Palestina. Em Jerusalém situa-se a basílica do Santo Sepulcro, no monte das Oliveiras está a basílica de Eleona, onde Cristo ensinou os apóstolos, e o Imbomon, local da Santa Ascensão, e finalmente no monte Sião, está a Igreja de Sião, local da última ceia, a qual foi destruída em 614 pelos persas.

No século IV muitos viajantes começaram a frequentar os túmulos de São Pedro e São Paulo, em Roma, e também a tumba de São João, em Éfeso (Turquia). Outro lugar também visitado foi a península de Sinai no Egito, pois era um lugar de respeito do Antigo Testamento.

A partir desse contexto, as peregrinações ganham importância e significação para os cristãos.

1.2 Peregrinações no âmbito cristão

Na Antiguidade Tardia podemos citar duas importantes peregrinações à Terra Santa: a da Augusta Helena e a da Monja Egéria.

Segundo Celine Ménager (2011), Augusta Helena, mãe do Imperador Constantino, foi quem influenciou o filho a identificar os primeiros santuários cristãos. Ela teria ido pessoalmente a Jerusalém e teria descoberto a Santa Cruz.

Conforme o relato “Da Descoberta da Santa Cruz” constante na *Legenda Áurea* (p. 413), Helena esteve em Jerusalém para procurar a cruz do Senhor, a pedido de seu filho Constantino, que havia recebido uma graça, através de um sonho com a cruz de Cristo. Quando Helena chegou a Jerusalém, ela convocou os sábios judeus da região para saber a localização da Cruz. Um dos judeus, Judas, após sofrer torturas, decidiu ajudá-la. Chegando à colina de Gólgota, Judas fez uma prece e surgiram três cruces, e para saber qual era a cruz de

⁶ *Peregrinações de Etéria. Liturgia e catequese em Jerusalém no sec. IV. 1977.*

Cristo, mandou buscar um cadáver e colocou as cruzes, uma após a outra, em cima do morto. Este ressuscitou em contato com a terceira, a Cruz de Jesus.

Outra peregrinação importante foi a da Monja Egéria, ou Etéria, no século IV. A peregrinação de Egéria, ou *Itinerarium*, é um manuscrito que contém narrativas de sua viagem aos lugares santos, citados em passagens da *Bíblia Sagrada*. A obra divide-se em duas partes. A primeira parte (do capítulo 1 ao 23) trata-se, na realidade, de um diário de viagem aos lugares santos da História Sagrada. E a segunda parte (do capítulo 24 ao 29) é descrita a Liturgia de Jerusalém.

O manuscrito do *Itinerarium*, também conhecido como *Peregrinatio ad loca sancta*, foi escrito em latim, e foi encontrado em 1884 na Biblioteca da Confraria de Santa María de Laicos (Biblioteca Della Confraternità dei Laici), em Arezzo, na Toscana.

Tais relatos indicam que as peregrinações cristãs já ocorriam desde a Antiguidade Tardia, porém, ainda não possuíam o mesmo significado e mesma importância que viriam a ter no século XII.

1.3 Os três maiores centros de peregrinação para o Ocidente na Idade Média: Jerusalém, Roma e Santiago.

As peregrinações mais importantes para o Ocidente na Idade Média foram: Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela.

Jerusalém é a Cidade Santa de maior importância para o povo ocidental, pois é o berço do Cristianismo, e para onde o Ocidente se voltou durante as primeiras peregrinações cristãs.

Em seguida pode-se citar Roma, abrigando a Cidade do Vaticano, sede da Igreja Católica e também lugar em que se encontra o túmulo do apóstolo Pedro, um dos prediletos de Jesus. A partir do século VII, os muçulmanos instalaram-se definitivamente na Palestina. Esse fato mudou a peregrinação à Terra Santa. Para os ocidentais era muito perigoso viajar para Jerusalém. Roma era mais acessível. Ir a Roma não era muito difícil neste tempo em que se viajava bastante, e já não se tinha medo de se distanciar de seu próprio terreno, tampouco era muito custoso. Roma tinha sido muito visitada após o império de Constantino.

Conforme Díaz y Díaz (1999), Roma atraiu as pessoas como o centro do mundo e adquiriu pouco a pouco uma nova dimensão como o foco da cristandade ocidental. Ela se transformou na nova Jerusalém para o ocidente cristão.

Santiago de Compostela é a terceira maior cidade no que concerne à peregrinação, pelo fato de, supostamente, guardar o túmulo de São Tiago Maior. O século XII, especialmente, é marcado pelas peregrinações a Santiago de Compostela.

Pode-se dizer que as peregrinações a Santiago de Compostela possuíam um sentido diferenciado das outras maiores peregrinações (Jerusalém e Roma), visto que há uma primazia da aceção da palavra peregrinação, num sentido de viagem devocional, com o propósito de purificação do espírito, para aqueles que faziam os caminhos até Santiago de Compostela.

Dos três locais de peregrinação religiosa, o culto a São Tiago Maior ou São Tiago de Compostela tem maior representatividade pelas características da simbologia da figura do peregrino.

Nos relatos de milagres, constantes no Livro II do *Liber Sancti Jacobi* (ou *Codex Calixtinus*) é possível notar o objetivo devocional daqueles que peregrinavam a Santiago de Compostela e seguiam os exemplos do Apóstolo Tiago. E aqueles que conseguiam realizar sua peregrinação com sucesso também passavam a servir como exemplos de conduta e vida.

1.4 Mudança na concepção da palavra “peregrino”

A partir do século XI, a palavra ‘peregrino’ ganha um novo significado, representando o “visitante devoto de um santuário”. Ela passa a designar o homem que viaja sozinho ou coletivamente a um lugar santo, realizando tal feito por motivo religioso e com espírito de devoção. “A ideia de santuário, de lugar sagrado como destino, em que se pode renovar a noção de uma viagem permanente à pátria celeste, é fundamental para compreender a peregrinação medieval” (DÍAZ Y DÍAZ, 1999, p. 417)⁷.

O viajante que tem um propósito de sacrifício pela fé, em sua viagem até um local santo, passa a ser reconhecido como peregrino. A peregrinação passa a ser vista como um ato de purificação e não somente uma visita a um santuário do santo de devoção.

A denominação para o viajante que se dirigia a Jerusalém era “palmeiro” e a Roma, “romeiro”, enquanto que aquele que seguia a Santiago de Compostela era atribuído à marca distintiva de peregrino jacobeo. Cada peregrino tinha o seu símbolo: o peregrino que seguia até Jerusalém, ou seja, o palmeiro será a palma, para o romeiro, a cruz, e para o peregrino jacobeo, a concha (ou vieira).

⁷ Tradução da pesquisadora

O próprio São Tiago é representado no século XI com a vestimenta de um peregrino: pelerine ou capa curta, sombreiro de aba larga, bolsa de couro e um bastão (bordão).

1.5 O culto a São Tiago Maior e a descoberta de seu túmulo

Segundo relatos extraídos das obras *Liber Sancti Jacobi*, *História Compostelana*, *História Eclesiástica* e *Legenda Áurea*, conta-se que antes do Apóstolo Tiago ser morto por Herodes, ele esteve na Hispania, na região da Galiza e pregou o evangelho nessa região.

Quando o apóstolo Tiago foi decapitado, sendo o primeiro mártir, seus discípulos carregaram seu corpo e o levaram para a Espanha, em Iria Flavia.

Durante muitos anos seu túmulo ficou oculto para o povo espanhol. Antes do descobrimento do túmulo do apóstolo Tiago, entre 820-830, no reinado de Alfonso II, já existiam indícios sobre o local de seu sepultamento. Seu sepulcro foi encontrado, escondido no bosque de Libredón, em Iria Flávia. Singul (1999, p. 39) acredita que a data provável do descobrimento do túmulo situa-se entre 820-830 d.C, no reinado de Alfonso II, o Casto (791-842), isto é, nos tempos do Bispo Teodomiro.

Segundo a tradição cristã, a evangelização da Espanha é atribuída a Tiago. O *Breviarium apostolorum*, também conhecido como Breviário dos Apóstolos, que se constitui numa compilação de biografias dos apóstolos de Cristo, descreve a viagem de Tiago à península Ibérica. Segundo alguns pesquisadores, entre eles Singul, a obra pode ser a fonte escrita mais antiga que trata da pregação de São Tiago Maior nas terras da Hispania.

O *Breviarium Apostolorum*, conforme Singul (1999, p. 26) é uma obra que foi escrita no fim do século VI, em território galo-romano, e além de tratar-se de uma compilação de notícias biográficas, também se refere às pregações e ao local de sepultura dos apóstolos de Cristo.

Segundo o *Breviarium Apostolorum*, que foi um instrumento importantíssimo na promoção da tradição jacobea, São Tiago chegou à Hispania e pregou na parte ocidental do país, ou seja, na antiga província da *Gallaecia*. Seu sepultamento foi em um lugar chamado *Achaia Marmorica* ou *Arcis Marmoricis*, que significa arcos marmóreos, nome do lugar onde foi localizada a tumba do apóstolo São Tiago, em Compostela, na década de 820 (SINGULL, 1999, p. 26).

Conforme a narrativa da *Passio*⁸, registrada na *Legenda Áurea* (p. 562), Tiago vence o mago Hermógenes, e no caminho para a decapitação o apóstolo realiza um milagre, que se refere a um paralítico que se levanta curado. Além desses feitos, converte ao cristianismo o escriba Josias, o qual havia colocado a corda no pescoço de Tiago, e o puxava a caminho do suplício. Ele acaba sendo decapitado junto a Tiago.

Ainda, segundo o relato da *Legenda Áurea* (p. 564), a decapitação de São Tiago aconteceu no dia 25 de março, data da anunciação do Senhor. Seu corpo foi trasladado a Compostela em 25 de julho, data na qual se comemora mundialmente o dia do Santo Apóstolo.

É importante ressaltar que a tradição jacobea na Hispania ocidental não começou com Gelmirez (bispo de Compostela desde 1100 d.C) e nem com o descobrimento da tumba do apóstolo⁹. Antes, já existiam vários textos que divulgavam a evangelização do apóstolo Tiago na Península Ibérica como a *Crônica de Máximo de Saragoça*, o *De Ortu Et Obitu Patrus* de Santo Isidoro de Sevilha, o *Cronicão* de Freculfo de Lisieux (+ 825), o *Martirologio Jelonense* (804) e *Poemas de Aris*, do monge Santo Aldelmo (650-709). Beda, o Venerável (+735), provavelmente foi o primeiro a escrever sobre o Sepulcro de São Tiago na Galiza, no extremo Ocidente da Hispania (SINGUL, 1999, p. 26-28).

Com a *Revelatio* do túmulo do Apóstolo era necessário render culto a São Tiago. Um culto que tem seus reflexos até os dias atuais. Um dos principais documentos relacionados ao culto de São Tiago e a peregrinação ao lugar em que estão seus restos mortais é o *Liber Sancti Jacobi* ou *Codex Calixtinus*.

⁸ *Passio*, um termo teológico cristão, utilizado para descrever os eventos e os sofrimentos físicos, espirituais e mentais antes da morte, que pode ser traduzido por Paixão.

⁹ Os distintos relatos do descobrimento da tumba do Apóstolo coincidem em situá-lo no reinado de Alfonso II, durante o mandato do bispo irense Teodomiro e nos tempos do imperador Carlos Magno. (Segundo nota da *História Compostelana*, 1994, p. 69).

CAPÍTULO 2

Livro III do *Codex Calixtinus*: traslado do corpo do apóstolo Tiago e o surgimento do culto jacobeo

A história de transladação do corpo de São Tiago é registrada em vários documentos medievais, mas os mais importantes e conhecidos são o *Codex Calixtinus*, *História Compostelana* e *Legenda Áurea*. A transladação do corpo do Apóstolo é importante e fundamental para o desenvolvimento das peregrinações a Compostela, trata-se de uma justificativa para o culto do Apóstolo em terras espanholas.

O livro III do *Codex Calixtinus* é composto de um prólogo e mais quatro capítulos. O capítulo I trata da transladação do Apóstolo Tiago, irmão do Apóstolo e Evangelista São João, marcando a data de 25 de julho para essa grande viagem de Jerusalém à Galiza. O capítulo II refere-se à carta do Papa São Leão acerca do traslado de São Tiago Apóstolo, que se celebra no dia 25 de julho. No capítulo III são apresentadas as três festividades de São Tiago Maior e a procissão do Rei Alfonso. E o capítulo IV trata das conchas de São Tiago, o qual possui maior representatividade literária, composto por um parágrafo, que se refere à melodia do búzio de São Tiago, que ao ser ouvida pelos peregrinos os livra dos males e dá apaziguamentos da fúria da natureza.

O Prólogo é muito semelhante ao capítulo II desse livro e é atribuído ao Papa Calixto. Segundo o prólogo de Calixto não poderia ser excluído o relato de transladação do Apóstolo, pois narra muitos prodígios e testemunhos para a glória de Cristo e do Apóstolo. Refere-se também aos doze discípulos de São Tiago, a saber, Hermógenes (o mago), Fileto (discípulo do mago Hermógenes), Josias, Torquato, Tesifonte, Segundo, Idalécio, Cecílio, Hesiquio, Eufrásio, Atanásio e Teodoro. Os dois últimos foram responsáveis pela transladação do corpo do Apóstolo e foram enterrados junto ao corpo de São Tiago, um à direita e o outro à esquerda.

2.1 O capítulo I: Da grande trasladação de São Tiago, depois da Paixão de Nosso Senhor

Neste capítulo é narrada a grande viagem dos apóstolos de São Tiago, Atanásio e Teodoro, de Jerusalém à Galiza. Eles levaram o corpo do santo através de uma barca. O relato começa por nos fornecer uma breve biografia sobre Tiago Maior, o qual é exaltado por suas admiráveis virtudes e por sua oratória.

“Começa a trasladação do Apóstolo São Tiago, irmão do Apóstolo e Evangelista São João que se celebra no dia 30 de dezembro, de que maneira foi levado desde Jerusalém a Galiza”¹⁰

Depois da Paixão de Nosso Salvador e do glorioso triunfo da sua Ressurreição, quando subiu ao trono de seu Pai e do Espírito Santo, e em seguida à efusão das línguas de fogo sobre os apóstolos, os discípulos que Ele mesmo havia escolhido, iluminados com os raios da sabedoria e inspirados pela graça celestial, divulgaram através da pregação o nome do Cristo por todas as partes, povos e nações do mundo. E dentre os eleitos destacou-se Tiago, o santo de admirável virtude, o bem aventurado por sua vida, o maravilhoso por sua virtude, o esclarecido por seu engenho, o brilhante por sua oratória, cujo irmão João é conhecido como evangelista e apóstolo. (...) Ele, enquanto os demais foram a outras partes do mundo, foi levado às costas da Espanha por vontade de Deus, pregando, ensinou a divina palavra às pessoas que ali viviam e tinham por pátria essa região¹⁰.

Tiago foi irmão de João, o Evangelista, sendo eles e Pedro considerados os prediletos de Jesus, estando os mesmos presentes no momento da transfiguração de Cristo, no Monte Tabor. É citado também, no *Codex Calixtinus*, que após a paixão do Senhor, os discípulos foram pregar por vários lugares do mundo, e que Tiago foi levado até a Espanha por vontade de Deus. Lá elegeu mais sete discípulos: Torquato, Segundo, Indalécio, Tesifonte, Eufrásio, Cecílio, Hesíquio. Estes foram chamados para separar as pessoas boas das pessoas más, concedendo condições para a pregação do evangelho na região. Na verdade, essa afirmação refere-se à evangelização, àqueles que não seguiam a fé cristã eram considerados pessoas más, e essa distinção será levada ao auge com a invasão muçulmana, nos próximos séculos, após a evangelização de toda a Europa, e a invasão dos sarracenos na Península Ibérica.

Nos últimos anos de vida, Tiago seguiu para Jerusalém, levando sete dos seus discípulos e deixando dois para continuar a pregação na Espanha. Lá foi contestada a sua fé em Cristo pela multidão de saduceus e fariseus. Como sua inspirada

¹⁰ Tradução da pesquisadora, capítulo I do Livro III (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 387).

resposta não os agradava, a multidão resolveu entregá-lo a Herodes, para receber a pena de morte, quando foi decapitado.

Após sua morte, o Apóstolo foi voando para o céu, recompensado com uma imperecível coroa de louros. Logo depois, dois de seus discípulos, Teodoro e Atanásio, apossaram-se de seu corpo e o levaram para a praia, onde havia uma barca já preparada pelo Senhor, para levá-los. Depois de sete dias chegaram ao porto de Iria Flávia, na Galiza, longe de qualquer perigo dos mares.

Quando aportaram, procuraram pela senhora das terras, a qual era conhecida como Lupa (Figura 01). Foram ao seu encontro para pedir-lhe permissão de enterrar o Apóstolo de Cristo em suas terras, que seria um local de adoração do Santo. A senhora, que era uma nobre viúva, lhes dá a indicação de buscar permissão junto ao rei, que vive em Dugium (hoje Duio) ¹¹, mas na verdade a mulher esperava que eles tivessem morte certa. O rei os ouve, mas intuído pelo diabo, arma uma emboscada para os apóstolos de Tiago. Porém, o Senhor os avisa e eles fogem. O rei muito furioso os persegue, mas ao chegarem a uma ponte, em via de capturá-los, Deus os protege, a ponte se rompe, e ele cai juntamente com os perseguidores. Os discípulos retornam à Senhora Lupa e lhe pedem um templo que já existia, e que era dedicado aos deuses pagãos, para ser o sepulcro de Tiago.

A senhora com hipocrisia e más intenções lhes ordena buscarem uns bois mansos que lhe pertence e que poderão servir de transporte para o corpo do Santo. No entanto, Lupa tramava a morte dos fiéis do Senhor novamente. Os varões seguiram à procura dos bois, mas ao pisarem no monte depararam com um enorme dragão. Teodoro e Atanásio lhe impõem um símbolo da cruz, o que faz com que a fera estoure o seu ventre. E os bois, que na verdade eram muito bravos, tornaram-se mansos, pela graça de Deus, com o propósito de carregar o corpo do Apóstolo.

Os discípulos de Tiago então consagram o monte, chamado até então de Ilicino, de Monte Sacro, ou seja, Monte Sagrado, pelo fato de ser o local do sepulcro de Tiago Maior.

Após todos esses milagres a Senhora Lupa se converte ao Cristianismo e cede lugar para a construção de uma igreja em honra ao Apóstolo Tiago.

Os dois discípulos, Teodoro e Atanásio, que viveram a guardar o corpo de seu mestre, tiveram seus lugares no céu e estão enterrados junto a Tiago, um à direita e outro à esquerda¹².

Figura 01 - Ida do corpo de Santiago para o palácio de Lupa.



Fonte: Pintura do retábulo da “Vida e da Ordem de Santiago”. Óleo sobre madeira atribuído ao Mestre Lourinha, da Escola de Pintura Portuguesa do século XVI.

¹¹ Cidade marítima ao norte do cabo de Finisterre, hoje quase completamente coberta pelo mar e da qual restam alguns indícios. (Conforme Nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p.390).

¹² Tradução da pesquisadora, (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 387-394).

Neste capítulo evidencia-se uma narrativa de aspectos miraculosos baseados na fé e na religiosidade dos servos, em que são apresentados os primeiros milagres relacionados a São Tiago. Os milagres aqui apresentados são atribuídos ao Senhor, em homenagem ao apóstolo que o serviu em vida, por sua dedicação a Jesus Cristo. Há que se destacar neste capítulo sua natureza mítica e também lendária.

Observa-se, que a narrativa da trasladação do corpo, segue como uma continuidade do relato bíblico constante nos *Atos dos Apóstolos* (12, 2), quando Tiago é morto pelo rei Herodes. Pela grandiosidade da personalidade do apóstolo Tiago era necessário também uma história grandiosa e importante, com uma referência bibliográfica de relevância para o homem medieval, que é a própria *Bíblia*.

2.2 Capítulo II: A carta do Papa Leão

“Começa a carta do Papa Leão acerca da trasladação de São Tiago Apóstolo, que se celebra no dia 30 de dezembro”¹³

A *Carta*, ou o capítulo II, é muito semelhante ao capítulo I e ao Prólogo do Livro III do *Codex Calixtinus*. Ela narra a trasladação milagrosa de São Tiago, porém de maneira resumida, e inclui alguns detalhes que são mais divulgados e que, também, estão presentes no capítulo I, como os nomes dos discípulos de Tiago Maior, Teodoro e Atanásio.

A *Carta* é atribuída ao Papa Leão III, que possivelmente viveu na época do descobrimento da tumba de Tiago. Nesse texto, os fatos relacionados à rainha Lupa são ocultados. Provavelmente isso ocorre porque esse capítulo se caracteriza por uma marca mais histórica, seria, portanto, necessário ocultar os fatos maravilhosos.

Por ser datado o dia 30 de dezembro o sepultamento do apóstolo, é descrito também na *Carta* como foi o sepultamento do corpo do apóstolo, e de seus dois discípulos. Segundo o Papa Leão, os dois discípulos cavaram uma cova profunda, que cobriram com firmes cimentos. Nesse mesmo local foi erguida uma igreja de dimensões reduzidas.

¹³ Capítulo II do Livro III (*Liber Sancti Jacobi*, 2014, p. 395-397).

2.3 Capítulo III: Papa Calixto acerca das três solenidades de São Tiago¹⁴

Esse capítulo trata das comemorações ao Santo: dia 25 de março comemora-se a data da morte do Apóstolo em Jerusalém; dia 25 de julho, o dia em que teve seu corpo trasladado até a Espanha, e dia 30 de dezembro, a data de seu sepultamento.

Para tanto, o Papa Calixto começa seu relato fazendo referência à passagem bíblica dos *Atos dos Apóstolos* (cap.12, 4), quando Tiago foi morto, antes da Páscoa. De acordo com o livro dos Apóstolos, Herodes prendeu Pedro no período da Páscoa, também denominado “dias dos ázimos”¹⁵, e mandou matar Tiago antes da Páscoa. Isso ocorreu, conforme Calixto, em tempo de fome, em que pregou o profeta Agabo¹⁶. O dia exato e o relato detalhado do martírio não foram mencionados nos textos bíblicos.

A fim de caracterizar a consagração do milagre, o capítulo III do *Codex* trata do martírio de São Tiago. O Papa Calixto apresenta o relato de um fiel conhecido dele, que teve uma visão espiritual revelando detalhes da decapitação do Apóstolo Tiago. Segundo este relato, na noite de vigília da Anunciação de Santa Maria, São Tiago teve o pescoço amarrado e foi degolado. Uma personagem da cena diz então, chorando: “na terceira hora foi julgado e na nova, como Cristo, foi morto”.

O sepultamento de São Tiago decorreu do mês de agosto até dezembro, como é explicado pelo Papa Calixto.

Assim, pois, ele sofreu o martírio no dia 25 de março, no dia 25 de julho ele foi levado desde Iria Flávia a Compostela e foi sepultado no dia 30 de dezembro. Porque a obra de seu sepulcro durou desde o mês de agosto até o mês de dezembro¹⁷.

O que fica evidenciado nessa transcrição é o cuidado do autor em mostrar que a data de 25 de março não pôde ser utilizada para a celebração da festa em honra a São Tiago, uma vez que chocaria com a Páscoa e com a Quaresma, o que faria de seu culto algo menor. A outra justificava para a mudança da data de comemoração ser fixada em 25 de julho foi a determinação do rei Alfonso, que tudo indica ser Alfonso VI, o qual afirma que a data de transladação não seria menos importante que a da morte do Apóstolo.

¹⁴ Capítulo III do Livro III (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 399-404).

¹⁵ No antigo testamento a Páscoa também era chamada de festa dos pães ázimos.

¹⁶ Agabo morreu mártir em Cesareia.

¹⁷ Tradução da pesquisadora, capítulo III do Livro III (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 401).

Ao final do capítulo III, é feita uma descrição das vestes do Rei Alfonso, dos bispos e clérigos, dos devotos, e de todo o cortejo para as festividades em honra a São Tiago. Tudo com muito luxo, desde pedras preciosas ao mais puro ouro.

A narrativa é, portanto, de promoção à basílica do Apóstolo em Compostela, em especial a sua festa de transladação. A comemoração à chegada do corpo de São Tiago é também uma reafirmação de seu culto e da veracidade de seu sepultamento em terras da Espanha.

2.4 Capítulo IV: Acerca das conchas de São Tiago¹⁸

Neste capítulo, o *Codex Calixtinus* traz uma explicação miraculosa sobre o peregrino que viaja ao Monte Sacro. O texto explica que o peregrino, o qual geralmente carrega consigo a concha de São Tiago e escuta seu som, tem aumentado a sua proteção. “São rechaçadas para longe as insígnias do mal, e é suavizada a agitação das tormentas, o ímpeto das tempestades, o sopro dos ventos se contém saudáveis e moderados e as forças do ar se suavizam”¹⁹.

Nele são descritos também a vestimenta e os acessórios utilizados pelos peregrinos jacobeos como a concha, a bolsa de couro e o bordão (Conforme *Veneranda dies, Livro I*, cap.17²⁰).

A vieira, considerada como a insígnia da peregrinação dos caminhos de Santiago de Compostela era costurada nas roupas, como símbolo das boas obras, para honrar a São Tiago.

Assim como os peregrinos que veem de Jerusalén trazem as palmas, os que regressam do santuário de São Tiago trazem as conchas. Pois bem, a palma significa o triunfo, a concha significa as boas obras. (...) Pois há uns mariscos no mar próximo a Santiago, cujo o vulgo chama vieiras, que possuem duas couraças, uma de cada lado, entre as quais, como entre duas partes, se oculta um molusco parecido a uma ostra. Tais conchas estão moldadas como os dedos da mão e as nomeiam os provençais *nidulas* e os franceses *crusillas*, e ao regressar os peregrinos do santuário de Santiago as prendem nas capas para glória do Apóstolo, e em memória dele e sinal de tão grande viagem, as trazem as suas moradas com regozijo. A espécie de couraça com que o marisco se defende, significam os dois mandamentos da caridade, com que quem devidamente os leva deve defender-se, isto é: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. (*Codex Calixtinus, Veneranda dies*, in A. MORALEJO, C. TORRES e J. FEO)²¹

¹⁸ Capítulo IV do Livro III (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 405).

¹⁹ Tradução da pesquisadora, capítulo IV do Livro III (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 405).

²⁰ Capítulo XVII, Livro I (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 177-222).

²¹ Tradução da pesquisadora, capítulo XVII do Livro I (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 194-195).

A concha não podia faltar, pois ao peregrino lhe dava proteção nos caminhos até o sepulcro sagrado do Apóstolo. Ela era recebida quando o peregrino deixava Santiago e servia como uma prova à visitação ao santuário e da peregrinação cumprida. O peregrino sempre voltava diferente, como que renovado, pronto a servir a Cristo.

Esse relato traz uma marca forte do maravilhoso medieval e também está presente nas narrativas de milagres do *Livro II*, do *Liber Sancti Jacobi*. No milagre XII, por exemplo, constata-se a descrição da concha como um apetrecho milagroso, pois um cavaleiro foi curado de uma enfermidade através do toque desse objeto. Assim, a concha de São Tiago é milagrosa para os homens, ou seja, um símbolo da ordem de Deus.

2.5 O factual nas narrativas do Livro III

Dentro de uma análise genérica, pode-se pensar que no Livro III, mesmo não utilizando o termo história para os relatos nele contidos, existe uma preocupação em narrar os acontecimentos passados considerando-os verdadeiros. O autor, para dar maior fidedignidade, apresenta em suas narrativas datas, locais e testemunhas. (SILVA, 2008, p. 76). Essa iniciativa reduz o fanatismo e o sobrenatural, que podem ser considerados, mesmo pelo homem medieval, como exageros.

Como exemplo dessa tentativa de visão histórica fundamentando as narrativas é o fato de os capítulos I e II serem atribuídos a Calixto II e ao Papa Leão III, os quais são personagens da mesma época do descobrimento do túmulo do Apóstolo Tiago. Isso confere ao *Codex Calixtinus* uma fidelidade aos fatos narrados. Além disso, o discurso hagiográfico do *Codex Calixtinus* foi, como se sabe, elaborado na tentativa de tornar as personagens conhecidas, preservar a memória dos santos e difundir o seu culto.

A narrativa hagiográfica em geral é a expressão de deveres e memórias, que para a Igreja era a garantia de que os exemplos da vida dos santos e santas não seriam esquecidos. A vida dos santos era para os fiéis como modelos de comportamento que serviam para educá-los, uma vez que as narrativas representavam exemplos de vidas que seguiam as regras eclesiásticas.

As narrativas hagiográficas além de registrar a vida dos santos apresentavam as regras, normas e credos cristãos dentro do prescrito pela Igreja. Assim, as vidas de santos seguiam como inspirações de fé nas vivências, lições, sofrimentos, oblações e milagres advindos das

crenças nos santos. Afinal, a sociedade medieval precisava intensamente ser convencida sobre os feitos dos santos, para o que mostrou ser o texto hagiográfico um instrumento eficaz.

No caso do *Liber Sancti Jacobi* além da questão do exemplo de vida a ser seguido, ele é também uma justificativa para a construção e efetivação de um dos maiores centros de peregrinação do Mundo.

Os textos hagiográficos representam uma bibliografia paralela à Bíblia, e as Vidas dos Santos seguem um padrão de modelo do Cristo e outras personagens bíblicas. Há uma tipologia que segue as normas da Bíblia. Os santos personificam personagens das Sagradas Escrituras como: Adão, Moisés, Elias, João Baptista, entre outros. No caso do apóstolo Tiago, que é um personagem já presente na Bíblia, era necessária uma continuidade de sua história, que foi contada até a passagem de sua decapitação a mandado de Herodes.

No caso do *Codex Calixtinus*, o papel das narrativas hagiográficas que falam a respeito de São Tiago, trata do que ocorrerá após a sua morte, seguindo um modelo de vida próximo à do Cristo, até mesmo pela proximidade e afinidade entre ambos, e por ser ele considerado como um de seus prediletos.

O texto bíblico e as hagiografias possuem interpretações iguais e esclarecem a questão da exclusividade dos sentidos espirituais das Sagradas Escrituras.

Uma questão importante a respeito dos textos hagiográficos é a veracidade das narrativas. Os autores dos textos afirmam a natureza historiográfica de suas obras, e inclusive apresentam dados para sua legitimação, como datas, nomes de referência histórica, negando qualquer alteração da realidade. Para esse gênero textual, são experiências reais vividas por homens de fé.

Até então, a ficção das obras hagiográficas não era assumida. No entanto, o maravilhoso era presente e sonhado pelo homem medieval, e os relatos serviam como prova da intervenção divina. O gênero hagiográfico procurava disfarçar a ficção, dando ares de verdade às narrativas.

CAPÍTULO 3

O livro IV do *Codex Calixtinus*: o pseudo Turpin

O Livro IV do *Codex Calixtinus* trata das expedições de Carlos Magno na Hispania, mas também mistura ficções e fatos reais à sua narrativa. A narração é deslumbrante com seu estilo de época, das grandes histórias dos heróis medievais.

A história envolve muitos mitos, como o gigante Ferragut e o milagre da esmola, e também fatos históricos, como a própria invasão islâmica na Península Ibérica, no século VIII. Os personagens principais serão o imperador Carlos Magno, Rolando e o próprio “narrador ficcional” Turpin.

Segundo Singul (1999, p. 171) o narrador, arcebispo Turpin, de Reims, conhece bem o Caminho de São Tiago, além das canções que eram contadas e cantadas pela sociedade da época sobre Carlos Magno e seus pares.

A invasão islâmica de 711 trouxe para a região da Galiza um inimigo pagão que poderia colaborar com o “maligno”, afastando a fé dos cristãos e atrapalhando futuramente o culto sagrado ao Santo Apóstolo Tiago. Por isso, era necessário um herói cristão forte o suficiente para subjugar os muçulmanos e libertar as terras da Espanha desses pagãos. Era preciso também fazer voltar a fé dos cristãos, pois depois da trasladação do corpo de São Tiago as pessoas deixaram levar-se pelo pecado e apego às coisas mundanas, esquecendo-se da fé em Cristo.

Carlos Magno foi um imperador cristão, que apesar de ser germânico possuía características fortemente românicas, o qual libertou do poder islâmico a região da Hispania. Ele também teve um papel importante na descoberta do sepulcro sagrado de Tiago. No entanto, essa revelação do túmulo não é narrada em outras fontes históricas, ficando apenas como lenda contada na *História Turpini*. Nem mesmo a *História Compostelana* comenta esse fato.

A narrativa do Livro IV é composta de um prólogo e vinte e seis capítulos, escritos por Turpin, além de dois apêndices, A e B, e uma epístola, escritos pelo Papa Calixto. A análise a seguir não será feita por capítulos, mas através dos fatos ocorridos na *História Turpini*. Serão

estudados os acontecimentos que permeiam a guerra de Carlos Magno contra os sarracenos, verificando a relação entre o factual e o ficcional que envolve os relatos da *História Turpini*.

Nas narrativas do Livro IV, *História Turpini*, além das descrições das batalhas, há também os diálogos entre cristãos e sarracenos, ou melhor, entre Carlos Magno e Aigolando, ou ainda Rolando e Ferragut. Esses diálogos representam as disputas doutrinárias, evidenciando as religiões do cristianismo *versus* islamismo. A intenção desses diálogos é explicar os dogmas do cristianismo, além de exemplificar o pensamento sarraceno que se contradiz por várias vezes.

3.1 Contexto histórico: o período Carolíngio

Carlos Magno foi um chefe germânico, que conseguiu estabilizar a Europa depois da invasão dos povos bárbaros. Os carolíngios reconstituíram a unidade ocidental, desde o sudeste italiano até o Sudoeste, rumo à Espanha, e no Leste, na Germânia.

Conforme Le Goff (2005, p. 44), Carlos Magno obteve muito êxito na luta contra os muçulmanos e os povos dos Pireneus, exceto em 778, quando os francos sofreram uma emboscada, de volta para o norte de Pamplona, no desfiladeiro de Roncesvales. Os bascos mataram cruelmente as tropas comandadas pelo senescal Eginardo, o conde palatino Anselmo e o chefe da Marca da Bretanha chamado Rolando. Essas personagens se tornaram mártires e seus nomes se perpetuaram, sendo eles exaltados na *Chanson de Roland*.

Carlos Magno reconquistou muitos territórios da Europa dos árabes à custa de massacres e conversão, ou seja, cristianização forçada.

3.2 A canção de Rolando

A Canção de Rolando narra a campanha de Carlos Magno na Espanha. A história principal descrita na canção é o massacre do exército liderado por Rolando, nos Pireneus, no desfiladeiro de Roncesvales, em 778.

O livro *A vida de Carlos Magno*²², que foi escrito por Eginardo, por volta de 830, confirma a morte de vários nobres, um dos quais era um certo Rolando.

²² FAVIER, 2004, p. 12.

Conforme essa história da obra de Eginhardo, a emboscada foi armada por uma milícia basca e não por tropa sarracena, como é contada na *Canção de Rolando*.

A obra literária possui fatos históricos, mas com um enfoque dramático, principalmente pela ilustração da traição de Ganelão contra Rolando.

Dos personagens, estão: Carlos Magno, o imperador que possui dureza autoritária, cólera e ao mesmo tempo sinais de Deus; Turpino, que é marcado por Deus, um homem do sacerdócio, que luta e abençoa ao mesmo tempo; Olivier é o amigo fiel de Rolando e que possui a razão moderada, em face da bravura do companheiro; Rolando é o homem de fé e de grande valentia; e por fim Ganelon é o traidor, aquele que agiu por vingança contra Rolando.

3.3 O livro IV do *Codex Calixtinus*

O livro quatro é considerado fictício. Segundo o *Codex Calixtinus*, esse livro foi escrito por Turpim de Reims e contém a História Turpini que trata sobre Carlos Magno e seus pares.

A história descrita no livro IV do *Liber Sancti Jacobi* mistura mitos e fatos históricos. O narrador ficcional, e por isso chamado Pseudo-Turpim, se auto afirma ser uma testemunha ocular dos acontecimentos que envolveram Carlos Magno e o santo Patrono da Espanha.

O arcebispo Turpim de Reims além de contar a história vivida pelo imperador, também afirma ter participado de toda a trama. A *Chanson de Roland* apresenta um personagem de mesmo nome, que seria o arcebispo Turpim. Essa figura participou da empreitada, juntamente com Rolando e Olivier na canção da gesta francesa, na tentativa de expulsar os sarracenos da Península Ibérica, mas na gesta, Turpim morre em Roncesvales, juntamente com os outros, o que difere da *História Turpini* do *Codex Calixtinus*, uma vez que Turpim é a testemunha ocular dos feitos de Carlos Magno e morre depois do imperador.

O Livro IV é composto de um prólogo e vinte e seis capítulos, nos quais são narradas as campanhas de Carlos Magno contra os muçulmanos. Toda essa ação do imperador é justificada, nesse livro, como defesa do santo sepulcro do Apóstolo Tiago.

O Livro IV procura ser uma continuidade do Livro III do *Liber Sancti Jacobi*, uma vez que apresenta as ações de Carlos Magno em relação à construção da primeira Igreja em honra ao apóstolo, após o descobrimento de seu sepulcro sagrado, além de ilustrar a defesa do túmulo de Tiago, para que não fosse profanado pelos infiéis sarracenos.

3.3.1 *O Livro IV: Prólogo da História Turpini*

“Turpim, pela graça de Deus, o arcebispo de Reims e constante companheiro do imperador Carlos Magno na Hispania, a Luiprando, Deão de Aquisgrand²³ (Aachen), saúdo em Cristo”

No *Prólogo* o narrador ficcional Turpim começa seu relato justificando que estava enfermo por suas cicatrizes e feridas estando em Viena²⁴, mas que escrevera conforme foi solicitado sobre os feitos do famoso imperador Carlos Magno, o qual libertou do poder dos sarracenos a terra espanhola e galega. Afirma ter visto com seus olhos todos os fatos que serão narrados neste livro, os quais duraram quatorze anos.

O narrador também faz menção ao texto escrito por São Dionísio, que se refere às *Chroniques de Saint-Denis*²⁵, dizendo que seu relato não difere desse texto, mas que em sua narrativa há mais riqueza de detalhes, afinal ele foi testemunha ocular dos fatos narrados.

É relevante na narrativa desse *Prólogo* a tentativa de situar o texto como sendo de natureza historiográfica. O próprio autor intitulado Turpim faz menção ao arcebispo Turpim de Reims, uma figura histórica que realmente está registrada.

3.3.2 *O Livro IV: Carlos Magno liberta do poder dos sarracenos as terras espanhola e galega.*

Segundo o Livro IV do *Codex Calixtinus* o apóstolo Tiago predicou na Galiza após a morte do Cristo, como os outros apóstolos predicaram em várias regiões do mundo. Tendo os discípulos de São Tiago trasladado seu corpo para a Hispania e ocultado seu sepulcro nas terras da Galiza, os galegos com o tempo, levados pelos pecados, abandonaram sua fé em Cristo, até os tempos de Carlos Magno.

Carlos Magno após muitas lutas e conquistas, já cansado de tantas guerras, decide dar-se um descanso. Em seguida viu no céu um caminho de estrelas que começava no mar da Frísia, estendendo-se pela Gasconha, Vasconia, Navarra e Hispania, até a Galiza, onde se ocultava desconhecido o corpo de São Tiago. Dessa forma, como Carlos Magno via isso com frequência, começou a pensar no que significava.

²³ Aachen foi residência de Carlos Magno na Alemanha.

²⁴ Trata-se de Vienne ou Viena do Delfinado, no atual departamento de Isère, na França, às margens do Ródano. (Conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2004, p. 408).

²⁵ Refere-se à *Chroniques de Saint-Denis*, escritas inicialmente em língua latina, e depois, a partir do séc. XIV continuam já em língua francesa e são chamadas *Lês Grandes Chroniques de France* (conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2004, p.408).

São Tiago Apóstolo apareceu a Carlos Magno vestido de cavaleiro e lhe disse que ele deveria lutar contra os muçulmanos e libertar suas terras desse povo infiel e pagão, pois seu sepulcro, que se encontrava escondido nas terras da Galiza, devia ser descoberto, para que abrisse caminho para a multidão de fiéis que iriam visitar sua tumba e alcançar graças por isso. O Santo exigiu isso do imperador, já que o Senhor lhe deu a fama e o poder de rei era, pois, um dever de Carlos Magno essa ação de libertação do povo hispânico dos sarracenos. São Tiago prometeu acompanhá-lo durante toda a empreitada, dando proteção ao imperador, além de oferecer-lhe glória pela conquista. A aparição de São Tiago a Carlos Magno ocorre três vezes, e o rei confia na promessa do apóstolo.

A primeira cidade sitiada por Carlos Magno foi Pamplona, mas estava muito fortificada, com muralhas inexpugnáveis, assim o imperador pediu em prece que o Senhor Jesus Cristo e São Tiago lhe concedessem a conquista da cidade.

Dessa maneira, as muralhas da cidade foram quebradas pela base, por concessão de Deus e intercessão de São Tiago. Os sarracenos que resolveram se batizar na fé cristã tiveram suas vidas salvas, mas aqueles que se recusaram foram mortos.

Após esse episódio, os sarracenos, ao verem as muralhas ruírem, se submeteram a Carlos Magno em todos os lugares em que ele passava, e entregavam-lhe suas terras pacificamente.

Depois de visitar o túmulo de São Tiago, Carlos Magno cravou sua espada no mar e disse que já não podia ir além²⁶.

Nessa passagem é possível notar uma metáfora, ou seja, o fim da luta. Carlos Magno ao longo de sua empreitada na Galiza conquistou várias cidades e povos da região; dentre elas o *Codex Calixtinus* cita: Madrid, Guadalajara, Ávila, Salamanca, Astorga, Tudela, Zaragoza, Barcelona, e várias outras. Todas elas fazendo parte da região de Galiza na época das conquistas do grande imperador franco.

Segundo a *História Turpini*, com o ouro que Carlos Magno deu aos reis e príncipes da Hispania, foi possível enriquecer a Basílica de São Tiago, tendo instituído nela um bispo e cônegos, segundo as regras de Santo Isidoro. O imperador também levantou muitas igrejas na região, como a igreja da Virgem Maria.

Um dado importante que traz o *Codex Calixtinus* é que de todos os reis e príncipes que vieram antes de Carlos Magno, nenhum deles subjuguou e conquistou todo o território hispânico por completo como ele.

No entanto, a história não termina nessa passagem, a Guerra continua, pois quando Carlos Magno volta à Gália, certo rei pagão, Aigolando, tinha invadido a Hispania e foi necessário que o imperador novamente chamasse seus exércitos a retornarem à luta.

Nesses relatos verificamos alguns pontos importantes, como a reconquista da região da Galiza através das Cruzadas, tendo como personagens principais Carlos Magno e São Tiago, o grande protetor do imperador e da região, e também a visão cristã em relação aos muçulmanos.

²⁶ Tradução da pesquisadora, capítulos I-VI, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 411-429).

Segundo um dos relatos do *Codex Calixtinos*, os ídolos e imagens que Carlos Magno encontrou na Hispania foram destruídos por ele, exceto o ídolo que estava em terras da Andaluzia, nomeado Salam de Cádiz (Cádiz)²⁷. Sobre essa estátua a *História Turpini* narra que os sarracenos afirmavam que este ídolo teria sido fabricado pelo próprio Maomé, o Deus adorado pelos muçulmanos. Este símbolo, conforme foi narrado no Livro IV, esconde uma legião de demônios através de uma arte mágica que não pode ser quebrada. E quando um sarraceno chega nessa estátua para adorá-la fica incólume, intacto. E se sobre ela se detém algum pássaro, ele morre instantaneamente. Nessa narrativa percebe-se uma visão sobrenatural também sobre o maligno. Segundo Le Goff (2010, p. 20) o maravilhoso pode ser produzido por forças e seres sobrenaturais inumeráveis, não é uma característica única de Deus. Na visão do homem medieval, o diabo também pode ser autor do maravilhoso, ele tem poderes mágicos, os quais pertencem à ordem do “maligno”. Em relação ao símbolo islâmico, será de autoria do diabo, contrário às coisas de Deus. Nas canções de gesta, os sarracenos são caricaturados como hereges, cheios de maldade e seguidores de uma doutrina contrária aos dogmas da igreja cristã. Na visão medieval, principalmente nas Cruzadas, ser muçulmano significava pertencer ao diabo. Essa narrativa também supõe o islã como uma religião de idolatria.

Por isso, o imperador ordenou que os galegos que haviam esquecido a fé cristã deviam ser regenerados pelo batismo, através do arcebispo Turpim. Os que ficaram indiferentes foram escravizados pelos cristãos.

3.3.3 O exemplo da esmola

Na narrativa sobre a Guerra da Reconquista consta uma pausa, a fim de que o arcebispo Turpim nos conte sobre “o exemplo da esmola”²⁸.

Segundo esse relato, certo cavaleiro chamado Romarico, o qual estava muito doente, decidiu vender seu cavalo e distribuir o seu valor entre os pobres e os clérigos. Mas, após a morte do cavaleiro, seu parente que vendeu o cavalo por cem soldos, levado pela cobiça, gastou o dinheiro em comida, bebida e roupas. Assim, passados trinta dias apareceu a este homem o defunto de seu parente e lhe disse: “Pelo fato de você ter gastado o meu dinheiro por cobiça eu tive que padecer durante trinta dias no inferno, mas Deus me deu a misericórdia de ir para o paraíso, porém você será colocado no mesmo lugar do inferno de onde saí”. O homem acordou assustado ainda se lembrando das palavras do Defunto. Todos comentavam o ocorrido, pois

²⁷ Acerca desta estátua, segundo notas do *Codex Calixtinus* (2014, p. 425) pode ser de uma antiga torre fenícia, e análoga a outras semelhantes, como a de Hércules em A Coruña, cuja missão era servir de guia aos navegantes.

²⁸ Capítulo VII, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 431-432).

logo depois se ouviu sobre o mesmo homem gritos como rugido de leão, de lobos e de bois, e em seguida foi arrebatado vivo e são pelos demônios no meio dos presentes, com os mesmos alaridos. O corpo do homem foi procurado e doze dias depois o exército de Carlos Magno o encontrou inerte e despedaçado no alto de um penhasco. Os demônios haviam largado ali seu corpo e levado sua alma para os infernos. Conforme esse exemplo, Turpim ensina que se as esmolas dos defuntos, encomendadas para serem repartidas, forem retidas desonestamente, os responsáveis serão castigados por todo o sempre²⁹.

A moral desse relato está relacionada às doações, principalmente em caso de morte. Assim, todo aquele que não praticasse essa boa ação teria sua alma condenada ao inferno. Para refutar a necessidade das doações a Igreja utilizava-se desses discursos, que são moralizantes, para que os fiéis mantivessem uma conduta direcionada pelos clérigos, que nesse caso, serviam para manter as doações. No século XII, muitos pregadores utilizavam esse tipo de discurso para persuadir o público, que no caso são os cristãos. Esses discursos são pregações e sermões religiosos que possuem uma moral para manter a conduta dos fiéis, exemplos que devem ser seguidos, ou em alguns casos evitados.

Nesse relato há também elementos sobrenaturais, pois apresentam as manifestações dos demônios, que causam medo e temor para o homem medieval. Esses elementos são do universo maravilhoso medieval, que podem ser da ordem do divino ou da ordem do maligno e estão presentes nos milagres medievais, os quais serão abordados no próximo capítulo desta dissertação.

3.3.4 A luta contra Aigolando

Voltando à narrativa da guerra contra os muçulmanos, Turpim conta que Carlos Magno e Milão³⁰ começaram a procurar Aigolando pela Hispania. O encontro foi na terra chamada Campos, e neste local o imperador fundou a basílica em homenagem aos mártires Facundo e Primitivo, os quais foram irmãos e lutaram junto a Carlos Magno na batalha contra o rei sarraceno, Aigolando. No *Livro do Peregrino*, ou Livro V do *Codex Calixtinus*, se recomenda:

Há que visitar também os corpos dos santos mártires Facundo e Primitivo, cuja basílica foi levantada por Carlos Magno. Junto a vila destes se encontra a alameda, como é contado por alguns, em que as lanças dos guerreiras ficaram verdes ao serem cravadas no solo. Sua solenidade é dia 27 de novembro³¹.

²⁹ Tradução da pesquisadora, capítulo VII do Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 431-432).

³⁰ Milão, segundo o *Codex Calixtinus*, era o Duque de Milão, pai de Rolando (*Codex Calixtinus*, 2014, p.433-434).

³¹ Tradução da pesquisadora, capítulo VIII do Livro V (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 578).

Quando encontrou o rei sarraceno, Carlos Magno foi desafiado à luta, e ganhou todas as batalhas, matando muitos muçulmanos. Carlos Magno perdeu apenas uma batalha, e os cristãos que lutaram em nome de Cristo cravaram então suas lanças eretas nos campos e na manhã seguinte essas foram encontradas com cascas e folhas, as quais foram cortadas rentes à terra de onde nasceram grandes bosques. Isso foi considerado um grande milagre.

Possivelmente esta lenda teria surgido entre os peregrinos que, depois de haver cruzado caminhos áridos, deviam sentir-se surpreendidos diante da frescura e do verde das pradarias e das árvores que se achavam na várzea de Sahagún. Como as lendas surgem das situações que não podem ser explicadas, característica do homem medieval, as justificativas eram sempre voltadas para o lado do sobrenatural.

Sobre esse milagre das lanças, há outra narrativa semelhante nas Crônicas de Sahagún, cuja lenda se repete em *História do Monastério de São Benito o Rei de Sahagún*, manuscrito de Guardiola³².

Nessa batalha muitos morreram, quarenta mil cristãos, inclusive o duque de Milão, pai de Rolando. O cavalo de Carlos Magno também morreu nessa luta. Todos esses que morreram pela fé em Cristo receberam a palma do martírio, ou seja, a salvação do espírito.

E, mesmo a pé, o imperador, com sua espada Joiosa, no meio das filas de sarracenos, cortou muitos pela metade. Carlos Magno teve ajuda de quatro marqueses das terras da Itália, com mais quatro mil guerreiros. Dessa maneira, tão logo o rei Aigolando partiu em retirada para as terras de León, Carlos Magno retornou à Gália com seus exércitos.

Aigolando reuniu inumeráveis gentes, ou seja, os sarracenos, os moábitas, os etíopes, os mouros, os serranos, os pardos, os africanos, os persas, e todos os aliados ao rei muçulmano. Estes sitiaram a cidade gasconha de Agen. Ali teve uma audiência com Carlos Magno, mas não obteve êxito. O imperador, depois de seis meses de espera, conseguiu expulsar Aigolando dessa região. Ele escapou fugitivamente e os sarracenos foram mortos.

Carlos Magno perseguiu Aigolando por várias cidades e sempre vencendo todas as batalhas e matando muitos sarracenos.

O imperador Carlos Magno voltou à Gália e ajudou todas as gentes, perdoou pecados, enriqueceu aqueles que eram pobres, abençoou muitos homens e convocou muitos a lutar contra os sarracenos. Reuniram cento e trinta e quatro mil guerreiros e marchou à Hispania contra Aigolando. Nesse exército, estiveram grandes nomes, como: Turpim, arcebispo de Reims; Rolando, caudilho dos exércitos cristãos, sobrinho de Carlos Magno e filho do Conde de Milão com a irmã de Carlos Magno, Berta; Olivier, Caudilho dos exércitos; Estulto, conde de Langres e filho do conde de Odón; Arestiano, rei dos bretões; Engelero, duque da Aquitânia. Estes eram hábeis em toda sorte de armas, sobretudo com arcos e flechas.

Outros grandes nomes também se juntaram a Carlos Magno, sendo considerados grandes heróis que lutaram contra os infiéis na Hispania, em honra a Jesus Cristo. Então, com este grande exército, ele foi atrás de Aigolando na região dos caminhos de São Tiago, e lá o rei Sarraceno travou um diálogo com o imperador cristão. Carlos Magno e Aigolando tentam defender, cada um, sua religião e ficou decidido que quem vencesse teria sua fé tida como a verdadeira. Assim, os cristãos

³² Fr. Juan Benito Guardiola (1530-1600), *História do Monastério de São Benito o Rei de Sahagún*.

ganharam a maioria das batalhas, pois as perdas, conforme o arcebispo Turpim, foram em razão de os guerreiros não terem tido fé suficiente para vencer os vícios e, por isso, acabaram sendo derrotados pelo maligno. Uma narrativa bastante impositiva por parte da Igreja.

Como os Cristãos vencem a maioria das batalhas, Aigolando compromete-se a converter-se à fé cristã no dia seguinte. Porém, Aigolando decide não mais ser batizado, ao ver como são tratados os pobres que vivem ao redor de Carlos Magno. O imperador assim é contestado: como é possível a religião cristã ser a melhor se muitos morrem de fome diante de Deus? Dessa maneira, Turpim explica que nada adianta a fé em Cristo se não fazemos as obras de Deus na vida dos nossos semelhantes.

Aigolando tem a última batalha com Carlos Magno. O rei muçulmano morre juntamente com seus exércitos. Muito sangue foi derramado, porém, a fé cristã se sobressai sobre os pagãos. Conforme as palavras do arcebispo Turpim, o cristão que tem fé e que cumpre com suas obrigações sempre vence.

Carlos Magno acampa em Ponte Arga, no caminho da Basílica de São Tiago. Alguns cristãos voltaram aos campos de batalha para apossarem-se dos bens dos mortos. Mas o rei sarraceno que sobreviveu, Almonzor de Córdoba, mata a todos esses cristãos de surpresa.³³

Surge aqui outra visão divina: não se deve voltar aos seus vícios. A moral nessa narrativa se refere aos religiosos que abandonam sua fé, perdem a vida celeste e tem a morte eterna.

3.3.5 O gigante Ferragut³⁴

Carlos Magno vence outro rei sarraceno chamado Furre e toma toda a terra de Navarra. Em seguida, trava uma luta com o gigante Ferragut, o qual veio das terras da Síria, enviado pelos turcos. Nessa batalha, Carlos Magno envia quatro de seus melhores pares e todos perdem para o gigante. Manda também mais vinte lutadores e nenhum foi capaz de vencer a Ferragut. Porém Rolando recebe a permissão do imperador para lutar. Rolando e Ferragut lutam por muito tempo, mas ninguém vence. Então Ferragut contesta a Rolando sobre sua fé. Todavia Rolando lhe esclarece tudo sobre Deus e o Cristo Salvador. No entanto, mesmo aceitando a explicação do adversário, o gigante prefere ficar com sua fé e os dois travam nova batalha, mas Rolando vence e mata Ferragut.

Após a morte de Aigolando muitos outros reis sarracenos chegaram às terras da Espanha. Porém nenhum pagão conseguia vencer Carlos Magno.

³³ Tradução nossa, capítulo VII-XVI, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 431-463)

³⁴ Capítulo XVII, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 465).

Figura 02: Batalha entre Rolando e Ferragut



Fonte: Grandes Chroniques de France, séc. XIV.

A luta de Rolando e Ferragut pode ser analisada como uma representação da batalha bíblica de Davi e Goliath (1 Samuel 17: 1-58). No começo da narrativa o gigante é descrito como da linhagem de Goliath:

Em seguida foi anunciado a Carlos Magno que em Nájera havia um gigante da linhagem de Goliath, chamado Ferragut, que havia vindo das terras da Síria, enviado com vinte mil turcos pelo emir da Babilônia para combater. Ele não temia as lanças nem as flechas, e colocaria a prova a força de quarenta homens fortes.³⁵

Na trégua entre Rolando e Ferragut ocorre um diálogo entre os adversários. Esse diálogo pode ser relacionado com o discurso catequizador. Rolando tenta convencer a Ferragut sobre a existência de um Deus único e criador de todas as coisas. No diálogo também se percebe a discussão sobre a santa Trindade:

Ferragut insistiu: De que religião são os francos?
E respondeu Rolando: somos cristãos, pela graça de Deus, e estamos às ordens de Cristo, por cuja fé combatemos com todas as nossas forças.
Então, ao ouvir o nome de Cristo, disse o pagão: Quem é esse Cristo que crês?
E Rolando exclamou: O filho de Deus Pai, que nasceu da virgem, padeceu na cruz, foi sepultado, dos infernos ressuscitou ao terceiro dia e voltou a direita de Deus Pai no céu.
Então Ferragut replicou: Nós cremos que o criador do céu e da terra é um Deus só, e não teve filho, nem pai. É dizer, que, assim como foi criado por nada, tampouco o nada o criou. Logo Deus é um e não trino.³⁶

O discurso entre Rolando e o Gigante é didático, apresenta exemplos sobre a religião cristã. Na discussão dos adversários o vencedor é Rolando, pois consegue convencer Ferragut

³⁵ Tradução da pesquisadora, capítulo XVII, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 465).

³⁶ Tradução da pesquisadora, capítulo XVII, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 467).

sobre a verdade de seu Deus, mas o gigante lhe propõe uma prova de fé ao final da luta, apostando a vitória como a resposta. Assim, Rolando mata o Ferragut, provando, conforme sua visão, que o cristianismo é a religião do único Deus misericordioso.

3.3.6 Das três sedes apostólicas³⁷

O imperador Carlos Magno foi até a terra de São Tiago e converteu os habitantes da região ao cristianismo. Os sarracenos que se recusaram à cristianização foram mortos. O imperador também instituiu um corpo apostólico na região e expulsou todos os pagãos da Galiza.

A *História Turpini* faz referência às três sedes apostólicas mais importantes no mundo, que são Roma, Santiago e Éfeso. Essas guardam as memórias dos três apóstolos prediletos de Cristo, a saber, Pedro, Tiago e João. A esses Cristo fez muitas revelações, segundo o Evangelho, e por isso essas três sedes são reverenciadas sobre as demais do mundo.

(...) Com razão se considera a Roma como a primeira sede apostólica, pois Pedro, o príncipe dos apóstolos, a consagrou com sua pregação, com seu próprio sangue e com sua sepultura. Compostela tem-se justamente por segunda sede, porque São Tiago, que foi entre os demais apóstolos o maior depois de São Pedro, por sua especial dignidade, honra e qualidade, e nos céus tem a primazia sobre eles, a santificou primeiro com sua antiga pregação, e glorificado com o martírio a consagrou com sua sagrada sepultura e agora a exemplifica com seus milagres e não cessa de enriquecê-la constantemente com seus permanentes benefícios. Em verdade se diz que a terceira sede é Éfeso, porque São João Evangelista compôs nela seu Evangelho que começa “*In principio erat verbum*”. (...) ³⁸

Nesse trecho reforça-se sobre as peregrinações nos locais de sepulcros sagrados apostólicos. Esse tema foi discutido nesse trabalho no primeiro capítulo e reafirma-se nesse trecho do *Codex Calixtinus* demonstrando-se um discurso de divulgação da sé apostólica.

3.3.7 Da pessoa e da fortaleza de Carlos Magno

No capítulo XX é feita uma descrição do imperador Carlos Magno. É apresentado como um homem muito alto de cabelo castanho, de barba ruiva, corpo forte e bonito e com um olhar terrível.

³⁷ Capítulo XIX, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 475-477).

³⁸ Tradução da pesquisadora, Capítulo XIX, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 476-477).

(...) E era o rei Carlos Magno de cabelos castanhos, rosto inigualável, corpo proporcionado e charmoso, mas de terrível olhar. Sua estatura era média, (...). Tinha ombros largos, proporcionado de cintura e ventre, braços e pernas grossas, de membros muito fortes, soldado arrojado e muito eficaz no combate. (...) Qualquer homem a quem ele num rápido olhar de ira com seus olhos abertos fixava, instantaneamente aterrorizava. (...) Tinha a força que com sua espada partia de um só golpe a um cavaleiro armado, (...). E era esplêndido em sua recompensas, muito reto em seus juízos, eloquente em suas palavras (...)³⁹

É descrito, também, seu caráter, que era muito forte, seu olhar aterrorizava qualquer um que fosse contra ele. Era um homem sem delicadezas, e sempre bem armado. O seu sono era vigiado por cento e vinte homens ao redor de seu leito.

Nesse discurso percebe-se a fortaleza que essa personagem histórica inspirava a sociedade da época, pois Deus o escolheu justamente por sua força, pois a missão de expulsar os sarracenos da região da Galiza cabia a uma personalidade forte como a de Carlos Magno. A narrativa da *História Turpini* denota que Jesus elegeu o povo cristão como o povo prometido para dominar o Ocidente através da personalidade de um imperador cristão como Carlos Magno.

3.3.8 Da batalha de Roncesvales e da morte de Rolando e dos demais guerreiros

Sobre a traição ocorrida em Roncesvales, o *Codex Calixtinus* não faz menção à *Chanson de Roland* e estende seu relato voltando-se em direções morais sobre pecado e castigos dos cristãos derrotados e traidores. Os ambientes dessas narrativas são mais voltados para os relatos das Cruzadas e da Reconquista⁴⁰.

Segundo o relato da *História Turpini*, Ganelon, um dos aliados de Carlos Magno, trai o imperador, juntamente com o rei sarraceno Marsílio. A derrota é justificada pelo fato de os soldados cristãos terem bebido muito vinho sarraceno e por fornicarem com mulheres pagãs.

Ganelon diz ao imperador que Marsílio decide converter-se ao cristianismo e por isso Carlos Magno vai ao seu encontro levando consigo seus melhores homens, dentre eles Rolando e Olivier.

Uma batalha foi travada, porém, por ser resultado de uma emboscada de um ataque surpresa, muitos morreram, inclusive Olivier, e outros fugiram. Rolando conseguiu fugir, mas

³⁹ Tradução da pesquisadora, capítulo XX, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 479).

⁴⁰ Nota do *Codex Calixtinus* (Tradução em castelhano, 2014, p. 483).

volta para atacar Marsílio. O herói então toca sua trompa de marfim, reunindo cem homens para o contra-ataque. Com muita fé Rolando consegue chegar até o rei Marsílio e o mata, mas os cem cristãos, que lutaram com muitos, também morreram e Rolando ficou muito ferido e morreu também. Antes de sua morte, ele toca sua trompa de marfim e o som chega até Carlos Magno, que está com Ganelon, este dá maus conselhos ao imperador para não voltar e chegar ao encontro de Rolando.

Em seus últimos momentos de vida Rolando confessa seus pecados a Deus e roga pelos seus bravos companheiros que morreram em batalha, seu discurso exalta a fé em Deus e no Salvador Jesus Cristo:

- Manda tua misericórdia, Senhor, por teus fiéis que hoje morreram em combate. Desde distantes lugares vieram a estas terras bárbaras para combater o povo infiel, exaltar teu santo nome, vingar teu precioso sangue e declarar tua fé. Agora, pois, há mortos por ti pelas mãos dos sarracenos; mas tu, Senhor, limpa clementemente suas manchas e arranque suas almas do inferno. Envia teus santos arcanjos para que busquem suas almas do lugar das trevas e as levem ao reino celestial para que com teus santos mártires possam reinar eternamente contigo, que vive e reina com Deus Pai e Espírito Santo, pelos séculos dos séculos, Assim seja.⁴¹

A testemunha da morte de Rolando foi Tedrico⁴². Depois ele fez sua confissão e oração. Conforme o relato do Livro IV, Rolando teve sua alma transportada pelos anjos do Senhor para o eterno descanso.

Outro discurso de Rolando, antes da morte, foi na tentativa de destruir sua espada Durandal, para que não caísse em mãos sarracenas:

- Oh! Formosa espada, de brilho nunca escurecido, de armónicas proporções e fortaleza inquebrantável, de branquíssimo punho de marfim, esplêndida cruz de ouro e dourada superfície; adornada com um pomo berilo e esculpida com o emblema do nome de Deus; de bem afiada ponta e aureolada com a virtude divina. (...)⁴³

O arcebispo Turpim tem uma visão acerca da morte de Rolando: segundo seu relato durante a missa celebrada para os defuntos, ele foi arrebatado em êxtase. Ele viu a alma daqueles que eram pagãos indo para o inferno junto com Marsílio e junto com São Miguel ia a alma de Rolando e dos guerreiros que lutaram junto a ele.

⁴¹ Tradução da pesquisadora, capítulo XXI, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p.491).

⁴² Personagem apresentado na *História Turpini* do *Codex Calixtinus* (2014, p.489) na hora da morte de Rolando.

⁴³ Tradução da pesquisadora, capítulo XXI, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p.487).

Nesse mesmo momento, Carlos Magno encontra o corpo de Rolando e chora por sua morte. Com honras Carlos Magno unge o corpo de seu sobrinho com bálsamo, mirra e aloés⁴⁴, e todos celebraram com cânticos, choros e rezas, ao redor do corpo do herói cristão.

Por todos esses acontecimentos Carlos Magno matou e esquartejou Ganelon. O imperador mandou ungir os corpos de todos os que lutaram com Rolando e enterrou seus corpos pelos territórios da Hispania. Rolando foi sepultado na Igreja de São Romão, fundada pelo próprio Carlos Magno, segundo a narração da *História Turpini*.

Figura 03: Carlos Magno lamenta ao encontrar o corpo de Rolando



Fonte: Iluminura de Jean Fouquet em uma crônica francesa⁴⁵

3.3.9 A morte de Carlos Magno

O arcebispo Turpim de Reims nos conta que um dia ele estava em Viena (França) extasiado em preces quando passou por ele um grande exército de negros, então ele perguntou a um deles para onde estava indo. Este lhe respondeu dizendo que estava se dirigindo à morte de Carlos Magno. Turpim o esconjura. Ao terminar sua prece o exército retorna e, novamente, Turpim perguntou ao mesmo homem o que ele havia feito. O homem lhe disse “Um galego descabeçado colocou tanto peso em suas basílicas que acabou caindo em sua cabeça, pois as boas obras foram mais pesadas que os seus pecados”. E esse homem desapareceu.

⁴⁴ Mirra e aloés são perfumes agradáveis e atraentes e foram mencionados no Novo Testamento no enterro de Jesus, em que tomaram parte José de Arimatéia e Nicodemos (Jô 19:39).

⁴⁵ <https://www.pinterest.pt/pin/545709679833401624/>

Naquele dia, o arcebispo compreendeu que Carlos Magno havia morrido com a proteção de São Tiago, pois havia construído muitas igrejas e havia sido levado para os reinos celestiais.

Quinze dias depois, o mesmo mensageiro foi comunicar ao arcebispo que Carlos Magno, desde que regressou da Hispania estava enfermo, e três anos antes de sua morte haviam sido produzidos alguns sinais. Aconteceu que o sol e a lua se escureceram durante sete dias antes de sua morte. Que o seu nome *Karolus princeps*, que estava escrito na parede interna da igreja redonda da Virgem Santa Maria, quase se apagou por inteiro, por si mesmo. O pórtico que havia entre a igreja e o palácio ruíram, espontaneamente, no dia da Ascensão do Senhor. Foi tomada por um incêndio a ponte de madeira que havia construído em Mogúncia sobre o rio Reno. Além desses fatos, aconteceu que estando andando a cavalo uma fogueira passou por ele e, assustado, acabou caindo do cavalo.

Conforme o arcebispo Turpim, uma pessoa como Carlos Magno, quando é morto, é arrancado das mãos dos demônios e levado para o reino celestial, por intercessão dos santos cujas igrejas construíram.

Turpim faz uma narrativa de flashback, pois somos levados de volta no tempo, a partir do ponto em que a história chegou, ou seja, ao momento em que Turpim estava em Viena, enfermo por suas feridas e cicatrizes de guerra, a fim de apresentar o relato dos eventos passados. A ação do presente é interrompida no *Prólogo* e retoma no último capítulo o mesmo ponto do início da *História Turpini*. Ele conta a história a partir do momento em que ficou sabendo da morte de Carlos Magno e das revelações posteriores das quais não foi testemunha.

3.3.10 Milagre mediado por Rolando sobre a cidade de Grenoble

O arcebispo nos traz uma memória importante do fato que aconteceu com Rolando, o grande herói e sobrinho de Carlos Magno. Estando Rolando sitiando a cidade de Grenoble, durante sete anos, com inumeráveis exércitos cristãos, chega um mensageiro anunciando que Carlos Magno estava assediado por três reis, a saber, dos vândalos, dos saxões e dos frísios, e de todos os seus exércitos em território de Worms, e estava pedindo que Rolando o ajudasse a livrá-lo dos pagãos.

Rolando passou três dias sem comer e sem beber em oração a Jesus Cristo para que o auxiliasse nessa situação, e que não perdesse nenhuma das batalhas. Pediu com muita fé que as muralhas da cidade de Grenoble cedessem. Assim, depois de três dias os muros da cidade

havia sido destruídos sem ajuda das mãos humanas e os pagãos afugentados. E Rolando muito satisfeito saiu prontamente a ajudar Carlos Magno.

3.3.11 Da morte de Turpim e da descoberta de seu corpo.

Este capítulo é escrito pelo Papa Calixto acerca da morte do arcebispo Turpim e do achado de seu corpo.

Segundo o Papa Calixto, Turpim estava vivendo em Viena e após a morte de Carlos Magno vivia já cansado das dores de suas feridas e trabalhos e foi descansar no Senhor com digna morte e foi enterrado na mesma cidade em que estava. Na época do Papa Calixto e alguns de seus clérigos encontraram um formoso sarcófago onde estava o corpo de Turpim, que foi transferido para outra igreja, pois aquela em que ele se encontrava estava devastada. Dessa maneira, o Papa Calixto relata que Turpim recebeu no céu a coroa da vitória por suas boas ações que praticou na terra.

O Papa Calixto faz menção aos nomes de Rolando, que significa ciência; Olivier quer dizer herói da misericórdia; Carlos é luz da carne; e Turpim é limpo ou não torpe. E o dia 16 de junho ficou consagrado aos defuntos que sofreram martírio por fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, desde os tempos de Carlos Magno.

3.3.12 Apêndices do Papa Calixto

Nesse texto, o Papa Calixto relata que após a morte de Carlos Magno a região da Galiza esteve em paz até que apareceu um Almanzor de Córdoba que afirmava conquistar e submeter o povo galego às suas leis. Devastou as cidades e chegando à cidade de Santiago saqueou tudo que encontrou. E por isso muitos sarracenos foram castigados, uns tendo os ventres destruídos, outros ficando cegos. O próprio Almanzor teve todas essas enfermidades e rogou ao Deus cristão. Em sua súplica, pediu a Deus e aos santos que tivesse sua saúde de volta e prometeu, caso recebesse essas graças, devolver tudo o que havia saqueado da cidade. Assim ele devolve o que roubou e recebe a graça da cura.

Então esse mesmo Almanzor invade outra cidade e saqueia outra igreja, mas esse homem tenta golpear fortemente a igreja de São Romão e foi transformado em pedra e a estátua existe até os tempos do Papa Calixto, conforme seu relato.

3.3.13 Começa a epístola do Papa Calixto⁴⁶

O Papa Calixto cita na carta como foi difícil para os cristãos terem passado por tantas tormentas nas mãos dos sarracenos. Ele também adverte sobre a importância de todos os cristãos que morreram para salvar a Hispania do povo sarraceno. Assim ele faz reverências a todos que lutaram pela fé cristã e que esses tiveram seus pecados perdoados e alcançaram a paz celestial junto ao reino dos céus. E, por isso, todos que divulgarem esta epístola serão recompensados com a glória eterna.

⁴⁶ Capítulo XXVI, Livro IV (*Codex Calixtinus*, 2014, p.517-519).

CAPÍTULO 4

Livro II – O Livro dos Milagres

Na Idade Média todos os santuários guardavam o corpo do seu patrono, que era um homem de Deus, e esse era famoso por apresentar santos poderes junto ao Senhor. Assim os livros dos milagres, que constituem um gênero literário da época, estavam presentes nos centros de peregrinação e guardavam em suas escrituras os relatos de milagres ocorridos com os peregrinos, que visitavam os túmulos sagrados. Os relatos de milagres oferecem testemunho da prática da peregrinação. Esse fato não era diferente em Santiago de Compostela, pois esse santuário abriga uma das coletâneas mais importantes, no que diz respeito a milagres medievais, que é Livro II do *Codex Calixtinus*. O Livro II ou *Livro dos milagres (Liber de miraculis)*, de São Tiago, é o mais antigo, conhecido e difundido do *Codex Calixtinus*.

O livro apresenta vinte dois milagres atribuídos a São Tiago, e alguns destes milagres se encontram em outros textos medievais, dentre eles a *Legenda Áurea* de Iacopo de Varazze, em Gonzalo de Berceo, em Alfonso X e Juan Gil de Zamora.

Os milagres aconteciam nos caminhos que levavam, e levam até os dias atuais, à Basílica de São Tiago, em Compostela, e os caminhos eram realizados via terra ou mar. Muitos milagres ocorreram no mar. Após o descobrimento da tumba do santo apóstolo a maioria das peregrinações era realizada por via marítima.

Os milagres são fenômenos que não são naturais, têm caráter súbito e excepcional numa perspectiva religiosa. Os milagres eram textos para a promoção do santuário, destacando muitas vezes a especialidade do santo, ou seja, seu poder de intercessão junto a

Deus (MELO NETO, 2010, p. 52). Nesse sentido, Aires A. Nascimento (1993, p. 460)⁴⁷ esclarece melhor o conceito do milagre como forma literária:

São narrativas breves, em torno de um fato extraordinário, relacionado com o culto de um santo, em santuário bem determinado, referido a um beneficiário identificável, sincero e agradecido, que exprime o seu reconhecimento manifestando publicamente a graça recebida perante uma autoridade (religiosa e/ou notarial) e perante os peregrinos do santuário (através da narrativa ou da oferta de testemunhos exteriores).

No *Livro dos milagres* observam-se dois tipos de personagens, ou seja, os seres sobrenaturais e as figuras comuns (os pecadores). No plano do sobrenatural estão “Deus, os anjos, os santos após a morte, Maria, o diabo e os demônios”.⁴⁸ Já os pecadores, são os homens terrenos, ou seja, os peregrinos.

É possível notar que os milagres presentes no *Codex Calixtinus* não se limitam ao *Livro II*, eles estão presentes em várias narrativas do códice, ou seja, em seus outros livros.

As narrativas de milagres também podem ser analisadas através do conceito de outro gênero textual, o *exemplum*. Esse gênero pode ser caracterizado por “uma historieta edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzir *exempla* nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor uma lição salutar” (Le Goff, 2010, p. 141). A figura utilizada para exemplificações nesse gênero são os judeus, no entanto, pode-se utilizar esse conceito de *exemplum* para compreender a moral dos milagres.

4.1 Introdução do Livro dos Milagres, escrita pelo Papa Calixto⁴⁹

O Papa Calixto ressalta a importância de ter mandado compilar os milagres de São Tiago para perpetuar sua memória. Segundo o Papa, os milagres foram narrados por sábios e são os exemplos dos santos e estes são levados com amor e doçura aos corações dos ouvintes. Calixto nos conta que os milagres foram ouvidos por ele ao viajar por terras estrangeiras, e que uns são passados da Galiza, outros na França, na Alemanha, na Itália, na Hungria e na Dácia⁵⁰, e outros dos três mares⁵¹. Calixto afirma também ter escutado outros em terras

⁴⁷ In: LANCIANI, G. & TAVANI, G. *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

⁴⁸ SILVA (2008, p. 159).

⁴⁹ Introdução do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 325-326).

⁵⁰ A Dácia compreende a atual Romênia.

⁵¹ Os mares eram, segundo notas do *Codex Calixtinus* (tradução castelhana, 2014, p. 326), do Tirreno, Adriático, Jônico e Egeu, que cruzavam da França à Terra Santa, possivelmente por analisar alguns milagres (VII-X).

bárbaras, onde São Tiago fez aparições. Alguns dos relatos, o próprio Calixto afirma ter sido testemunha ocular.

Calixto, em sua introdução, nos explica que não expôs todos os milagres que ele ouviu e conheceu, somente aqueles que considerou mais verdadeiros, de afirmações reais e de homens também reais, porque se ele escrevesse todos os milagres que sabia não teria mãos para escrevê-los. Assim, o Papa ordena que o Livro II do códice seja muito divulgado entre todos:

Mas não pense que escrevi todos os milagres e exemplos que ouvi, senão os que considerei verdadeiros por afirmações verídicas de homens verídicos. Porque se escrevesse todos os milagres que ouvi nos muitos lugares, de muitas bocas, me faltaria mãos e pergaminhos para escrevê-los. Pelo qual ordenamos que este códice seja lido atentamente nas igrejas e refeitórios nos dias festivos do santo apóstolo e outros, se convir.⁵²

Para demonstrar a autoria dos milagres, no Livro II foram colocadas como forma de título as denominações de “milagre de São Tiago escrito pelo Papa Calixto”, e “milagre de São Tiago exposto pelo Papa Calixto”. Dos vinte e dois milagres, dezoito são considerados como composição do Papa. Essa metodologia impõe mais veracidade e autenticidade para o suposto autor do códice.

Nessa introdução de Calixto é possível notar a importância dos milagres para a promoção do Santo apóstolo e de sua basílica, usando como recurso a fé cristã. Conforme Díaz y Díaz (2010, p. 82), o *Liber Sancti Jacobi* servia como exaltação do culto do apóstolo e, também, como justificativa das peregrinações a Santiago. Mas os milagres possuíam algo mais do que promoção e exaltação, eles possuíam uma finalidade didática para estimular o culto ao santo. Podemos dizer que são “narrativas exemplares para promover devoção em torno de um santuário” (NASCIMENTO, 2004, p. 7).

Os milagres reproduzidos a seguir são narrativas simples, em que o resultado é a salvação dos pecadores por intercessão de São Tiago.

(...) o milagre, na sua expressão textual é uma forma simples, de desenvolvimento reduzido, com uma estrutura que, visando um enunciado doutrinal, o exemplifica num caso em que um protagonista, vítima de uma situação adversa, mediante o recurso a uma entidade sobrenatural (normalmente através de um intercessor), é beneficiado com a resolução positiva dessa situação e, em resultado disso, dá largas ao seu agradecimento em gestos de louvor que concita a admiração ou também procura criar testemunho do acontecimento (...) (NASCIMENTO, 2004, p. 8).

⁵² Tradução da pesquisadora, Introdução, Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 326).

Nos relatos de milagres os pecadores são os peregrinos, que ao realizarem a viagem pelos caminhos em direção à Basílica de Compostela, passam por provações e tentações do diabo. Esses milagres acontecem sempre durante a peregrinação rumo ao sepulcro sagrado do apóstolo. No desfecho dos relatos teremos sempre o peregrino salvo dos perigos por intercessão de São Tiago e assim o testemunho é dado para a honra do apóstolo. Podemos dizer que eles são previsíveis, há uma repetição dos topos da resolução, todos são “salvos” pela intercessão do santo.

Outro ponto importante a ressaltar é que as narrativas tentam deixar transparecer um sentido de realismo, ao mesmo tempo de candura, com mensagens de doutrinação aos homens, pois estes devem confiar no sagrado e a sua falta de fé, muitas vezes, pode lhes trazer alguma punição. Essa punição é solucionada pela crença, pela devoção ao santo, que intercede junto a Deus, para que o milagre aconteça, pois para Deus nada é impossível. Assim, “perante situações de urgência, esse mesmo homem não hesitará em impetrar a modificação dos acontecimentos, sendo a condição dos intercessores modos de dignificar a relação com o sagrado” (NASCIMENTO, 2004, p. 9). A intervenção do santo sempre será benéfica, mesmo que em alguns casos seja para penalizar, também.

4.2 Livro II: acerca dos 22 milagres de São Tiago e uma possível categorização

O *Livro II* é composto de 22 capítulos, cada capítulo apresenta um milagre atribuído a São Tiago, por sua intercessão junto a Deus, para salvação do homem que realizava os caminhos de peregrinação, rumo à basílica de Santiago de Compostela. Notaremos que estar diante de São Tiago, ter sua presença, é estar diante do milagre. Dessa maneira, o milagre:

Encontra a sua legitimação e arquétipos fundamentais no próprio Evangelho e na concepção de santidade como imitação das ações de Cristo. Não corresponde menos a uma certa diversidade de interesses, que vão do catequético e chegam ao apologético (demonstração de uma verdade contra os hereges), passando pela intenção doutrinal (o milagre manifesta a atuação divina em maior plenitude do que no tempo dos Patriarcas ou dos Profetas) e pelo intuito pragmático (garantir o sucesso de peregrinação e a edificação ou manutenção de um santuário através das ofertas dos devotos) (NASCIMENTO, 1993, p. 460, In: LANCIANI, G. & TAVANI, G. 1993)

Para uma melhor análise desses 22 milagres, será feito uma sistematização em relação aos temas abordados nas narrativas do Livro II, analisando as possíveis categorizações.

Percebe-se que há uma categorização dos Milagres, em que o prodígio ocorre para beneficiar o devoto que passa por grave crise e se encerra com a gratidão do agraciado que anuncia o milagre à multidão. A esse tipo de milagre em que há o auxílio e o perdão acrescentam-se também outras características nas quais o santo castiga a quem não cumpre seus deveres e premia aqueles que tenham levado uma vida regrada e de boas ações.

O objetivo dessa inclinação do *Liber Sancti Jacobi* pelos milagres de auxílio tem a ver com a sua condição de propaganda e promoção do santuário, e o intuito de convencer a seus peregrinos de que poderão contar com a proteção de São Tiago para superar os perigos dos caminhos até Santiago de Compostela (LACARRA, 2005, p. 286).

4.2.1 Milagres de auxílio e perdão

A maior incidência de milagres do Livro II se encaixa na categoria de auxílio, em que os peregrinos serão beneficiados com a proteção e salvação do Apóstolo, os quais estarão em situações de perigo, enfermidades, ou peregrinos que foram trapaceados por pessoas más ou enganados pelo próprio diabo. Nesses casos, podem-se citar os milagres 6, 10, 12, 16, 18 e 21. Outro tipo de auxílio recebido pelo santo é o da ressurreição, em que o peregrino, merecedor pelas suas boas ações, e por sua fé e devoção a São Tiago, recebe sua vida de volta, por misericórdia de Deus e interseção do Apóstolo, como ocorre nos milagres 3, 5 e 17. Há também, os milagres que ocorrem para a salvação dos cristãos, alguns que foram presos em cativeiros pelos inimigos, que na maioria das vezes são representados pelos sarracenos (milagres 15 e 19), ou que venceram batalhas por intercessão de São Tiago (milagres 1, 7, 11, 14 e 20). Há também os milagres que demonstram agradecimento, como o de número 8, em que o devoto após receber o auxílio do santo compõe um responsório em honra ao Apóstolo.

Dessa maneira, serão apresentados esses milagres que denotam essa categoria de ajuda e proteção:

4.2.1.1 Situações de perigo, enfermidades, ou peregrinos trapaceados por pessoas más ou enganados pelo próprio demônio.

*Milagre VI – Do poitevino a quem o Apóstolo concedeu, para ajudá-lo, um anjo em figura de asno*⁵³

Exemplo de São Tiago escrito pelo Papa Calixto. Esse milagre ocorreu no ano de 1100 no principado do conde Guilherme de Poitou, subordinado ao rei dos francos, Luís⁵⁴. Nessa época uma peste mortífera atacou o povo poitevino, morrendo muitas pessoas. Certo cavaleiro, com medo dessa calamidade e na tentativa de evitar fatos piores, decidiu ir a Santiago por terras da Hispania. Assim, seguiu viagem com a mulher e dois meninos, montados em uma égua. Chegando à cidade de Pamplona sua mulher faleceu, e o estalajadeiro injustamente tomou os pertences que ele e a esposa levavam consigo.

O cavaleiro estava muito triste e despojado totalmente de dinheiro e da égua, mas ele pegou os meninos e seguiu até Santiago. Estando muito angustiado e preocupado, encontrou-se com um homem de aspecto honorável que levava um asno muito forte. Este homem escutou a história do cavaleiro e comoveu-se, por fim, resolveu emprestar o asno para que o peregrino levasse os meninos até Compostela, pois esse homem honroso morava perto da basílica de São Tiago. Porém, o dono do asno fez o empréstimo na condição de devolver o animal ao final da viagem. Então o cavaleiro foi até Santiago com o asno e lá chegando apareceu-lhe o glorioso Apóstolo com luminosas vestes, o qual lhe disse com simplicidade: “Não me conheces, irmão? – “De modo algum”, respondeu ele. “Eu sou – replicou-lhe – o Apóstolo de Cristo, que em terras de Pamplona te emprestei meu asno em meio a tua angústia”. Agora, pois, o empresto de novo até que regresse à tua casa; e teu malvado hospedeiro pamplonês, por haver-te despojado injustamente dos teus pertences, cairá de seu assento e terá má morte, como também todos os hoteleiros desonestos estabelecidos em meu caminho, pois estes que ficam iniquamente com os bens de seus hóspedes vivos ou mortos, bens que devem ser doados para igreja e para os pobres em caso de sufrágios dos defuntos, serão condenados para sempre”.

E quando o peregrino quis abraçar os pés daquele que falava, o reverendíssimo Apóstolo desapareceu aos olhos humanos.

O peregrino saiu da cidade de Compostela muito feliz com a visão que teve, e ao passar pela cidade de Pamplona ficou sabendo que o estalajadeiro desonesto havia morrido com o pescoço quebrado após escorregar em sua casa, como havia predito São Tiago. Chegando à sua pátria, desceu os meninos do asno e no mesmo instante o animal desapareceu diante de sua vista.

Todos que ouviram essa história se admiraram e começaram a dizer que, ou o asno era verdadeiro, ou era um anjo em figura de asno, que o Senhor muitas vezes envia aos que o temem para que os ajude. “Isto foi realizado pelo Senhor, e é maravilha aos nossos olhos”.

Nesse milagre é demonstrado que todos os hoteleiros maliciosos são condenados à morte eterna por se apropriarem desonestamente dos bens dos hóspedes vivos ou defuntos, pois se devem oferecer esmolas às igrejas e aos pobres de Cristo, em sufrágio dos mortos.

⁵³ Tradução da pesquisadora, capítulo VI do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 341).

⁵⁴ Guilherme IX, duque da Aquitânia, e Luís VI, o Gordo, de França, associado ao trono por seu pai Felipe I e coroado em 1098 (Conforme Nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 341).

As Sagradas Escrituras contêm passagens relativas à hospitalidade, Pedro recomendou o exercício da hospitalidade aos judeus da Ásia (*Epístola aos judeus*, 4, 9), e Paulo, insistiu nessa necessidade de ajudar aos Judeus da Ásia (*Romanos*, 12:13). Portanto, hospedar as pessoas era um ato de caridade, Jesus se valeu dessa ajuda durante sua passagem no mundo. No Livro V do *Codex Calixtinus* também recomenda a hospitalidade com os peregrinos, utilizando como justificativa:

O mundo inteiro deve receber com caridade e respeito aos peregrinos, tanto pobres, como ricos, que voltam ou se dirigem ao solar de São Tiago, pois qualquer um que os receba e hospede com esmero, terá como hóspede, não só a São Tiago, mas também ao Senhor, segundo as palavras do Evangelho: "Quem recebe vós, recebe a mim. (Mateus, 10: 40)".⁵⁵

Assim, o exemplo moralizante desse milagre relaciona-se à hospitalidade. Na Idade Média a hospitalidade era recorrente durante as peregrinações, pois os caminhos que levavam à basílica do Apóstolo eram repletos de perigos. Com o aumento das peregrinações, os caminhos de São Tiago se tornaram mundialmente conhecidos, e por isso houve uma proliferação de hospedarias, que favoreciam muito a expansão da peregrinação. Foram, inclusive, criados muitos hospitais na rota jacobea. Segundo Díaz y Díaz (2010, p. 92), o caminho até Santiago era feito com muitos sacrifícios, por isso muitas pessoas que viviam às margens desses caminhos tinham compaixão com os peregrinos. Alguns roubavam e enganavam os viajantes, mas outros ajudavam, dando comida e acolhida. Assim, pouco a pouco, foram sendo construídos hospitais e casas de acolhida para que os peregrinos pudessem descansar dos caminhos e curar suas feridas. Esse fato foi importante, pois as pessoas começaram a sentir mais confiança para realizarem a peregrinação até Compostela. Como exemplo desses centros de acolhida, pode ser citado o Hospital de Roncesvalles, ou Hospital Real de Burgos, no caminho francês, o qual foi construído por Alfonso VIII e sua esposa Leonor, no século XII.

Contudo, algumas hospedarias espalhadas pelos caminhos de Santiago não eram de confiança, muitos hospedeiros, aproveitavam-se da situação em que os peregrinos se encontravam, que às vezes era degradante, por causa de enfermidades e ferimentos decorrentes da árdua viagem, para roubar e enganar. Por esse motivo, surge a figura do hospedeiro, ou estalajadeiro, ordinário, que é tão presente nos relatos de milagres do Livro II do *Codex Calixtinus*. O intuito do Papa Calixto de apresentar essa personagem no Livro dos

⁵⁵ Tradução da pesquisadora, capítulo XI do Livro V (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 603).

milagres é a de alertar aos donos de hospedarias e às pessoas que vivem às margens dos caminhos de Santiago que devem ser hospitaleiros com os peregrinos, pois isso agrada a São Tiago, caso contrário o santo poderá amaldiçoar com má sorte aquele que não segue esse exemplo.

Outra análise possível nesse milagre VI é a questão da metamorfose de São Tiago em um cavaleiro honorável e a do anjo em asno. Há outras metamorfoses presentes no Livro II do *Codex Calixtinus* como a do diabo no milagre 17.

A metamorfose é algo extraordinário para o homem medieval e esse dom cabe somente aos seres sobrenaturais, como os santos, o diabo ou os anjos, nada disso é possível para o homem comum. No entanto, há uma diferença entre o maravilhoso e o milagre. Nos milagres, há somente um autor, que é Deus, já o maravilhoso, em geral remete ao sobrenatural, e nesse campo mais amplo pode-se encaixar o mágico, que possui uma tendência ao maléfico, o qual é representado pelo diabo (LE GOFF, 2010, p.19).

Nesse milagre em questão há somente a metamorfose de São Tiago e do anjo em asno. São Tiago consegue realizar tal feito por ordem de Deus, e será na maioria dos milagres representado por aparições, no qual está vestido de cavaleiro, e conseqüentemente por desaparecer aos olhos humanos instantaneamente. Isso porque ele é o apóstolo de Cristo e um dos prediletos entre os doze. Já os anjos, que também são figuras sobrenaturais e da ordem de Deus, também são aptos a realizar feitos maravilhosos aos olhos dos homens.

Os anjos são criaturas divinas “cuja vocação é manifestar-se aos homens e com eles estabelecer relações” (LE GOFF, 2006, p. 72). Essas relações serão intermediárias entre o Céu e o mundo humano. Ainda, segundo Le Goff (2010, p.73), “a manifestação angélica é uma descida do Céu à terra que santifica o homem, o tempo e o espaço”. No caso relatado no milagre VI, o asno vem para auxiliar o cavaleiro a transportar seus filhos até Santiago, e depois para retornar à sua pátria. O relato do milagre não afirma que o asno é um anjo, mas cita que as pessoas que tomaram conhecimento do caso assim o consideraram. Talvez, em decorrência de o animal ter desaparecido assim que cumprira a sua missão, e por tal não poder ser considerado um animal qualquer, mas sim um ser divino que representou um papel importante no milagre realizado. E por ser um milagre, que possui autoria somente divina, deveria assim ter como auxiliar um ser também divino, ou seja, um anjo.

*Milagre Capítulo X – Do peregrino caído ao mar a quem o Apóstolo, sustentando-o pelo cangote, o levou até ao porto no período de três dias*⁵⁶

Milagre de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. No ano de 1104 da encarnação do Senhor, certo peregrino que regressava de Jerusalém, enquanto estava sentado à borda da barca para defecar, caiu ali mesmo ao mar. Um companheiro de viagem pulou na água para salvá-lo e rogou o auxílio de São Tiago. Então, o Apóstolo os ajudou e eles nadaram com o amparo de São Tiago três dias e três noites, seguindo a nave, até o porto desejado. Os homens que foram salvos pelo santo contaram a todos como São Tiago sustentou-os continuamente com a mão no cangote deles, até chegar à terra. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Neste milagre verifica-se a prontidão do São Tiago em atender às súplicas de seus devotos, ele auxilia a todos que a ele recorrem e são merecedores por isso. Como é relatado, os homens que recebem a graça do milagre são peregrinos que regressam de Jerusalém. Nos milagres registrados no Livro II, teremos vários exemplos de peregrinos que serão salvos por São Tiago, estando no mar, e na maioria das narrativas, os peregrinos estão indo ou retornando de Jerusalém.

Nota-se nesses milagres, que ocorrem via mar que São Tiago não está somente em auxílio aqueles que peregrinam à sua basílica, mas aos que também vão a Jerusalém. Isso se deve ao fato de que na época os dois centros de peregrinações eram bastante recorrentes pela sociedade medieval. Outro ponto importante é que Santiago de Compostela abrigava o corpo do apóstolo, enquanto que Jerusalém o sepulcro sagrado do Senhor, havendo assim, uma hierarquia entre os locais santos, porque São Tiago está a servir primeiramente a causa do Cristo.

*Milagre XII – Do cavaleiro a quem o Apóstolo livrou de uma enfermidade através do toque de uma concha*⁵⁷

Milagre de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. Correndo o ano de 1106 da encarnação do Senhor, em terras da Apúlia⁵⁸, a garganta de um cavaleiro inchou como um odre cheio de ar. Esse cavaleiro mandou procurar uma das conchas que os peregrinos, que retornaram de Santiago, carregavam consigo, e havendo encontrado com um vizinho seu, tocou sua garganta com ela e sarou, assim, ele foi ao sepulcro dar graças ao Apóstolo. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

⁵⁶ Tradução da pesquisadora, capítulo X do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 349).

⁵⁷ Tradução da pesquisadora, capítulo XII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 353).

⁵⁸ A **Apúlia** (em italiano *Puglia*) é uma região da Itália meridional. Tem limites a oeste com Molise, Campania e Basilicata, ao sul com o Mar Jônico e a oeste e norte com o Mar Adriático. Desde os tempos do Império Romano a região é denominada Apúlia.

A concha, ou vieira, é o símbolo da peregrinação medieval a Santiago de Compostela, assim como a palma é para Jerusalém e a cruz para Roma, conforme já foi dito no capítulo 1 (item 1.3), esses objetos são sagrados pela cristandade e representam a peregrinação cumprida, ou seja, a promessa realizada.

No capítulo IV, do Livro III, do *Codex Calixtinus*, há uma descrição da vieira, a qual representa um dos principais símbolos do Caminho:

Conta-se que sempre a melodia da concha de São Tiago, que os peregrinos levam consigo, ressoa nos ouvidos das pessoas, e esse som aumenta na devoção e na fé, e são levadas para longe todas as investidas do mal; o estrondo das tempestades de granizos, a agitação das tormentas, o ímpeto da tempestade se suaviza em trovões de festa; os sopros dos ventos se contêm saudáveis e moderados; as forças do ar se acalmam⁵⁹.

A vieira é a concha de um marisco muito encontrado na costa da Galiza, é o objeto que identifica os devotos de São Tiago. Na Idade Média, a vieira era usada como amuleto contra pragas e maldições. Geralmente a concha pode ser pintada com uma cruz-espada, a cruz de Santiago. A bela cruz vermelha possui a forma de espada, e uma ponta como lâmina. Foi usada pela primeira vez pela Ordem dos Cavaleiros de Santiago, simbolizando o Apóstolo defensor dos cristãos, na guerra da Reconquista.

No milagre XII é apresentado o relato de um homem, que com o simples toque da concha de São Tiago teve sua garganta curada, comprovando aos fiéis que o símbolo da peregrinação ao sepulcro sagrado do santo, também é capaz de realizar milagres, ou seja, é um exemplo para que as pessoas façam a peregrinação e recebam essa relíquia, que pode curar e proteger o peregrino de todos os males.

O enfermo relatado no milagre, após receber a graça através do objeto sagrado, resolve fazer a peregrinação a Santiago, em forma de agradecimento. Percebe-se nesse relato a questão da promoção da basílica, pois aqueles que possuírem a concha estarão guardados de todos os males. Na realidade, a concha é o símbolo que melhor identifica o peregrino jacobeo.

⁵⁹ Tradução da pesquisadora, capítulo IV do Livro III (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 405).

*Milagre XVI – Do cavaleiro a quem, agonizante e oprimido pelos demônios, o santo Apóstolo livrou através do cajado de um mendigo e da bolsa de uma mulherzinha*⁶⁰

Esse milagre de São Tiago foi exposto por Santo Anselmo⁶¹, arcebispo da Cantuária, e narra sobre três cavaleiros que se comprometeram a fazer viagem a Santiago de Compostela. No caminho encontraram uma mulherzinha que carregava uma bolsa, essa pede aos homens que levem a carga para ela. Um dos cavaleiros leva a bolsa, enquanto a mulher os acompanhava a pé. Quando já estavam a doze léguas de Santiago encontraram um enfermo, impossibilitado de caminhar, o cavaleiro cede seu próprio cavalo e segue a pé, carregando a bolsa da mulher e o bordão do mendigo. Cansado e abatido pelo sol quente, o cavaleiro adoeceu e perdeu a fala. Durante sua agonia na enfermidade, seus companheiros de viagem aconselharam-no que confessasse. Então, ele volta a falar e conta aos companheiros como fora perturbado pelos demônios, que o torturaram e emudeceram-no para não poder confessar seus pecados. Relata também que São Tiago apareceu a ele, com a bolsa da mulher e o bordão do mendigo, e espantou os demônios com esses objetos. Esse cavaleiro pediu extrema-unção ao sacerdote e teve uma boa morte, no entanto, antes de morrer, advertiu a seus companheiros que não continuassem servindo ao seu mau senhor, conhecido por Girino Calvo⁶². Esse senhor teve má morte, pois não mudou de atitudes. Assim, os bons são recompensados e os maus punidos. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Nesse milagre verifica-se a questão da conduta e das boas ações. O peregrino ao ajudar a mulher e o pobre homem enfermo alcançou a salvação de sua alma. Esse cavaleiro havia cometido pecados antes de realizar a sua peregrinação, mas durante a viagem, ajudou pessoas que se encontravam em necessidades e quando ficou enfermo tentou confessar seus pecados, mas os demônios não o permitiram falar e ele não conseguiu se confessar. São Tiago, então, apareceu a ele e o livrou das artimanhas do maligno. Depois que confessou teve boa morte. Antes de morrer ele ainda avisou a seus companheiros para não servirem mais o senhor, que era uma pessoa má. Pessoas más têm má sorte, pois atitudes desumanas e desonestas não são aceitas pelo Senhor.

São Tiago utiliza a bolsa da mulher e o cajado do mendigo para derrotar os demônios, pois esses símbolos representam a caridade e o amor ao próximo. Os objetos também fazem parte da indumentária do peregrino jacobeo, juntamente com a concha. No regresso de Santiago de Compostela, o peregrino guardava as suas vestes, da mesma maneira que acontecia com a vieira, como recordação piedosa, exemplo para seus descendentes, ou então,

⁶⁰ Tradução da pesquisadora, capítulo XVI do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 361).

⁶¹ Santo Anselmo (1033-1109), nascido em Aosta (Piemonte), foi monge e abade em Bec (Normandia) e arcebispo em Cantuária (Inglaterra), em 1093. Perseguido por Guilherme II o Ruivo por sua fidelidade ao Papa Urbano II na questão das investiduras, foi desterrado por ele e mais tarde por seu irmão e sucessor Henrique, o Sábio, até conseguir impor a autoridade da Igreja. Grande teólogo, suas obras representam o passo da patrística à escolástica, a qual o tem por fundador. Sua biografia foi escrita pelo seu secretário, o monge Eadmer. (Conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2014, p. 361).

⁶² Girino Calvo, ou o Calvo, senhor de Donzy, conhecido por vários documentos do cartório da abadia de Savigny, era conhecido por sua reputação de violento e injusto. (Conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2014, p. 363).

doava-os para alguma igreja da sua devoção, como ex-voto e sinal de agradecimento por ter regressado são e salvo dos perigos da viagem.

A bolsa é um saquinho estreito de pele de animal com boca sempre aberta e não atado com cordões. Pode-se dizer que por ser um saquinho estreito significa que o peregrino deve confiar em Deus, pois cabem poucas coisas nele. O simbolismo da bolsa do peregrino pode ser considerado como um ato penitencial da peregrinação jacobea.

Já o cajado, báculo ou bordão, do peregrino é um pau redondo, geralmente provido na base por uma ponta de ferro, que servia de defesa contra animais encontrados no caminho, e serviam também de apoio e ajuda na marcha dos passos difíceis. Apoiar-se no cajado pode significar apoiar-se na fé. O bordão auxilia no caminho para iniciação à cristandade.

Assim, São Tiago utiliza esses objetos para a salvação do enfermo, e com eles consegue vencer a maldade dos demônios, pois os símbolos da peregrinação são dotados de poderes divinos, são milagrosos.

Milagre XVIII – Do conde de São Gil, a quem o Apóstolo abriu as portas de ferro de seu oratório⁶³

Este milagre é de São Tiago e foi exposto pelo Papa Calixto. No século XI, um conde de São Gil, chamado Pôncio⁶⁴, foi a Santiago com seu irmão em peregrinação. Ao entrar na basílica encontraram o oratório onde jaz o corpo do Apóstolo⁶⁵ fechado. Rogaram ao sacristão que abrisse a porta para poderem fazer as orações da noite diante do sepulcro. Porém, era costume as portas do oratório ficarem fechadas desde o pôr do sol até o amanhecer. Os irmãos se retiraram tristes para a hospedaria. Como estavam muito desejosos de fazerem suas orações no oratório, convocaram os demais peregrinos que se hospedavam no mesmo local, para eles acompanhá-los até a igreja, pois se fosse da vontade de São Tiago, as portas do oratório se abririam. E assim aconteceu, uma vez que ao clamor de seus peregrinos as portas do oratório se abriram milagrosamente. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Esse milagre demonstra como o Apóstolo é bondoso ao receber seus peregrinos, ou seja, é um grandioso anfitrião.

⁶³ Tradução da pesquisadora, capítulo XVIII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 371).

⁶⁴ Conde Pôncio de Tolosa (1037-1060 ou 1061) e seu irmão Beltrán, herdeiro do marquesado de Provença (Conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2014, p. 371).

⁶⁵ Após a reforma da igreja em 1076, sobre o sepulcro do Apóstolo se encontra o altar-mor (MALEVAL, 2005, p. 163).

O tema desse milagre também é sobre a hospitalidade. O bom anfitrião é aquele que recebe bem o seu convidado para qualquer evento, pois chegar à basílica de São Tiago é uma grande vitória.

Na iconografia, São Tiago foi representado várias vezes como São Tiago peregrino, por isso ele sabe o que os seus fiéis passaram durante a viagem até a basílica, das situações e provações.

Figura 04: Santiago Peregrino⁶⁶



Fonte: São Tiago de Diogo Pires, o Velho

São Tiago nunca se nega a atender um pedido de seu devoto, ele está sempre a auxiliar e receber o seu fiel. Todos devem receber com caridade e respeito aos peregrinos, ricos ou pobres, que retornam ou que se dirigem a Santiago, pois todos aqueles que recebem de boa vontade terão como hóspede não só a Santiago, mas também ao próprio Senhor, segundo suas palavras no Evangelho: “O que a vós recebe, a Mim me recebe” (Mateus, 10, 40).

É possível notar nesse milagre, que São Tiago preocupa-se em receber seus peregrinos, reagindo contrariamente às ordens da Igreja, isso demonstra que a vontade de seus

⁶⁶ In: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=247429>. (Catálogo coletivo on-line dos Museus da Administração central do Estado Português). São Tiago apresenta na mão esquerda o bordão de peregrino e com a mão direita fechada encosta o Livro dos Evangelhos ao tronco. O santo apresenta a cabeça coberta por chapéu de pala virada, na qual se inscreve relevada a concha de uma vieira. É a imagem de São Tiago peregrino.

fiéis é maior que a vontade dos clérigos, pois o santo está preocupado em atender aos seus devotos, demonstrando sempre caridade e compaixão.

No entanto, há que se notar também que o peregrino em questão possui *status*, uma vez que se trata de um conde de São Gil, chamado Pôncio. Nesse caso, as doações feitas à Igreja deveriam ser grandiosas, e por isso um pedido dessa personalidade não deveria deixar de ser atendida.

*Milagre XXI: Do aleijado, a quem apareceu o santo Apóstolo em sua basílica e em seguida o tornou são*⁶⁷

Milagre de São Tiago escrito pelo Papa Calixto. Este milagre ocorreu nos tempos do Papa Calixto. Um importante varão de Borgonha chamado Guiberto, que desde os quatorze anos era paralítico, encaminhou-se para Santiago em dois cavalos, com sua mulher e seus criados. Hospedou em um hospital do mesmo Apóstolo⁶⁸, perto da igreja. Ficou em oração durante duas noites, na basílica de São Tiago, e na terceira, veio o Apóstolo e mandou que ele se levantasse. Então Guiberto foi curado e ficou a rezar por mais treze dias na igreja, em agradecimento pelo milagre, e contou sobre o ocorrido a todos por sua própria boca. "Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos".

Nesse relato tem-se um milagre de cura, presente também nas Sagradas Escrituras. Segundo o Evangelho, quando Jesus chegou à cidade de Cafarnaum, um centurião se aproximou e lhe suplicou que curasse o seu servo, que estava de cama, em casa, e sofria muito. Jesus consentiu e disse ao homem que o acompanharia à sua casa. Mas o centurião disse: "Senhor, eu não sou digno de que entre em minha casa. Diga uma palavra e o meu servo será curado." O próprio Cristo ficou muito admirado com a fé do centurião. "Seja feito conforme a sua fé", disse. E o servo ficou curado (Mateus, 8, 1-4)⁶⁹. Essa passagem bíblica ensina que a força geradora dos milagres está na fé. Ela pode se manifestar sob a forma de uma promessa, ou de uma oração profunda. Aquele que crê busca e encontra respostas a seus pedidos e aflições.

Dessa maneira, São Tiago, como apóstolo predileto de Jesus, possui a capacidade de intercessão junto ao Senhor para curar pessoas, principalmente aqueles que peregrinam até seu sepulcro, e fazem por merecer a graça solicitada. Nesse milagre o varão rezou e suplicou auxílio ao Apóstolo, orando por duas noites, até conseguir que fosse curado. Depois, em

⁶⁷ Tradução da pesquisadora, capítulo XXI do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p.379).

⁶⁸ Este antigo Hospital do Apóstolo São Tiago, para asilo dos peregrinos pobres, localizava-se na porta norte da catedral ou da Azevicheria, onde existem hoje os jardins de São Martinho Pinário.

⁶⁹ Em Mateus, capítulo 8, estão registradas outras curas realizadas por Jesus Cristo.

agradecimento ficou por mais treze dias em oração. O personagem do relato era paralítico desde os quatorze anos e só alcançou a graça porque decidiu fazer a peregrinação e rogar pelo auxílio de São Tiago, assim, todo aquele que suplica, e se for merecedor, receberá a ajuda do santo, que intercede junto a Deus pelos seus devotos.

4.2.1.2 Ressurreição por intercessão do Apóstolo Tiago

*Milagre III – Do menino que o Apóstolo ressuscitou dentre os mortos nos Montes de Oca*⁷⁰

Milagre de São Tiago escrito pelo Papa Calixto. Nessa narrativa conta-se que no ano de 1108 d.C, nas terras da França, certo varão legitimou casamento com uma mulher, na esperança de ter um herdeiro, mas passado muito tempo ele não conseguiu o que esperava. Sofrendo muito por isso, pois era muito importante para ele ter um herdeiro natural, decidiu ir ao túmulo do Apóstolo Tiago alcançar essa graça. Assim, rogando com muita fé e de todo coração chorando em súplicas ao Santo, conseguiu merecer aquilo que invocou ao Apóstolo de Deus. Quando regressou à sua pátria, descansou três dias, fez suas orações e juntou-se com sua mulher. Esta ficou grávida e depois teve um filho. O menino recebeu o nome do Apóstolo: Tiago⁷¹.

Quando o menino completou quinze anos, empreendeu o caminho de São Tiago com seu pai e sua mãe e com muitos parentes. Quando chegou aos montes chamados de Oca⁷² foi atacado por uma grave enfermidade e morreu. Seus pais enlouquecidos fizeram ouvir seus clamores e alaridos por todo o monte e aldeias.

A mãe, prorrompendo em maior dor, dirigiu-se a São Tiago rogando-lhe que o Bem-aventurado Santo, a quem o Senhor concedeu tanto poder, para dar-lhe aquele filho, que devolvesse a ele a vida, caso contrário ela se mataria ou seria enterrada viva junto com o filho. Então, quando todos estavam presentes preparando a sepultura, eis que por compaixão de Deus e súplicas a São Tiago o menino despertou-se como de um sonho pesado.

Diante do grande milagre que aconteceu, todos os presentes louvaram a Deus com muita alegria. O rapaz contou como foi estar com São Tiago e disse que a vida celestial era muito mais grata, enquanto que a vida terrena era miserável. Finalmente todos seguiram para o sepulcro do Apóstolo e ofereceram este milagre ao altar. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

O Papa Calixto, para finalizar seu relato, afirma ser coisa nova e jamais ouvida que um morto ressuscite a outro morto. Somente São Martinho⁷³, vivendo ainda, e Nosso Senhor

⁷⁰ Tradução da pesquisadora, capítulo III do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 333).

⁷¹ Há um milagre muito semelhante atribuído a São Gil, no qual conta-se sobre o nascimento do filho do duque Ladislao Herman da Polônia. (Nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 333).

⁷² Monte de Oca, a este de Burgos. Livro V, cap. III (Segundo nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 333).

⁷³ Nascido por volta de 316 d.C, numa família pagã, Martinho era filho de um oficial do exército romano que atuava na Panônia, hoje Hungria. Quando entrou na adolescência, começou a frequentar uma igreja cristã por mera curiosidade, porém começou a gostar muito do convívio com os cristãos e da doutrina de Cristo. Segundo relatos da *Legenda Áurea* (2003, p.930), Martinho, depois de uma viagem, ao voltar ao mosteiro encontrou um catecúmeno morto sem batismo. Por meio da prece chamou-o de volta à vida e ele ressuscitou. Além desse ele restituiu a vida a outro homem, que morrera enforcado.

Jesus Cristo, ressuscitaram a três mortos. Mas São Tiago, depois de morto, retornou um morto à vida. Segundo o Papa, alguns disseram que os fatos relatam que só os vivos ressuscitaram os mortos, então, como pode um morto ressuscitar outro morto? Mas isso resulta que o bem-aventurado Tiago vive certamente com Deus. E assim consta que antes e depois da morte qualquer santo, por dom de Deus, pode ressuscitar a um morto. Então o Papa Calixto encerra o milagre assim: “Quem crê em mim”, disse o Senhor, “fará as obras que eu faço e as fará maiores que estas” (JOÃO, 14:12), pois “Tudo é possível ao crente” (MARCOS, 9:23).

Essa questão de os mortos ressuscitarem outros mortos ressalta o galardão dos justos após a morte, pois São Tiago certamente vive para todo o sempre com Deus. Esse é o primeiro dos milagres do Livro II do *Codex Calixtinus* que narra o fato de um morto voltar à vida, o que sobremaneira é o fato mais extraordinário aos olhos dos homens. Dentre os vinte e dois milagres depara-se com outras narrativas semelhantes, com a temática da ressurreição. Os prodígios acontecem a todos aqueles que perfazem os caminhos à basílica apostólica, nesse caso o peregrino, ou seja, o menino que carrega o nome do Santo é salvo durante a viagem, pois fica enfermo durante o percurso até a igreja, e os rogos de sua mãe ao Santo fazem-se necessários, pois ela ameaça suicídio caso o milagre não ocorra, e acaba sendo atendida.

A questão da ressurreição está presente nas Sagradas Escrituras, Jesus Cristo ressuscitou a Lázaro, de Betânia, após quatro dias de sepultamento (João, 11, 1-46). A passagem bíblica que narra a ressurreição de Lázaro ensina muito acerca da Fé cristã. O evangelista João destacou o motivo de ter narrado os milagres operados por Cristo: "Estes, porém, foram escritos para que credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (João, 20:31). Pode-se dizer que esse milagre da ressurreição de Lázaro, descrito na Bíblia, foi essencial, uma vez que iniciaram uma série de eventos que levaram Jesus à crucificação.

No entanto, esse não foi o único morto que Jesus ressuscitou, houve também a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7:11-17) e a ressurreição da filha de Jairo (Mateus 9:18-26, Lucas 8:40-56 e Marcos 5:21-43). Assim como Jesus, São Tiago também realizou outros milagres de ressurreição, porém ele os fez somente após sua morte.

Compreende-se, portanto, que Tiago foi um dos apóstolos de Jesus Cristo e foi testemunha de todos os milagres que o ele realizou. Jesus ainda afirmou que tudo o que ele realizava os discípulos também podiam fazer, bastava ter fé. São Tiago realiza esses milagres

porque vive junto de Deus e também porque o peregrino tem fé nele. Como o Apóstolo não vive mais entre os homens, ele será um ser divino, assim como Jesus também foi na Terra e continua sendo no Céu. Por isso, o prodígio da ressurreição através do Apóstolo Tiago passa a ser possível para os cristãos. Narrativas exemplares como essa era a maneira como “a igreja utilizava para mostrar aos fiéis como os desesperados podiam se salvar in extremis da condenação eterna”. (LACARRA DUCAY, 2005, p. 295)

Milagre V – Do peregrino enforcado a quem o santo Apóstolo salvou da morte, embora dependurado no patíbulo trinta e seis dias⁷⁴

Este exemplo de São Tiago foi escrito pelo Papa Calixto. O milagre aconteceu no ano de 1090, quando certos alemães indo para o sepulcro de São Tiago, como de costume deles, pararam na cidade de Toulouse e hospedaram-se na casa de certo homem rico. Este homem era um malvado, ofereceu-lhes bebidas e os embriagou. Os peregrinos caíram em um sono profundo e o falso hospedeiro, movido pelo espírito da avareza, a fim de fazê-los réus de furto, e para roubar seus dinheiros, colocou às escondidas, uma taça de prata em uma bolsa de couro dos adormecidos. E depois de cantar o galo, o maldoso estalajadeiro saiu atrás dos peregrinos gritando: “Devolva a prata que me haveis roubado”. Ao que eles responderam: “Quem aqui tiver seu pertence será condenado”.

Depois de feita a averiguação, foi encontrada no surrão de dois dos companheiros de viagem a taça do homem perverso. Os dois condenados eram pai e filho e foram a julgamento, tendo seus pertences confiscados. O juiz, tendo compaixão dos condenados, decide levar somente um ao suplício. O pai, querendo salvar seu filho, se oferece à punição. Mas o filho não aceita o pai pagar por ele esse suplício e é enforcado em seu lugar. O pai muito choroso com a morte do filho segue o caminho até Santiago. Depois de ter visitado o sepulcro sagrado de São Tiago, já passados trinta e seis dias, retorna até a cidade onde o corpo do seu filho se encontra. Mas o filho se dirige ao pai dizendo-lhe: “Não chores, querido pai, pela minha pena, pois não existe, ao contrário disso, fique feliz, pois estou melhor do que antes. O bem-aventurado São Tiago, sustentou-me com suas mãos e me consolou”. O pai ficou maravilhado, e chamou a todos para contemplar tão grande milagre. E todos ficaram espantados ao constatarem como uma pessoa permanecendo enforcada por tanto tempo poderia estar viva. Assim, todos compreenderam que o estalajadeiro agiu de má fé e o peregrino era inocente, e foi salvo pela misericórdia divina. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

O rapaz desceu do patíbulo com grande júbilo e o hospedeiro foi condenado e enforcado em seguida. Dessa maneira, todos aqueles que se consideram cristãos devem procurar com grande cuidado não cometer, nem com seus hóspedes, nem com seu próximo, fraude semelhante ou parecida, mas devem demonstrar compaixão e benigna piedade aos peregrinos, para que assim mereçam receber o prêmio da glória eterna de Deus.

Existem outras narrações equivalentes a esse milagre em outras biografias, como nos milagres de São Gil e San Domingo da Calçada. O peregrino ao passar pela cidade de Santo

⁷⁴ Tradução da pesquisadora, capítulo V do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 339).

Domingo de la Calzada, encontra no interior de sua Catedral um galinheiro, que faz lembrar uma das mais belas lendas existentes no Caminho de Santiago, de onde cantou a galinha depois de assada. Essa versão, que é um pouco diferente do relato do *Codex Calixtinus*, narra a história de três peregrinos que iam a Santiago, mas uma serva se apaixonou por um deles, porém o rapaz a rechaçou, e por isso ela escondeu uma peça preciosa em sua roupa e depois o acusou. O rapaz foi julgado e enforcado. Seus companheiros seguiram viagem, e quando retornaram tiveram a notícia de que o companheiro estava vivo. Foram rapidamente dar a notícia ao juiz, que, sentado à mesa, estava comendo um galo e uma galinha. Esse, incrédulo, disse que seria mais fácil aquelas aves saírem voando do que o milagre ser real. Nesse momento o galo e a galinha saltam à mesa vivos. Dessa forma, a moça que prestou falso testemunho foi enforcada.

O exemplo moralizante desse milagre, primeiramente, é o da advertência para o respeito e compaixão que se deve dar a todo peregrino de Santiago, ou seja, o de nunca lhe recusar a hospitalidade como cumprimento do maior voto cristão, que é a caridade. O segundo exemplo é a questão da acusação falsa de um inocente. Esse exemplo da acusação está presente também na Bíblia, como no caso de um roubo não cometido, quando José ordena a seu criado que esconda uma peça de prata na sacola de Benjamim (Gênesis, 44, 1-13).

Esse milagre terá outras versões, como na coleção dos *Milagros de Nuestra Señora* de Gonzalo de Berceo, em que um ladrão devoto é salvo da forca, graças à Virgem, que o sustenta com as mãos em seus pés, para que não morra. Nesse caso, quem intercede pelo peregrino é a Virgem.

Deve-se observar que atentar contra o peregrino era o mesmo que atentar contra o próprio Apóstolo de Cristo. Por isso, o caminhante devia ser respeitado e honrado. Contudo, por várias vezes os peregrinos foram molestados e desdenhados da caridade por pessoas sem fé nem humanidade, e para essas pessoas sempre existia um castigo, que significa a ira de Deus contra esses atos indignos. E o peregrino, que era um homem de fé, São Tiago sempre salvara, até em casos extremos como o da morte.

*Milagre XVII – Do peregrino que se matou por amor do Apóstolo induzido pelo diabo e São Tiago, com o auxílio da Santa Mãe de Deus, Maria, o fez ressuscitar*⁷⁵

Perto da cidade de Lyon, na França, havia uma aldeia na qual morava um jovem chamado Geraldo que, formado pelo peleteiro, vivia do honesto trabalho de suas mãos e sustentava a sua mãe viúva. Amava fervorosamente São Tiago, a cujo sepulcro costumava ir todos os anos para fazer sua oferenda. Não tinha mulher, e, vivendo só com sua velha mãe, levava uma vida casta. Mas depois de algum tempo de continência, vencido enfim uma vez pelo prazer da carne, fornicou com uma juvenzinha. Na manhã seguinte, tendo já preparado a sua peregrinação, empreende a viagem a Santiago, na Galiza, com dois vizinhos seus, levando consigo um burro.

Assim caminhando, fizeram juntos e satisfeitos várias jornadas. Mas o diabo, invejoso da pacífica e boa companhia, se aproximou disfarçado em figura humana, de aparência honesta, dizendo ao jovem que era São Tiago, e que estava muito triste porque ele havia fornicado com uma mulher às vésperas de sua peregrinação, e desde então não se arrependeu disso, nem quis confessar, e mesmo assim se pôs a caminhar com seu pecado, como se sua peregrinação fosse agradável a Deus. O Diabo, então, aconselhou ao jovem que cortasse o órgão com o qual pecou, para que pudesse se livrar totalmente de sua culpa e receber a purificação.

No entanto, o jovem retrucou que se ele cortasse suas partes, provavelmente iria morrer e assim seria um suicida, o que seria condenável por Deus. Mas o Diabo insistiu e disse a ele: “oh tonto, que pouco sabes do que pode convir à tua salvação. Se de tal forma morreres, sem dúvida sobrepujarás a mim, porque castigando tua culpa serás mártir. Oh se fosses tão sábio que não duvidasses em matar-te a ti mesmo, eu viria no mesmo instante com uma multidão de companheiros meus e receberia contente a tua alma para que permanecesse comigo”. “Eu”, acrescentou, “sou o apóstolo São Tiago que cuido de ti, faze como hei dito se queres reunir-te comigo e achar remédio para tua culpa” (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 365-366). Após estas palavras, o sensível peregrino se animou a levar a cabo o ato, e pela noite, quando seus companheiros dormiam, tomou uma faca e amputou-se das partes viris. O pobre jovem perdeu muito sangue e acabou morrendo. No outro dia foi encontrado morto por uma família, e esta não sabendo com certeza a quem atribuir a sua morte, chamou os vizinhos e levaram-no à igreja para enterrarem-no, depositando-o à porta, enquanto preparavam a cova, porque continuava expelindo sangue. Porém, sem demorar muito, o morto retornou a si e se sentou no leito fúnebre. E ao presenciarem isso os presentes fugiram, gritando aterrorizados. Aos gritos acudiam as pessoas alarmadas, perguntando sobre o que ocorrera e ouviram dizer que um morto havia retornado à vida. E tendo as pessoas se aproximado dele, contou na frente de todos, com palavras desembaraçadas, o que lhe havia ocorrido, acrescentando que seu espírito foi arrebatado sem compaixão e levado pelo Diabo. No entanto, fora socorrido por São Tiago que o defendera e o levou a julgamento junto à Virgem Santíssima. Assim, por intercessão de São Tiago, a Virgem percebera que o jovem tinha sido enganado pelo Diabo e resolveu que ele deveria retornar ao corpo.

Ouvindo isto, os moradores se regozijaram profundamente e em seguida levaram-no a sua casa e tiveram-no consigo três dias dando-o a conhecer, por Deus haver nele feito coisa tão insólita e admirável por mediação de São Tiago. Porque suas feridas sararam rapidamente, ficando só cicatrizes em seu lugar. E no lugar das partes lhe cresceu a carne como uma verruga, por onde urinava.

Esse milagre possui muitos objetivos moralizadores: sublinha a importância da continência, principalmente no tocante ao sexo; da penitência; da disciplina e da obediência. Mostra também como o peregrino deve se comportar em seu ato de fé, ressaltando os motivos

⁷⁵ Tradução da pesquisadora, capítulo XVII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 365).

religiosos e o espírito de devoção que uma peregrinação deveria conter, como por exemplo, o jejum, a confissão, a abstinência sexual, entre outros.

Mostra também o homem desapegado dos prazeres da terra e da carne, o sacrifício que a fé exigia.

Novamente têm-se a realização da ressurreição pela intercessão de São Tiago, ressaltando seus dons divinos de apóstolo predileto de Cristo. Nesse relato a ressurreição ocorreu porque o peregrino foi enganado pelo diabo e cometeu o suicídio por conselho desse ser maligno. O fato de o homem ter voltado à vida vale como segunda chance para expiação na terra, pois ele realmente pecou antes de sua peregrinação, visto que ele fornicou com uma mulher e não se confessou antes de sua caminhada a Santiago.

Esse milagre possui também muitas características espetaculares, como a própria ressurreição, a figura do diabo e o julgamento do suicida intermediado pela Virgem Maria.

O universo maravilhoso medieval permite conceber a ressurreição por intercessão de São Tiago, porque nada é impossível para Deus nos milagres, pois extrapolam aos fatos da realidade humana. O próprio diabo é concebido por esse universo sobrenatural criado pelo homem medieval. Ele é um ser que também pode realizar ações, que para o homem são impossíveis. Porém essa figura possui uma relação com o maligno, o diabo e os demônios agiram sempre para corromper a alma humana.

O diabo está presente em vários textos da literatura eclesiástica, em todo tipo de *exempla* e sermões, assim como em relatos hagiográficos, sempre associados tanto à vida dos santos, como nos milagres que Deus realiza por mediação desses santos. (BREA, 2012, p.110)

O diabo, segundo Brea (2012, p. 111) é uma figura deformada, mas ainda humana. Como animal apresenta-se como serpente, dragão, gato, lobo, morcego ou bode. Quando adota uma figura humanóide, aparece como um ancião vestido com uma capa nos ombros, mas desnudo, de cabelos escuros, rosto humano, com olhos de fogo, coberto de pêlo, com rabo e chifres. É uma figura exagerada e diversificada. Falta-lhe a beleza humana e angelical, a qual ele possuía antes de se rebelar contra Deus.

O diabo é dotado de poderes sobrenaturais, e um deles é de poder se metamorfosear em várias figuras e personalidades. Uma de suas transformações favoritas é a de personagens puros e incautos, pois são confiáveis para aqueles a quem deseja enganar.

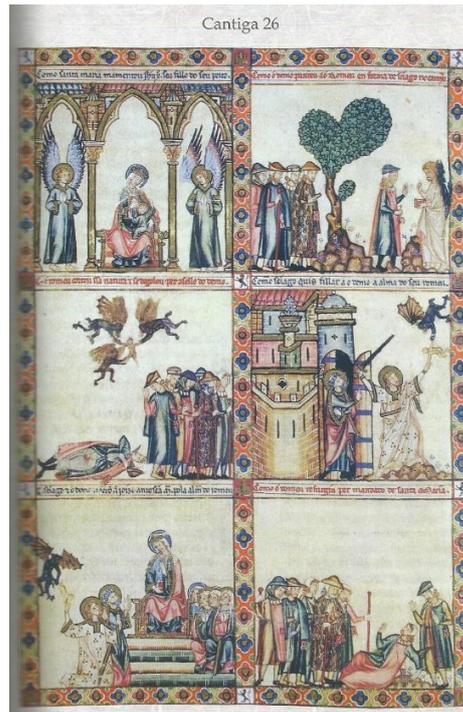
No caso do milagre XVII, o diabo coloca em jogo toda sua astúcia para obter sua presa. Apresenta-se para o peregrino como São Tiago e coloca em prova sua fé para com o santo. Dessa artinha ele consegue que o devoto do santo cometa o suicídio, o qual é gravemente contrário à justiça, à esperança e à caridade. O suicídio contradiz a inclinação

natural do ser humano a conservar a própria vida. Se a pessoa comete o suicídio com toda a consciência do seu ato, e se não tiver tempo para se arrepender, não se salva, pois morre em estado de pecado grave. Estando em pecado, a alma do suicida será entregue a Satanás.

Assim, São Tiago entra na narrativa como protetor e intercede para a salvação da alma de seu peregrino. No julgamento, em que a Virgem aparece como juíza, São Tiago irá advogar em favor do suicida. A Virgem, então, dá a sentença para que a alma do julgado volte para o seu corpo, desde que o réu leve nova vida, passando a servir a Deus. Porém, o homem nunca mais terá o membro com o qual cometeu o pecado, pois ele mesmo o amputara.

Esse milagre também está presente na obra de Afonso X, *Cantigas de Santa Maria*, cantiga 26. Nessa cantiga, São Tiago será “como um personagem, ou como um dos actantes, mais propriamente como coadjuvante da personagem principal” (LEÃO, 2007, p. 89), ou seja, da Virgem Maria. Existem algumas diferenças do relato do *Codex Calixtinus* em relação à cantiga, que são pormenores, como por exemplo, “variam a identidade do beneficiário do milagre, seu nome, sua origem, sua profissão” (LEÃO, 2007, p. 92), entre outros, porém, a mais importante será o protagonismo, uma vez que Afonso X destaca a necessidade “de louvar a Santa Maria e de alçá-la acima de qualquer santo” (LEÃO, 2007, p. 98). No entanto, a promoção à peregrinação a Santiago de Compostela é a justificava para essa cantiga também. Esse milagre também é relatado em outras obras, como a de Gonzalo de Berceo e a de Gautier de Coincy.

Figura 05: Cantiga 26, de Afonso X⁷⁶



Fonte: *Cantigas de Santa Maria* de Dom Afonso X

4.2.1.3 Salvação dos cristãos em cativo

*Milagre XV – Do cavaleiro a quem o santo Apóstolo salvou na guerra, mesmo seus companheiros estando mortos ou prisioneiros*⁷⁷

Exemplo de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. Correndo o ano de 1110 d.C, os cavaleiros de duas cidades da Itália, inimigas entre si, travaram combate. Vencida uma parte pela outra, os derrotados saíram em fuga. Mas certo cavaleiro, vendo seus companheiros serem aprisionados e outros mortos, pediu auxílio a São Tiago para que o livrasse de ser capturado pelos inimigos. Feita a súplica o Apóstolo apareceu entre ele e seus inimigos, livrando-lhe com a proteção de seu escudo. E para que não se atribua este milagre mais às forças do cavalo que à glória de São Tiago, comprovou-se que aquele cavalo não valia vinte soldos. O cavaleiro, para não ficar devedor de sua promessa, foi com seu cavalo até Santiago de Compostela e divulgou o milagre que lhe havia ocorrido. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

No milagre, um homem encontra-se numa situação muito difícil e resolve pedir auxílio e proteção a São Tiago, o qual é atendido prontamente. O santo em figura de cavaleiro, pois carrega consigo um escudo para proteger seu devoto, realiza o milagre mesmo estando longe

⁷⁶ In: LEÃO, 2007, p. 99 (digitalização).

⁷⁷ Tradução da pesquisadora, capítulo XV do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 359).

das rotas de peregrinação de sua basílica. Mas o cavaleiro, pelo auxílio recebido, resolve fazer a peregrinação com seu cavalo até Santiago de Compostela e divulga o milagre para todos.

Esse fato contribui para reforçar a dupla imagem do santo, como protetor e cavaleiro, pois para São Tiago nada será impossível, ele sempre irá privilegiar seus devotos, seja onde for. Nesse milagre, é apresentada a figura do São Tiago cavaleiro, ou São Tiago Mata-Mouros, o qual se repetirá em outros relatos do Livro II. De acordo com a tradição jacobea, São Tiago teria aparecido miraculosamente, em 844, montado em um cavalo e armado com uma espada para lutar em vários combates travados pelos cristãos espanhóis contra os infiéis maometanos, durante a mítica Batalha de Clavijo, em La Rioja (Astúrias). Essas lendas são ilustradas nas narrativas do Livro IV do *Codex Calixtinus*, e o Apóstolo surge como o grande incentivador de Carlos Magno a declarar guerra contra os sarracenos, uma vez que o santo auxilia na libertação das terras da Hispania, do povo infiel.

*Milagre XIX: De Estevão, bispo grego, a quem o santo Apóstolo apareceu e lhe revelou coisas futuras e desconhecidas*⁷⁸

Milagre de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. Segundo esse relato, todos que moram em Compostela sabem que um varão chamado Estevão, homem de virtudes divinas, havendo saído do bispado por amor a São Tiago, saiu da Grécia e foi ao sepulcro do Apóstolo. Esse varão renunciou a todos os prazeres do mundo e passou a viver em uma espécie de cela junto da basílica do Apóstolo, de onde podia ver o altar de frente, e ali, com jejuns, vigílias e orações, dia e noite levou uma vida celibatária e santíssima.

Porém, certo dia, estava havendo uma festa em honra a São Tiago, e alguns aldeões foram até ao altar do Apóstolo e oraram se referindo ao santo como “bom cavaleiro”. Estevão, muito contrariado ralhou com os homens, pois para ele São Tiago era um pescador, como na bíblia, um pescador de almas. Então, São Tiago aparece para ele vestido de cavaleiro e lhe diz: “Estevão, servo de Deus, que mandastes que não me chamassem cavaleiro, senão pescador; por isso apareço a ti nesta forma, para que não duvides mais de que milito a serviço de Deus e sou seu campeão e na luta contra os sarracenos, precedo aos cristãos e saio vencedor por eles. Tenho conseguido do Senhor ser protetor e auxiliador de todos os que me amam e me invocam de todo coração em todos os perigos. E para que creias isto mais firmemente, com estas chaves que tenho nas mãos, abrirei às nove, as portas da cidade de Coimbra que está há sete anos cercada por Fernando, rei dos cristãos, e, devolvê-lo-ei a seu poder”⁷⁹. Dito isso, desapareceu.

No dia seguinte Estevão chamou os clérigos e lhes contou o que havia visto e ouvido. Assim, conhecida a verdade, Estevão afirmou que São Tiago daria a vitória para aqueles que o invocassem para a luta⁸⁰. Depois de cumprida sua missão, o servo

⁷⁸ Tradução da pesquisadora, capítulo XIX do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 373).

⁷⁹ Trata-se da tomada de Coimbra dos mouros por Fernando I de Castilha e de León em 1064.

⁸⁰ Este milagre demonstra a tradição da figura de São Tiago cavaleiro, mata-mouros, auxiliador dos cristãos nas lutas pela Reconquista da Península Ibérica subjugada pelos muçulmanos. Assim, São Tiago tornou-se padroeiro da Espanha, mesmo que na catedral de Compostela, as suas imagens de peregrino e evangelizador tenham no correr dos tempos alcançado a primazia. (MALEVAL, 2005, p. 169).

do Apóstolo voltou para suas orações e quando morreu foi sepultado honrosamente na basílica de São Tiago.

O exemplo moralizante desse relato refere-se à valorização da devoção, em que sentimentos provenientes da fé estão acima da razão, como a própria percepção popular em relação à erudição, e o coração em relação à inteligência e a ciência.

Essa narrativa apresenta elementos muito importantes para a história da Península Ibérica, pois Fernando, rei de Leão e Castela, destacou-se na luta contra os muçulmanos, recuperando muitas terras, dentre as quais se inclui Coimbra (1064). No milagre a versão da história é que São Tiago entrega as chaves, através do bispo grego, ao rei Fernando, assim, o santo Apóstolo seria o intercessor e auxiliador para que os cristãos ganhassem a batalha, destacando sua imagem de santo patrono e protetor da região da Galiza.

4.2.1.4 Auxílio nas batalhas

*Milagre I – Dos vinte homens que o Apóstolo libertou do cativo dos moabitas*⁸¹

O relato foi escrito pelo Papa Calixto e ele nos conta que São Tiago, o qual foi o primeiro apóstolo de Cristo a sofrer o martírio, lutou muito para ensinar a vários povos a doutrina cristã, por meio da pregação, e por inumeráveis provas milagrosas. Tendo o Apóstolo alcançado a graça da eterna felicidade não deixou de manifestar suas virtudes àqueles que lhe rogavam urgentes auxílios.

O milagre aconteceu nos tempos do rei Afonso⁸² nas terras da Hispania. Certo conde chamado Ermengol⁸³ resolveu lutar contra os moabitas que estavam oprimindo a fé cristã nessa época. Assim, o conde reuniu um exército e lutou contra os almorávidas, mas perdeu a batalha e os inimigos ganharam a cidade de Saragoça⁸⁴. Vinte homens foram presos em cativo, os quais eram todos homens de fé, sendo um deles de grande dignidade sacerdotal. Esses homens, mesmo estando num cativo repleto de trevas, começaram a implorar assim: “São Tiago, apóstolo precioso de Deus, que com a obra da tua compaixão, que ajuda piedosamente os oprimidos nas suas angústias, estende suas mãos aos gemidos desse cativo, apressa-te prontamente a nos soltar do que desumanamente nos sujeita”.

⁸¹ Tradução da pesquisadora, capítulo I do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 329).

⁸² Afonso VI de Leão e Castela (1065-1092), conforme nota do *Codex Calixtinus* (2014, p. 329).

⁸³ Conde de Urgel, IV (1065-1092) ou V (1092-1102), conforme nota do *Codex Calixtinus* (tradução castelhana 2014, p. 329).

⁸⁴ A cidade de Saragoça esteve sob domínio muçulmano até 18 de dezembro de 1118, conforme nota do *Codex Calixtinus* (tradução castelhana, 2014, p. 329).

Quando São Tiago escutou os apelos dos seus devotos apareceu radiante na escuridão do cárcere, falando assim: "Eis-me aqui, a quem chamastes". Forçados pela claridade tão forte caíram prostrados de joelhos aos pés do santo. Milagrosamente o Santo Apóstolo Tiago os soltou da prisão perigosa e as portas da cidade se abriram espontaneamente ao sinal da santa cruz. O santo os acompanhou até um castelo que estava sob a guarda de cristãos, e de lá subiu visivelmente aos céus.

Os homens, ao invocarem o santo em altas vozes, viram as portas do castelo se abrirem e foram recebidos dentro. No dia seguinte, os homens voltaram a suas casas, e depois de um tempo, um deles foi à igreja de São Tiago, na festa de Trasladação do Apóstolo, comemorada anualmente todo dia trinta de dezembro, e contou a todos este grandioso milagre. E assim foi escrito, "isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos"⁸⁵. "Seja, pois, para o Supremo Rei a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Assim seja".

Esse milagre ocorreu provavelmente no século XI, na época do Rei Afonso VI, rei de Castela e Leão. Apresentam em sua narrativa as características da maioria dos milagres, ou seja, o devoto em perigo, a invocação do santo de devoção, a aparição, e o milagre realizado. Um dos homens salvos realizou a peregrinação até a igreja de São Tiago e divulgou a graça alcançada aos outros fiéis, na festa de trasladação, comemorada no dia trinta de dezembro. O milagre encerra, como ocorre com todos os outros, louvando ao Senhor, e termina com "Assim seja". As narrativas serão todas muito semelhantes, e por se tratar de um texto de devoção, de adoração, possui as características de uma oração ou louvação. São textos em honra ao Senhor e ao Santo Apóstolo Tiago.

Por se tratar do primeiro milagre, seu relato é iniciado com a justificativa da pregação de São Tiago a vários povos antes de seu martírio. Esse fato é revelado, também, nas Sagradas Escrituras (*Atos dos Apóstolos*, 12:2), onde é narrada a morte Tiago, pelo rei Herodes.

O culto de São Tiago na região da Galiza é justificado nos Livros III e IV do *Codex Calixtinus*, os quais esclarecem e justificam a escolha do santo como patrono da região. Justamente, por essas narrativas, que o Apóstolo surgirá sempre para proteger seus devotos nos momentos difíceis, principalmente na guerra de Reconquista da Península Ibérica, pois os sarracenos ameaçavam a paz dos cristãos e a devoção daqueles que cultuavam o santo sepulcro de São Tiago.

⁸⁵ Esta frase se repete em todos os milagres, baseada no Salmo 118 (117), 23: "isto vem de Iahweh, e é maravilha aos nossos olhos! / Mateus 21, 42: "pelo Senhor foi feito e é maravilha aos nossos olhos" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 989, 1742).

*Milagre VII – Do marinheiro Frisono, que, vestido com sua armadura e escudo, foi retirado pelo Apóstolo das profundezas do mar*⁸⁶

Este, também, é um milagre de São Tiago escrito pelo Papa Calixto⁸⁷ e aconteceu no ano de 1101 da encarnação do Senhor, quando certo marinheiro chamado Frisono navegava pelo mar com uma nave carregada de peregrinos à caminho do sepulcro do Senhor em Jerusalém. Mas veio contra ele certo sarraceno chamado Avito Maimóm⁸⁸, que pretendia levar cativos todos os peregrinos a terra dos moabitas⁸⁹.

Abordadas as duas naves, a dos sarracenos e a dos cristãos, e pelejando duramente, caiu Frisono, vestido de armadura de ferro, capacete e escudo, por entre elas no fundo do mar. Mas o marinheiro rogou auxílio a São Tiago para livrá-lo dessa situação e para salvar os cristãos que estavam com ele: “Grande e gloriosíssimo São Tiago, apóstolo mais piedoso que quanto dizer-se pode, cujo altar beije uma vez com minha boca indigna, digna-te livrar-me com todos estes cristãos a ti encomendados”.

No mesmo instante o Apóstolo apareceu nas profundezas do mar, tomou-lhe a mão, e tornou-o à nave são e salvo. O Apóstolo disse ao sarraceno então: “Se não deixas essa navezinha, te entregarei com tua galera ao poder dos cristãos”. E respondeu-lhe Avito: “Queres dizer-me, ilustre cavaleiro, que pretende tirar-me minha presa? És por acaso o Deus do mar, que nele te opões à minha gente”. Mas replicou-lhe o Apóstolo: “Não sou o Deus do mar, mas um servo do Deus do mar, que auxílio aos que em perigo me chamam, tanto no mar como na terra, segundo Deus quer”. E em seguida, pelo poder de Deus e os auxílios de São Tiago, chegou ao porto desejado; e Frisono, depois de visitar o sepulcro do Senhor, foi a Santiago da Galiza no mesmo ano. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”. “Honra e glória ao Rei dos reis, Jesus Cristo nosso Senhor, pelos séculos dos séculos. Assim seja”.

No milagre exposto, é apresentada a figura do sarraceno como o maligno. Essa associação do povo islã com o diabo é característica do período medieval, uma vez que o cristianismo em sua expansão e conquista ideológica utilizou o medo, especialmente o medo do diabo, como ferramenta para atrair devotos e seguidores. Assim, como ocorreu com o islamismo, culturas contrárias ao cristianismo se tornaram demoníacas. O exemplo de São Tiago serviu para reforçar essa ideia de que o sarraceno servia ao mal, e que o Deus cristão era soberano em tudo.

Esse milagre também faz referência às rotas marítimas, muito utilizadas pelos peregrinos na Idade Média. Essas rotas eram alternativas para a cidade de Jerusalém, porém também existiam caminhos marítimos para Santiago de Compostela. O Caminho Inglês é uma

⁸⁶ Tradução da pesquisadora, capítulo VII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 343).

⁸⁷ Este milagre e os três seguintes são relacionados à peregrinação a Compostela e à da Terra Santa, que se encontrava em poder dos cristãos latinos desde a tomada de Jerusalém pela primeira cruzada (15/07/1099). (Conforme Nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 343).

⁸⁸ Avito é a forma espanhola do árabe Abbâd, com a substituição de â por i próprio do árabe hispano. (Conforme Nota de Maleval, 2005, p. 125).

⁸⁹ Os Beni-Mimóm saquearam as costas do Mediterrâneo como almirantes dos almorávidas, no caso moabitas, e chegaram, com suas devastações, às da Galiza, combatidas pelas naves do arcebispo Gelmírez e de Iria (Conforme Nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 343).

das rotas marítimas jacobeanas que se utilizavam na Europa medieval para alcançar Compostela. Peregrinos procedentes dos países escandinavos, dos Países baixos, do norte da França e principalmente da Inglaterra, Irlanda e Escócia.

Milagre Capítulo XI – De Bernardo, a quem o Apóstolo retirou milagrosamente do cárcere⁹⁰

Esse milagre é de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. No ano de 1105, um homem chamado Bernardo foi preso por seus inimigos em um castelo chamado Corzano, na Itália, diocese de Módena⁹¹, amarrado com correntes no fundo de uma torre, clamava por São Tiago dia e noite. Então, certo dia, apareceu-lhe o Apóstolo e o soltou dos grilhões. Imediatamente, Bernardo subiu a torre e pulou para fora do castelo, milagrosamente, sem lhe ocorrer nenhum ferimento. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

O relato de milagre apresenta um feito extraordinário, quase impossível de se conceber, em que um homem consegue pular da torre de um castelo e se manter intacto. Porém, para São Tiago nada será impossível, principalmente quando se trata de auxiliar um devoto em momentos difíceis. Os relatos de milagres possuem essa característica de resolução extraordinária e de fadiga, pois são sempre previsíveis, do ponto de vista do sobrenatural, uma vez que repetem a temática da salvação através da intercessão do santo ou da Virgem, além de realizar feitos inexplicáveis para o homem comum.

Milagre XIV – Do comerciante a quem o Apóstolo livrou do cárcere⁹²

Milagre de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. No ano de 1107 da encarnação do Senhor, certo mercador, querendo ir a uma feira para vender suas mercadorias pediu ao senhor que o ajudasse dando-lhe proteção. Porém, esse senhor instigado pelo demônio prendeu o comerciante em um cárcere. O comerciante clamou pelos auxílios de São Tiago e o santo lhe apareceu ordenando que se levantasse e o conduziu até o alto de uma torre. Essa torre se inclinou tanto que seu cume tocou a terra. E saindo dela sem salto nem dano, o mercador foi-se livre das ataduras. Os guardiões até o seguiram, porém não o encontraram. Os grilhões foram levados a Santiago de Compostela e estão pendurados diante do altar do glorioso São Tiago. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

⁹⁰ Tradução da pesquisadora, capítulo XI do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 351).

⁹¹ A Arquidiocese de Módena-Nonantola é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica na Itália pertencente à Província Eclesiástica de Milão.

⁹² Tradução da pesquisadora, capítulo XIV do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 357).

É espantoso um milagre como esse, mas para a arte medieval pode-se conceber como natural, pois para Deus nada é impossível, assim como explica Duby (1986, p. 86):

Mas a fé do povo, neste tempo, alimenta-se de maravilhas. A necessidade do prodígio, do contato físico com as forças do sobrenatural arrasta as multidões para os santuários favorecidos pela frequência de milagres e para os relicários escondidos na sombra das criptas e dos martyria.

Dessa maneira, percebe-se uma necessidade de apresentar as ações extraordinárias para a comprovação do poder de Deus e da capacidade de intercessão de São Tiago em auxiliar seus devotos, principalmente nesses casos onde parece não haver solução.

*Milagre XX: De Guilherme, cavaleiro cativo a quem um conde agrediu com a espada no colo desnudo e não pôde feri-lo*⁹³

Milagre de São Tiago escrito pelo Papa Calixto. Quando São Tiago resplandecia em todas as regiões e direções, aconteceu que entre os condes de Fonte Calcária⁹⁴ e um cavaleiro vassalo chamado Guilherme deflagrou-se uma forte contenda. Porém, o cavaleiro saiu perdedor da batalha e foi aprisionado. E como mandasse o conde que o degolassem, clamou em voz alta ao Apóstolo: “São Tiago, apóstolo de Deus, a quem Herodes matou com a espada em Jerusalém, ajuda-me e livra-me da espada do carrasco”. E três vezes suportou o golpe no colo inclinado, alçando as mãos ao céu, sem que nele aparecesse ferida alguma. E mesmo assim, o verdugo tentou transpassar a espada contra o seu ventre para atravessá-lo. Mas São Tiago o salvou e o conduziu da cadeia milagrosamente aparecendo a todos, ofuscando os guardas e fornecendo uma amostragem do Paraíso através de seu aroma agradável e luz claríssima. O cavaleiro deu glória ao santo e foi ao sepulcro sagrado em Santiago de Compostela.

A narrativa desse milagre corrobora a divulgação da figura do Apóstolo, que dotado de misericórdia, auxilia o cavaleiro no momento em que poderia morrer injustamente pelas mãos do verdugo. O homem chama pelo santo lembrando-se da maneira como Tiago morreu, ou seja, através da espada. O santo intercede por ele e evita o suplício do fiel cavaleiro, demonstrando piedade.

No milagre não está explícito o motivo da contenda ou se a sentença de morte do cavaleiro foi injusta, a narrativa, simplesmente, reafirma o compromisso do santo em auxiliar os cavaleiros que se encontram em situações difíceis, além de alegar que o agraciado visitou o sepulcro de São Tiago. Nota-se aqui a presença da figura de São Tiago Mata-Mouros, a qual

⁹³ Tradução da pesquisadora, capítulo XX do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 377).

⁹⁴ *Fontis Calcariae* pode ser uma latinização falsa ou errônea, em lugar de *Fornus Calcarius* (“forno de cal”). (MALEVAL, 2005, p. 173). Corresponderia ao Condado de Forcalquier, na Alta Provença, situando-se o caso entre 1100 e 1110 (Conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2014, p. 377).

protege os cavaleiros desde sua aparição milagrosa na Batalha de Clavijo, em 844, onde estava vestido de cavaleiro, montado em um cavalo branco, para ajudar os cristãos na Guerra da Reconquista (entre os séculos VIII e XV).

4.2.1.5 Agradecimento por uma graça alcançada

*Milagre VIII: Do bispo que, salvo do perigo do mar, compôs um responsório de São Tiago*⁹⁵

Este milagre é de São Tiago e foi exposto pelo Papa Calixto. No ano de 1102 da encarnação do Senhor, quando certo prelado voltava de Jerusalém, sentado à borda da nave, cantava com o *Livro de Salmos* aberto, e aconteceu que veio uma onda forte do mar e o arrastou com outros companheiros. E estando eles ao mar rogaram pelos auxílios de São Tiago, esse apareceu para eles e os salvou dos perigos, ordenando que o mar devolvesse seus fiéis ao barco. Assim, todos são devolvidos, secos, à embarcação, e o prelado ainda com o saltério aberto. Depois de salvos o Apóstolo desapareceu num instante. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Depois de salvo, o prelado do Senhor foi até a Galiza e em honra a São Tiago fez essa oração: “Oh, tu, sempre auxiliador, dos apóstolos honra, dos galegos esplendor, dos peregrinos defensor, São Tiago, dos vícios suplantador, das cadeias das culpas liberta-nos e ao porto da salvação conduza-nos. Tu que ajudas aos que a ti clamam em perigo, tanto no mar como na terra, socorre-nos agora e em perigo de morte. Ao porto da salvação conduza-nos”. Assim seja.

O milagre apresenta um louvor em honra ao Apóstolo em agradecimento pela graça alcançada. Nesse louvor ele reafirma as características de São Tiago como auxiliador, de honrado apóstolo, defensor dos peregrinos, o qual supera os vícios, que liberta os cristãos das cadeias e das culpas dos pecados, salvando dos perigos da morte, além de conduzir aos fiéis à salvação eterna.

O caráter surpreendente desse milagre é o prelado ter sido devolvido para o barco ainda com o *Livro de Salmos* aberto, destacando assim que as coisas de Deus estão acima das outras.

A simbologia presente neste milagre, como em outros milagres apresentados neste trabalho, é o mar como espaço para que o milagre ocorra. O mar, no universo maravilhoso medieval, é considerado como um lugar desconhecido e povoado por criaturas míticas, um ambiente hostil e tenebroso, *mare tenebrum*. O mar, como espaço, pode ser considerado um ambiente mortal, ao mesmo tempo, um local de provas e expiações. Apresenta simbologias com a vida do homem, como por exemplo: a instabilidade da existência humana e sua

⁹⁵ Tradução da pesquisadora, capítulo VIII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 345).

travessia para a vida espiritual. Dessa maneira, Deus é o criador desse espaço, repleto de segredos fabulosos, e o santo é o herói, segundo a hagiografia medieval, que salva o peregrino que encontra-se em perigo nas águas desconhecidas.

4.2.2 Categoria dos Milagres de punição

A outra grande categoria de milagres que se encontra no *Liber Sancti Jacobi* é a de castigo. Muitos milagres ocorrem como exemplos para aqueles que não cumprem as promessas a São Tiago, como nos milagres 4 e 9, ou aqueles que cometem graves pecados, mas ao se arrependerem conseguem receber o perdão (milagre 2). Verificam-se também os milagres em que o homem pode receber grave punição pelo fato de agir contra as virtudes de Deus, como por exemplo, o milagre 13.

Outro exemplo de punição é para aquele que não faz o pedido por completo ao santo, como ocorre no milagre 22.

4.2.2.1 Punição ao não cumprimento das promessas

*Milagre IV – Dos trinta lorenenses e do morto a quem o Apóstolo em uma noite levou do porto Cize ao seu mosteiro*⁹⁶

Esse relato é um “exemplo de São Tiago escrito pelo Mestre Humberto, piedosíssimo cônego da Igreja de Santa Maria Madalena de Besançon, cuja alma descanse em paz sempre eterna. Assim seja⁹⁷”.

Neste milagre do “bem-aventurado São Tiago, filho de Zebedeu, apóstolo da Galiza”, mostra a verdade atestada pelas Escrituras: “Melhor é não fazer promessas que depois de fazê-las voltar atrás” (ECLESIÁSTICO, 5, 4). Assim, conta-se que trinta cavaleiros em terras de Lorena prometeram, por devoção, visitar o túmulo do Apóstolo na região da Galiza, em 1080 d.C.

Os homens prometeram fidelidade entre eles, ajudando-se mutuamente durante a peregrinação a Compostela. Porém, um dentre eles resolveu não se ligar por tal juramento. Então todos esses homens seguiram caminho até Santiago. Quando chegaram até a cidade da Gasconha, chamada de Porta Clusa⁹⁸, um dos homens ficou enfermo e não conseguiu caminhar. Seus companheiros o levaram com muita

⁹⁶ Tradução da pesquisadora, capítulo IV do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 335).

⁹⁷ Este Humberto, cônego de Besançon, pode ter sido um personagem histórico. Como característica do compilador de legitimar seu texto, é possível que esse Humberto se tratasse de uma autoridade relacionada ao Papa Calixto de alguma maneira (Nota do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 335).

⁹⁸ Forma Latina de Porta Fechada, hoje Clusaz, na Gasconha.

dificuldade, durante quinze dias, até os portos de Cize⁹⁹. No entanto, os homens já cansados e aborrecidos, quebraram o pacto de fidelidade e abandonaram o enfermo. Mas aquele que não havia se comprometido com a palavra de lealdade não o abandonou e ficou velando pelo doente durante a noite toda na aldeia de São Miguel, perto do porto mencionado. Aconteceu que o enfermo morreu e o companheiro que sobreviveu teve grande medo, pois era muito escuro à noite, tinha a presença do morto e o horror das gentes bárbaras que poderiam atacar.

O homem rogou o auxílio do senhor e pediu a proteção de São Tiago. Para a salvação, o Santo apareceu montado em um cavalo, e o ajudou a carregar o defunto até chegar a sua catedral no Monte do Gozo¹⁰⁰. Então, o Apóstolo entregou o defunto aos cônegos da dita basílica para dar sepultura ao peregrino.

Assim, o Apóstolo de Jesus pediu ao fiel peregrino que fizesse suas preces e retornasse à sua pátria, e que nesse caminho ele passasse pela cidade de León, onde os outros companheiros estariam, e que lhes transmitissem um recado: “Como haveis deixado seu companheiro deslealmente, abandonando-o, o santo Apóstolo os anuncia que suas orações e peregrinação o desagradam profundamente”. O bispo desta cidade dá a eles uma penitência e os manda regressarem, dando por acabado o caminho de sua peregrinação. “Isto foi realizado pelo Senhor e é admirável aos nossos olhos” (SAL. 117:23; MATEUS, 21:42). Porque estas coisas foram feitas pelo Senhor. Dessa maneira, neste milagre se demonstra que tudo o que se oferece a Deus deve cumprir-se com alegria, para que com votos dignos receba o perdão do Senhor. “O qual se digna a conceder-nos Jesus Cristo nosso Senhor, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina Deus pelos infinitos séculos dos séculos. Assim seja”.

Este milagre possui muitas características atrativas para a sociedade medieval, pois trata do pacto de fidelidade, uma característica da época. O valor do juramento era muito importante. Renegar um juramento representava, na mentalidade medieval, a pior das desonras. Um exemplo de juramento medieval é a suserania e vassalagem, em que o vassalo presta fidelidade e homenagem ao seu senhor. Essa era a regra básica do feudalismo.

Essa narrativa exemplifica o caso de trinta cavaleiros que prestaram juramento, exceto um, para seguirem em peregrinação até Santiago, na Galiza, mas em situação extrema deixaram um companheiro enfermo em apuros. O que não se comprometeu com o juramento ajudou o doente. Nessas circunstâncias, aquele que prestou a caridade, livre de qualquer promessa, também se vê em dificuldades, porém, por sua boa ação São Tiago o ajuda. Os companheiros que quebraram o juramento e agiram com egoísmo e desonra, são obrigados a retornarem para sua pátria, pois não cumpriram os deveres do peregrino de amizade aos parceiros de jornada.

Denota-se também a intertextualidade com a *Bíblia* ao citar o *Eclesiastes* (5, 4), extraindo o objetivo moralizante do voto, uma vez que alerta sobre a execução das promessas, que formavam uma parte importante na religião hebraica, sendo ainda motivo de grande

⁹⁹ É o porto que comunica o vale Francês de Cize, um dos sete da Baixa Navarra, com o espanhol de Roncesvales (Nota 711 do *Codex Calixtinus*, tradução castelhana, 2014, p. 525).

¹⁰⁰ Mons Gaudii fica a 5 km ao Leste de Santiago, pela estrada de Lugo, no Caminho Francês.

profanação e desrespeito para com Deus. A questão do voto também está presente em Deuteronômio (23:21-23).

Os votos não são considerados deveres absolutos aos quais uma determinada pessoa fica vinculada. Têm antes um caráter voluntário, contudo, uma vez realizados, deverão ser cumpridos. Os votos podem ser promessas de dedicação de certas pessoas ou coisas a Deus, ou de privação de certos atos. O não cumprimento de um voto eleva o homem à categoria de insensato, passando este a desagradar a Deus. Ou melhor, nem os homens, nem Deus, nem São Tiago encontram prazer numa pessoa que não é capaz de cumprir aquilo que promete.

Milagre IX – Do soldado de Tabaria a quem deu o Apóstolo poder para vencer aos turcos e o livrou de uma enfermidade e do perigo do mar¹⁰¹

Exemplo de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. No ano de 1103 da encarnação do Senhor, certo ilustre cavaleiro de linhagem francesa, famoso em Tabaria, em terras de Jerusalém, fez um voto de ir ao santuário de São Tiago, se o Apóstolo lhe desse forças para vencer e destruir os turcos na guerra. Então o Apóstolo lhe concedeu a graça solicitada. Porém o cavaleiro não cumpre o prometido e fica muito enfermo. Assim, pois, o Apóstolo aparece para o escudeiro do homem enfermo, e lhe diz que se o cavaleiro se puser a cumprir o prometido encontrará a cura para sua enfermidade. O cavaleiro ao saber disso se prontifica a cumprir a promessa. Então, após receber as indumentárias de peregrino escapou da enfermidade. O cavaleiro, então, segue em peregrinação a Santiago. Quando embarcou em uma nave para ir ao sepulcro de São Tiago, uma tempestade trouxe grandes ondas, assustando todos os passageiros. Imediatamente os peregrinos rogaram a São Tiago pedindo auxílio. O santo Apóstolo, então, apareceu para os fiéis e abrandou a tempestade, salvando a todos. Desapareceu logo em seguida. Todos que presenciaram esse milagre deram graças a São Tiago e o cavaleiro, e os peregrinos prosseguiram até a Galiza, onde ofertaram grande soma em dinheiro para a obra da igreja. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Esse milagre, além de tratar novamente sobre a temática do cumprimento dos votos, realça a importância das doações, dando uma ideia de como as arrecadações eram feitas e incentivadas. Relatos moralizantes como estes foram utilizados pela Igreja como objeto de persuasão, pois nestes milagres em que se coloca o fiel em situações de castigo são exemplos para os cristãos daquilo que não deve ser seguido.

¹⁰¹ Tradução da pesquisadora, capítulo IX do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 347).

4.2.2.2 Arrependimento dos pecados

Milagre II – Do homem que lhe foi apagado a anotação de um pecado diante do altar de São Tiago¹⁰²

Conforme o Papa Calixto, este milagre é um exemplo de São Tiago, escrito por São Beda, presbítero e doutor. Este relato, segundo o escritor, ocorreu em tempos do bem-aventurado Teodomiro¹⁰³. Nessa narrativa, houve um italiano, que cometeu um gravíssimo pecado, que resolveu confessar ao seu sacerdote. O pároco ficou aterrado com tão grave culpa e não se atreveu em impor-lhe penitência, preferiu enviar o pecador ao sepulcro sagrado de São Tiago, com uma cartinha onde estava escrito o seu pecado, ordenando-lhe que pedisse de todo coração que o Apóstolo Tiago o auxiliasse, e que o bispo da basílica apostólica o submetesse ao julgamento.

Prontamente, o homem seguiu à basílica, no dia do Santo, ou seja, dia vinte e cinco de julho, e sobre o altar, muito arrependido, colocou a cartinha no local indicado. Ele chorou muito e rezou pedindo perdão a Deus e a São Tiago pela falta grave cometida.

Quando o bispo Teodomiro foi cantar a missa na basílica, ele encontrou o bilhete sob o pano do altar e perguntou quem o havia escrito e colocado ali. O penitente então se apresentou e contou-lhe seu pecado. No entanto, o Bispo, ao abrir o bilhete, deparou-se com um papel em branco, como se nada tivesse sido escrito. Foi uma coisa admirável e de grande alegria, louvor e glória para Deus e o Apóstolo, e que deve ser sempre cantada. “Isso foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Assim, o bispo decide absolver o penitente de seus pecados, mandando-o somente jejuar nas sextas-feiras, pois o pecador havia alcançado o perdão de Deus, pelos méritos do Apóstolo Tiago. No relato, o autor ensina que todo aquele que decide verdadeiramente se arrepender de seus pecados e que peregrina à basílica de São Tiago, sem dúvida, terá as marcas de sua culpa apagadas para sempre, pois o cumprimento dessa graça se deve ao Nosso Senhor Jesus Cristo que o Pai e Espírito Santo vivem e reinam para sempre. “Assim seja”.

Nesse relato de milagre observa-se o ensinamento que todo aquele que busca o perdão pelas faltas cometidas e que de longínquas terras busca o auxílio de São Tiago obtém o perdão do Senhor. Como já foi mencionado neste trabalho, muitos peregrinos faziam os caminhos até a cidade de Compostela para o pagamento de alguma penitência, ou de algum crime. No caso desse relato, o pecado foi gravíssimo, mas o sacerdote da cidade prefere mandar o homem fazer a peregrinação à Basílica de São Tiago, para buscar o perdão.

Nas Sagradas Escrituras o perdão é um aspecto do amor de Deus. Em Provérbios (28, 13), Deus demonstra estar sempre disposto a perdoar. Nas passagens bíblicas em que o perdão

¹⁰² Tradução da pesquisadora, capítulo II do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 331).

¹⁰³ Segundo nota do *Codex Calixtinus* (Tradução castelhana, 2014, p. 331) e MALEVAL (2005, p. 103), Teodomiro foi bispo de Iria Flávia na época que o sepulcro de São Tiago foi descoberto, em 830. Mas São Beda viveu um século antes desse fato, e por isso esse milagre deve ser o milagre jacobeu mais antigo, e esse tema do pecado apagado por São Tiago se repete em São Gil, quando Carlos Magno escreveu seu pecado mais grave, no mosteiro de Lyon, o qual foi absolvido e penitenciado pelo bispo.

é citado, Deus assegura que quando o homem está genuinamente arrependido de coração, Ele estará também disposto ao perdão dos pecados do homem. No Salmo 38 (4-8), Davi diz: “Minhas faltas ultrapassam-me a cabeça, como fardo pesado elas pesam sobre mim”. Nessa passagem, Davi sabia que o fardo de uma consciência culpada podia ser muito pesado, mas ele obteve o consolo, pois Deus não odeia o pecador, desde que esse realmente se arrependa e rejeite o pecado, assim como ocorreu com o peregrino jacobeo.

Outra questão que se destaca nesse milagre é a promoção da peregrinação à basílica apostólica, uma vez que para alcançar o perdão dos pecados com os auxílios do Santo Apóstolo Tiago era necessário que o pedido fosse feito em Compostela. O pároco local não se atreveu a julgar e penitenciar o homem, ele prefere passar o cargo dessa missão ao bispo Teodomiro, o qual é considerado como bem-aventurado Bispo.

4.2.2.3 Punição para quem age com más ações

Milagre XIII – Do cavaleiro Dalmácio, a quem o Apóstolo justificou graças a seu peregrino Raimberto¹⁰⁴

No ano de 1135, certo cavaleiro do Delfinado chamado Dalmácio de Chavannes¹⁰⁵ bateu sem razão com o punho no rosto do seu colono Raimberto que lutava com ele. Quando Raimberto estava apanhando rogou auxílio a São Tiago e o agressor ficou retorcido e com o braço quebrado, assim, desmaiado ao chão pediu perdão a quem agredira, dizendo: “Raimberto, peregrino de São Tiago, roga ao Apóstolo em quem confias por minha saúde”. E São Tiago, a rogo de Raimberto, devolveu a saúde anterior do cavaleiro por obra e clemência divina. “Isto foi realizado pelo Senhor e é maravilha aos nossos olhos”.

Observa-se nesse milagre a questão da hierarquia devocional, visto que a intercessão se dá do crente para o santo e do Santo para Deus. O agressor pede ao peregrino de São Tiago para rogar auxílios ao Apóstolo de Cristo, demonstrando certa confiabilidade e afinidade do peregrino com o santo protetor, pois aquele que peregrina a Santiago sempre terá sua proteção, mesmo estando distante de seu sepulcro.

¹⁰⁴ Tradução da pesquisadora, capítulo XIII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 355).

¹⁰⁵ Chavannes é um lugar da comarca de Saint-Vaillier (departamento da Drôme) na antiga diocese de Vienne em Dauphiné (ou Vienna do Delfinado) (Conforme nota do *Codex Calixtinus*, 2014, p. 355).

4.2.2.4 Para quem não faz o pedido por completo

Milagre XXII: Do homem que foi vendido treze vezes e outras tantas libertado pelo Apóstolo¹⁰⁶

Milagre de São Tiago exposto pelo Papa Calixto. No ano de 1100 da encarnação do Senhor certo cidadão barcelonês peregrinava à basílica de São Tiago. Ele havia pedido ao Apóstolo somente que o livrasse do cativeiro de seus inimigos, caso caísse nele. Após retornar à sua casa viajou para a Sicília e foi capturado no mar pelos sarracenos. Aconteceu-lhe também, que foi vendido e comprado por treze vezes. E todas as vezes que era vendido os donos não conseguiam prendê-lo, pois São Tiago lhe rompia as cadeias e ataduras. Ele foi vendido e preso por treze vezes, passando por: Corociana, Lazera, Blasia, Turcoplia, Pérsia, Índia, Etiópia, Alexandria, África, Berbéria, Bizerta, Bugia e Almeria. Na última vez foi amarrado fortemente por um sarraceno com duas cadeias ao redor das pernas, assim clamou a São Tiago, que lhe disse: “Porque estando na minha basílica, me pediste somente a libertação de teu corpo e não a salvação da tua alma, e por isso tens caído nestes perigos. Mas como o Senhor se tem apiedado de você, me enviou para tirar-te destas prisões”. Neste instante as correntes foram partidas ao meio e o Apóstolo desapareceu. O homem regressou à sua terra, e no caminho de volta, todas as vezes que um inimigo lhe aparecia, ele mostrava-lhe as correntes e o adversário desaparecia, além de manadas de leões, ursos, leopardos e dragões que em vendo suas correntes afastavam-se. Segundo o Papa Calixto, quando este homem o encontrou entre Estela e Logroño, a caminho de Santiago, ele lhe contou todo o ocorrido.

Neste exemplo devem-se compreender os que pedem ao Senhor e a seus santos, que o pedido deve ser completo, visando sempre à salvação total do devoto. Os pedidos devem ser para a salvação da alma, não apenas no que concerne ao proveito do corpo. Para a vida da alma importam somente as virtudes como a fé, esperança, caridade, paciência, temperança, hospitalidade, liberalidade, humildade, obediência, paz, perseverança e outras semelhantes. Assim, um pedido de libertação, pelo simples fato da libertação, não está completo, uma vez que o peregrino deveria ter pedido a libertação em consonância com as coisas sublimes.

Os grilhões quebrados pelo Apóstolo, após a salvação do peregrino e de seu arrendimento por ter feito um pedido incompleto, serviram como objetos de proteção, assim como a indumentária do peregrino jacobeo, visto que foram santificados por São Tiago.

¹⁰⁶ Tradução da pesquisadora, capítulo XXII do Livro II (*Codex Calixtinus*, 2014, p. 381).

CONCLUSÃO

Essa dissertação procurou estudar o *Codex Calixtinus*, centrando-se nos Livros II, III e IV, relacionando-os ao imaginário medieval.

A análise do contexto histórico relacionado às peregrinações cristãs serviu como base para a compreensão do culto aos apóstolos de Cristo, Pedro e Tiago, e a necessidade dos povos de se moverem em grandes viagens de sentido devocional, na busca pela cura, remissão dos pecados e purificação da alma.

As narrativas presentes no *Codex Calixtinus*, especialmente dos Livros II, III e IV, representam simbologias relacionadas com o culto jacobeo. O Livro III, o qual narra a transladação do corpo do Apóstolo à Galiza, e explica as solenidades da Igreja de São Tiago, possui natureza hagiográfica, em que misturam fatos reais e míticos, na tentativa de convencer o leitor de que a viagem maravilhosa dos discípulos do Apóstolo à Galiza é considerada um milagre por intercessão de Deus. Uma leitura atenta desse livro permite entender que sua narrativa não está completa, pois não possui um sentido propriamente definido. Porém, é bastante clara a tentativa de utilizar esses relatos como justificativas para existência do santuário galego em honra a São Tiago.

Quanto ao Livro IV, *História Turpini*, pode-se dizer que esse livro tem como objetivo a glorificação do imperador Carlos Magno, que, em meados do século XII, ainda era bastante cultuado (DÍAZ Y DIAZ, 1997, p. 120). A *História Turpini* ressalta a exaltação a Carlos Magno e apoia as cruzadas na *Hispania*, para libertação dos povos autóctones Pirineus dos invasores, os quais eram entendidos como o mal enviado pelo diabo.

A história narrada sobre Carlos Magno no Livro IV possui pouca relação com a história carolíngia, pois o ficcional extrapola a realidade, colocando a figura de São Tiago como o grande mentor das estratégias de guerra decididas pelo imperador, pois segundo Singul (1999, p. 174), na *História Turpini*:

O autor tem talento poético de reunir todos os heróis das lendas e das canções de gesta daquela época nas charnecas da França, para que todos juntos fossem libertar a terra de São Tiago dos muçulmanos, deixando livre de perigo o sepulcro do Apóstolo. Trata-se de uma verdadeira cruzada épica, na qual a flor dos guerreiros de lenda e poesia vencem os exércitos do mal, dirigidos pelos malvados Aigolando e Almançor, dois inimigos formidáveis aos quais havia que combater sem piedade e com a ajuda de todos os heróis francos.

A *História Turpini* foi muito importante para a promoção da Basílica de Santiago de Compostela na Galiza, e insere a figura de São Tiago Mata-Mouros no universo do maravilhoso medieval do século XII.

O Livro II, ou *Livro dos Milagres*, objeto de estudo central deste trabalho, é uma compilação de relatos exemplares para o peregrino jacobeo, que provam a existência do poder de Deus pela intercessão de São Tiago, a todo aquele que empreende a peregrinação a Compostela. Nos milagres apresentados no Livro II verifica-se a marca fundamental do maravilhoso medieval, em que seres divinos e malignos, extrapolam a realidade, colocando em prova a fé e a devoção do peregrino, que é a personagem principal das narrativas. A figura do peregrino protagoniza as narrativas porque como personagem permeia todos os relatos e simboliza o encontro com o sobrenatural num lugar preciso, participando de uma realidade diferente da profana. Acrescenta-se a isso, que o peregrino obtém com sua viagem benefícios espirituais e físicos: perdão dos pecados e a cura de seu corpo, servindo de exemplo para qualquer indivíduo (LE GOFF, 2006, p. 353).

Um milagre é um feito maravilhoso em que se quebra a ordem natural das coisas (DIAZ Y DIAZ, 1999, p. 418). Nos relatos de milagres de São Tiago percebe-se que o poder de Deus, segundo uma visão medieval, está sobre todas as coisas. Segundo Brea (1993, p. 60), os milagres são a demonstração visível da capacidade divina, e algo assim prova que Deus existe, e também o céu e o inferno, que de outra maneira poderiam ser aceitos simplesmente como dogmas de fé. Os milagres narrados nos textos medievais são quase um clamor para que permaneçam inseridos na mente humana. Os milagres deixavam as pessoas maravilhadas, agradecidas pela utilidade do culto, neste caso a São Tiago, mas sempre subordinado ao culto a Deus.

Os milagres, como exemplos de fé, apresentam muitas lições moralizantes e, por isso, o poder divino que racionaliza a maravilha no milagre, conserva certo terror, ou ao menos, temor pelo divino. A Igreja, na Idade Média, usou constantemente a imagem do Céu e do Inferno, fazendo as pessoas decidirem por uma direção. Assim, era necessário dar o exemplo. Muitas narrativas medievais seguiam o modelo do *exemplum*, ou *exempla*, no plural, que é um gênero de discurso que objetiva fornecer um exemplo de comportamento ou moralidade. Um dos principais propósitos da palavra *exemplum* na Idade Média é a de um modelo. Esse discurso moralizante e exemplar encontra-se nos relatos de milagres.

Conforme Lacarra Ducay (2005, p. 301) o estudo detalhado dos relatos de milagres do *Codex Calixtinus* nos permite observar como se configura um milagre, que em relação a outros gêneros, como é o caso do *exemplum*, vão tomando forma, assimilando características.

Através dos relatos de milagres é possível descobrir os ecos das tensões que o culto a São Tiago suplantava na Galiza, e outros santuários, em proveito de rendimento econômico de santuários e monastérios.

Outra questão levantada nesse estudo sobre os relatos de milagres do *Codex Calixtinus* é a intertextualidade com a Bíblia. Muitos relatos fazem menção aos textos bíblicos, e isso se explica pelo fato de São Tiago, assim como outros santos medievais, terem vivenciado os ensinamentos de Cristo, e terem seguido exemplos.

Dessa maneira, é possível perceber, através dos relatos do *Codex Calixtinus*, a grande metáfora da peregrinação, a saber, a reconciliação com Deus e com as coisas divinas.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ANGUITA JAÉN, José María. “*Peregrinatio*: La Conformación de un concepto, la transformación de una realidad (S. XI)”. In: *Identidad europea e intercambios culturales en el Camino de Santiago de Compostela, siglos XI-XV*. Universidad de Santiago de Compostela, 2013, ISBN 978-87-15876-63-2, pp. 151-168.

BÍBLIA DE JERUSALÉM (A). São Paulo: Edições Paulina, 2002.

BREA, Mercedes. Demônios travestidos de santos: el caso del peregrino engañado por Satanás. In: *De lo humano y divino em La literatura medieval: santos, ángeles y demônios*/Juan Paredes (Ed.). Granada: Editorial Universidad de Granada, 2012, p. 109-122).

BREA, Mercedes. *Milagros prodigiosos y hechos maravilhosos en las Cantigas de Santa Maria*. Revista de Literatura Medieval, V, 1993, p. 47-61.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *Codex Calixtinus - Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lanciani, G. e Tavani, G. (coord.) Lisboa: Caminho, 1993.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *Caminos y Caminantes a Compostela – Una evocación*, Actas Congreso sobre O CAMIÑO XACOBEO EM OURENSE. Ourense, 29/09 a 02/10/1993. Xunta de Galicia, 1995, p. 145-163.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *De Santiago y de los Caminos de Santiago*. Colección de inéditos y dispersos reunida y preparada por Manuela Domínguez García. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1997.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *El Codice Calixtino de la Catedral de Santiago*. Estudio Codicológico y de contenido por M. C. Diaz y Diaz. Con la colaboración de M. Araceli GARCIA PIÑEIRO y Pilar del ORO TRIGO. Santiago de Compostela: Centro de Estudios Jacobeos, 1988.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *Las peregrinaciones y la peregrinación a Santiago*. Actas do V Congresso de Arqueologia Medieval Española: Valladolid, 22 a 27 de março de 1999, vol. 1, 2001, pág. 417-422.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *Las tres grandes peregrinaciones vistas desde Santiago*”, In: *Santiago, Roma, Jerusalén*. Actas del III Congreso Internacional de Estudios Jacobeos. Edición de Paolo Caucci Von Saucken. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2010, p. 81-97.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C., *Liber sancti Jacobi*. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Tradução: José Colaço Barreiros e Artur Guerra – Lisboa: Ed: Caminho, AS, 1993, 2ª edição.

DUBY, Georges. *O Ano Mil*. Lisboa: Edições 70, 1986.

FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. Tradução: Luciano Machado. São Paulo: Ed: Estação Liberdade, 2004.

GARCIA de CORTÁZAR, J. Ángel. *El hombre medieval como “Homo viator”*: Peregrinos y Viajeros, IV Semana de Estudios Medievales, Logroño, 1993. In <[HTTP://www.vallenejerilla.com/berceo/santiago/homoviator.htm](http://www.vallenejerilla.com/berceo/santiago/homoviator.htm)> Acessado em 28/04/2017.

História Compostelana (HC). Tradução de Emma Falque Rey. Madrid: Ediciones Akal, 1994.

JACOPO DE VARAZZE. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LACARRA DUCAY, Maria Jesús. Cuentos y Leyendas em el camino de Santiago. In: *Los caminos de Santiago*. Arte, história, literatura, 2005. p. 285-312.

LANCIANI, G. & TAVANI, G. *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

LEÃO, Ângela Vaz. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. São Paulo: Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média*. Colaboração de Jean-Louis Schlegel Trad. Hortência Lencastre. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012.

LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2014.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média: conversando com Jean-Luc Pouthier*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010.

LE GOFF, J. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições Setenta, 1983.

Liber Sancti Jacobi, Codex Calixtinus. Trad. De A. MORALEJO, A. TORRES e J. FEO, Santiago de Compostela, 1951 (Reedição: Santiago: Xunta de Galícia, 2014).

Liber Sancti Jacobi, Codex Calixtinus. Trad. De A. MORALEJO, A. TORRES e J. FEO. Disponível em: <http://www.camino Santiagoencadiz.org/index/CodexCalixtinus/CodexCalixtinus.html>> Acesso em 01/06/2016.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Maravilhas de São Tiago. Narrativas do Liber Sancti Jacobi (Codex Calixtinus)*. Niterói: EdUFF, 2005.

MARIANO, Alexandra B. e NASCIMENTO, Aires A. *Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV (Itinerarium ad loca sancta)*. Estudo e tradução: Alexandra B. Mariano, Texto Latino: Aires A. Nascimento. Lisboa: Ed. Colibri, 2009.

MELO NETO, Ivo Correia de. *Peregrinos y Santuários en las Cantigas de Santa Maria*. Université Paris X Nanterre La Défense, Francia. 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.org.ar/pdf/tmedie/v18/v18a03.pdf>>. Acessado em 01/06/2016.

MÉNAGER, Celine. Les femmes en Terre sainte aux IV^e et V^e siècles : une nouvelle piété pour les matrones romaines. In: *Couverture Questes n°22 La route des pèlerins*. Disponível em: < <https://questes.revues.org/207> > acessado em 28/07/2006

NASCIMENTO, Aires A. *Milagres medievais numa coletânea mariana alcobacense*. Lisboa: Colibri, s.d. 2004.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. *Reflexões sobre hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SINGUL, Francisco. *O caminho de Santiago: a peregrinação ocidental na Idade Média*. Tradução: Maria do Amparo Tavares Maleval. – Rio de Janeiro: ED. UERJ, 1999.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADRIÃO, Vitor Manuel. *Santiago de Compostela: Mistérios da Rota Portuguesa*. Coimbra: Dinapres de Martins & Coimbra, 2011.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*, cap. Doutrina geral das épocas literárias: A idade Média. São Paulo: Cultrix, 1972.

BARREIROS, Antônio José. *História da literatura portuguesa. Vol. 1: sécs. XII-XVIII*. Braga: Bezerra Editora, 1997.

BECEIRO PITA, Isabel. De las peregrinaciones al viaje interior. Las transformaciones en la religiosidad nobiliar castellana, *Cahiers d'Etudes Hispaniques Médiévales*, n° 30, 2007, p. 109-125.

BREA, Mercedes e FIDALGO, Elvira. Versiones iberorrománicas de los milagros de Santiago. In: *Tipología de las formas narrativas breves románicas medievales* (III), Juan Manuel Cacho Blecqua e María Jesús Lacarra (eds.) Zaragoza- Granada: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2003, p. 183-211.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Literatura Portuguesa Medieval*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

BUTLER, Alban. *Vida dos Santos*. Ed. Completa. Petrópolis: Vozes, 1993.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASTRO, Américo. *Como fue imaginada y sentida la presencia del apóstol “& consecuencias bélicas y políticas*. La realidad política de España, capítulo IX. In <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/santiago/americo.htm>>. Acessado em 01/09/2014.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 1986.

CUNHA, Viviane. *O sujeito e sua representação na cantiga de amigo galego-portuguesa*. In: Anais do XV Encontro de Professores Univesritários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo: UNESP, 1995. p. 323-327.

_____. *Texto inédito*. “Da Antiguidade à Baixa Idade Média: um Olhar sobre a Figura de Maria”. VIII Semana de Pós-Graduação em Estudos Clássicos e Medievais: Religião e Sagrado nos Mundos Antigo e Medieval. PósLit, FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2009.

DIAS, A. P., “Vida de Sancto Amaro: A representação do Paraíso no imaginário clerical medieval”. Publicação da Universidade do Minho. *Letras e Letras*. Agosto, 1997.

DUBY, Georges. (org.) *História das mulheres no ocidente*. Lisboa: Afrontamento, 1990. p.331-353.

- _____. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Guerreiros e camponeses*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.
- _____. *Idade Média, Idade dos homens*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Lisboa: Don Quixote, 1988.
- _____. O modelo cortês. In: _____.; ZUBER, Christiane Klapisch. *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 2. Porto: Edições Afrontamento, 1993.
- _____. *O tempo das catedrais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Estampa, 1993.
- _____. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. 2.^a ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. *História das crenças e das idéias religiosas*. Tomo 1. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- EUSÉBIO, de Cesareia, Bispo de. *História Eclesiástica*. Biblioteca de Autores Cristãos de la Editorial Católica, S.A. Madrid. 1973. V.1 e v.2
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FERNÁNDEZ, R, G. El mito gótico en la historiografía del siglo XV. In: *Los visigodos. Historia y civilización. Antigüedad y cristianismo*. Murcia, 1986.
- FÉRNANDEZ, Emílio Mitre. *Introducción a la historia de la edad media europea*. Madrid: Istmo, 1976.
- FERREIRA, Maria Ema Tarracha. *Antologia literária comentada: Idade Média*. São Paulo: Editora Ulisseia, 1975.
- FIDALGO, Elvira. *Sobre las fuentes de los Miraglos de Santiago*, BHS, 82, 2005, p. 293-312.

FIDORA, Alexander y PARDO PASTOR, Jordi (coord.). *Mirabilia 2. Expresar lo Divino: Lenguaje, Arte y Mística*. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval. Barcelona, Dez/2002.

FILGUEIRA VALVERDE, J. *La Estela Literária de Compostela*. Historia 16, n° 75, 1982, p. 106 -116.

FILGUEIRA VALVERDE, Xosé. (1992): *Poesía de santuarios*. Compostellanum 8, 1958. In: _____.; *Estudos sobre lírica medieval. Trabalhos dispersos (1925-1987)*, Galaxia, Vigo, p. 53-69.

FLETCHER, R. *Em busca de El Cid*. São Paulo: UNESP, 2002.

FLORI, J. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1990.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Os três dedos de Adão: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

GARCIA TURZA, Javier. *Introducción a El camino de Santiago y la sociedad medieval*. IER, Logroño, 2000, p. 27-31.

GARCÍA FITZ, F. *La Reconquista: un estado de la cuestión*. Clio & Crimen, n° 6, 2009, pp. 142-215.

GARCÍA-VILLOSLADA (Dir.). *Historia de la Iglesia en España - La iglesia en la España de los siglos VIII al XIV*. 2 Tomos. Madrid: B.A.C, s.d.

GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cía das Letras, 2007.

GIL DEL RIO, Alfredo. *Análisis de la leyenda del ahorcado en diferentes versiones. Testimonios pictóricos-artísticos basados en la leyenda*. In: <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/santiago/gallo.htm>>. Acessado em 21/09/2014.

GOGLIN, J, L. *Les misérables dans l'Occident médiéval*. Paris: Seuil, 1976.

GORDO MOLINA, Angel G. Papado y monarquía en el reino de León. Las relaciones político religiosas de Gregorio VII y Alfonso VI en el contexto del Imperium Legionense y de la implantación de la reforma pontifical en la Península Ibérica. In: *Studi Medievali* 49 (2), 2008, p. 519 -560.

GROUSSET, R. *La epopeya de las Cruzadas*. Madrid: Palabra, 1996.

- GUERREAU, A. *El futuro de un pasado. La edad media en el siglo XXI*. Barcelona: Crítica, 2002
- GUIMARÃES, Marcella Lopes (org.) *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais* – Curitiba. Ed. UFPR, 2013
- GURIÉVITCH, A. *As categorias da cultura medieval*. Lisboa: Caminho, 1990.
- HODGET, G. A. J. *História Social e Econômica da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- IRADIEL, P, SALUSTIANO, M, SARASA, E. *Historia Medieval de la España Cristiana*. Madrid: Cátedra, 1995.
- JAYO, G, Mérida. *A Invasão Muçulmana na Península Ibérica. Ideia de perda e salvação de Espanha no imaginário castelhano*. São Paulo. (Tese de Doutorado); Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: 2001.
- JONIN, Pierre, ABÍLIO, Rosemary Costhek. *A Canção de Rolando*. Tradução para o francês moderno, notas e comentários. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- JIMENEZ, M, G. Sobre la Ideología de la Reconquista: Realidades y Tópicos. pp. 151-170. In: *Memoria, Mito y Realidad en la Historia Medieval*. Logroño. Instituto de Estudios Riojanos del Gobierno de la Rioja. 2003.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa. Época Medieval*. Coimbra: Coimbra Editora, 1955.
- LEÃO, Ângela Vaz. *Novas leituras, novos caminhos: Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. São Paulo: Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.
- LEÃO, Ângela Vaz. *Cantigas de Afonso X a Santa Maria (antologia, tradução e comentários)*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2011.
- LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coordenador da Tradução: Hilário Franco Júnior. Vol. I. Bauru: EDUSC, 2006.
- LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coordenador da Tradução: Hilário Franco Júnior. Vol. II. Bauru: EDUSC, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes LTDA, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *Homens e Mulheres da Idade Média*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flamíneo Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 207 p. LEONI, G. D. *A canção de Rolando*. Trad. Ligia Vassallo. São Paulo: Atena, 1958. 142p
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2011.
- LOMAX, D, W. *La Reconquista*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.
- LÓPEZ ALSINA, F. El camino de Santiago: realidad histórica y tema historiográfico. In: IGLESIA DUARTE, José Ignacio de la. (Coord.). *Semana de Estudios Medievales*, 4, Nájera, de 2 a 6 de agosto de 1993. Actas Logroño: IER, 1994, p. 89-104.
- LOPEZ DIAZ, José. *Códice Calixtino - O Liber Sancti Iacobi en Galego*. Tradución e Notas de X. López Diaz. Nova Edición totalmente revisada. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2013.
- LOT, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Trad. Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1985 455 p. (Lugar da História).
- LUIS MARTÍN, J. Reconquista y cruzada. *Convegno Internazionale di studi Il Concilio di Piacenza e le Crociate*. Piacenza: 4 al 6 de mayo de 1995. p. 215-239.
- MANTRAN, R. *Expansão muçulmana*. (Séculos VII-XI). São Paulo: Pioneira, 1977.
- MARAVALL, José, A. *El Concepto de Espana en La Edad Media*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1981.
- MAROTO, D de P. *Espiritualidad de La Baja Edad Media*. Madrid: E.D.E, 2000.
- _____. *Historia de la espiritualidad cristiana*. Madrid: E.D.E, 1990.
- MARTINEZ-MORAS, Santiago López. *Épica y Camiño de Santiago. En torno al Pseudo Turpin*. A Coruña: Edicións do Castro, 2002.
- MENENDEZ PIDAL, R. *La España del Cid*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1943.
- MÍNGUEZ FERNÁNDEZ. J M. Alfonso VI / Gregorio VII. Soberanía imperial frente a soberanía papal. Argutorio: revista de la Asociación Cultural Monte Irago, 13, n.º 23, 2009, pp 30-33.
- MOLLAT, M. *Os pobres na Idade Média*, Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- MORENO. E, M. *Historia de España. Épocas medievales*. Barcelona: Crítica/Marcial Pons, 2010.
- MOYA-VALGANON, José G. *El trazado del camino de Santiago en La Rioja: aspectos de planteamiento y construcción*. In: <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/santiago/moya.htm>>. Acessado em 12/10/2014.

OLIVEIRA, M, C, G, M de. *As facetas de São Tiago no Líber Miraculorum do Codex Calixtinus*. Franca. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Direito e Serviço Social de Franca. Franca- São Paulo: 2002.

ORCÁSTEGUI, C & SARASA, E. *La historia en la Edad Media. Historiografía e historiadores em Europa Occidental: siglos V-XIII*. Madrid: Cátedra, 1991.

OURSEL, R. *Les Pèlerins du Moyen Age*. Paris: Fayard, 1963.

RAMIREZ PASCUAL, Tomas. *Milagros de peregrinos a Santiago*, Edición, traducción y estudio de la narración de vários 'Milagros de Peregrinos' conservada en un códice del Archivo de la Catedral de Santo Domingo de la Calzada, In: <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/santiago/milagros.htm>>. Acessado em 12/10/2014.

RUCQUOI, Adeline. *O Caminho de Santiago: a criação de um itinerário*, Signum, 9, 2007, p. 95-120.

RUCQUOI, Adeline. *Del reino de Pamplona al reino de Navarra. El camino francés*. VII Congreso General de Historia de Navarra. Príncipe de Viana: 2011, Volumen I. Separata.

RUCQUOI, Adeline, *História Medieval da Península Ibérica*. Trad. Lisboa: Estampa, 1995

RUCQUOI, A. *Mille fois à Compostelle. Pèlerins du Moyen Âge*. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

RUCQUOI, Adeline. *Santiago de Compostela y Europa: Intercambios? Identidad?, Identidad europea e intercambios culturales en el Camino de Santiago (Siglos XI-XV)*. Edición a cargo de Santiago López Martínez-Morás, Marina Meléndez Cabo, Gerardo Pérez Barcala. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2013, p. 27-49.

RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas. A primeira Cruzada e a fundação do reino de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, v.1.

RUST, L. D. *A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

SALVADOR MIGUEL, N. *Entre el mito, la historia y la literatura en la Edad Media: El caso de Santiago guerrero. Memoria, mito y realidad en la historia medieval*. Semana de Estudios Medievales, 13. Nájera, 29 de Jul o al 2 de Ago de 2002. Actas, Logroño, 2003, pp.215-232.

SANCHEZ ALBORNOZ, C. *España, un enigma histórico*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1956.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão (org.). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2008.

SILVEIRA, Aline Dias da. *Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa Maria*. In: PEREIRA, Nilton M., CROSSETTI, Cybele de A., TEIXEIRA, Igor S. Reflexões sobre o medievo. GT Estudos Medievais/ ANPUH-RS. São Leopoldo (RS): Oikos, 2009.

SOT, Michel. Peregrinações. In: LE GOFF, Jaques; SCHIMTT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval vol II*. Bauru: EDUSC, 2002. PP 353-366.

VÁSQUEZ DE PARGA, L., LACARRA, J.M. e URÍA RÍU, J. *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, 3 Tomos. Madrid: C.S.I.C. – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela de Estudios Medievales, 1948.

VAUCHEZ, A. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII à XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VELASCO, F, D. *La historia de las religiones: métodos y perspectivas*. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

VEREZA, R. *Visões do Inimigo. Imagens de Mouros em Castela no século XIII*. São Paulo. (Dissertação de Mestrado); Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1998.

VIDOTTE, A. RUI, A, J. Caminhos físicos, imaginários e simbólicos: o culto a São Tiago e a peregrinação a Compostela na Idade Média. *Projeto História* (PUC-SP), v. 42, p. 143-162, 2011.

VIEIRA, I. F, CABANAS, M.I. M, CABO. J.A.S. *O caminho poético de Santiago: lírica galego-portuguesa*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval/ Paul Zumthor*. Tradução Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.